



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MESTRADO EM LETRAS

LEILA MARTINS DOS SANTOS LIMA

**REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA NO JORNAL GAZETA DE NOTÍCIAS DO
RIO DE JANEIRO DE 1900 A 1905**

São Cristóvão

2025

LEILA MARTINS DOS SANTOS LIMA

**REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA NO JORNAL GAZETA DE NOTÍCIAS DO
RIO DE JANEIRO DE 1900 A 1905**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras.

Área: Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada.

Orientadora: Prof^a Dr^a Elaine Maria dos Santos.

São Cristóvão

2025

FOLHA DE APROVAÇÃO

LIMA, Leila Martins dos S. Representações da Mulher Negra no Jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro de 1900 a 1905. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2025.

BANCA AVALIADORA

Profa. Dra. Elaine Maria dos Santos
Universidade Federal de Sergipe
Orientador

Profa. Dra. Isabel Cristina Michelan de Azevedo
Universidade Federal de Sergipe
Avaliador Interno ao Programa

Profa. Dra. Fernanda Mota Pereira
Universidade Federal da Bahia
Avaliador Externo à Instituição

À mulher negra brasileira

AGRADECIMENTOS

Nos momentos finais desta jornada é natural e genuína a vontade de estender meus agradecimentos àqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste projeto. À CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa concedida e ao PPGL - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. O incentivo financeiro aliado à política de cotas foram indispensáveis para o meu ingresso e permanência no mestrado.

A Elaine Maria Santos, minha orientadora neste projeto, que com tanta sensibilidade, gentileza e solicitude me guiou desde a graduação até esta dissertação de mestrado. Obrigados nunca seriam suficientes, portanto fica aqui meu comprometimento de perpetuar este comportamento e seguir neste ofício assim: gentil, sensível e atenta.

A Rose, minha noiva e amor da minha vida, cujos doces e afáveis olhos e abraços me encheram de esperança e me fortaleceram no curso do caminho. É no tino de mudar nossas histórias e trajetórias que seguimos juntas no amor e na academia, mostrando com sangue e suor que nós nunca sucumbiremos.

Ao meu pai, Luciano, que ao estudar e mudar o nosso destino nos deu o maior exemplo de como correr pelo certo. Painho, obrigada pelos incentivos frequentes e por não desacreditar, você é meu herói.

A Matheus, meu irmão, uma figura de admiração na minha vida. Sua generosidade e companheirismo te fazem inspirador.

A Isabella Magalhães, minha amiga há muitos anos, seu apoio e convicção me deram forças para continuar e o vigor em dias não tão bons me mostraram que era possível reconstruir, e foi.

A Arthur e Bia, queridos amigos, seu apoio foi essencial para o bom andamento deste projeto. Amigos são a família que escolhemos para seguir o caminho conosco e nessa longa jornada, carrego vocês comigo.

À minha família, levo muito de vocês por onde andar.

Aos mestres do PPGL, o mais valioso desta experiência é o aprendizado que levo e as experiências ímpares que vivi neste período.

À universidade pública, que vive e faz viver.

Aos meus guias espirituais, por me deixarem sentir que eu não ando só.

O passado colonial foi "memorizado", no sentido em que "não foi esquecido". Às vezes, preferimos não lembrar, mas, na verdade, não se pode esquecer.

Grada Kilomba, Memórias da Plantação (2020).

RESUMO

Este estudo tem como objetivo investigar as representações da mulher negra no periódico Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, durante o início do século XX, entre 1900 e 1905, com um enfoque especial no contexto pós-abolicionista. Esse período histórico é crucial, pois marca a transição de uma sociedade brasileira que, apesar de ter encerrado formalmente a escravização, ainda estava enraizada em práticas e mentalidades racistas. O trabalho analisa até que ponto as representações veiculadas pelo jornal influenciaram a construção de identidades e a perpetuação de estereótipos raciais e sociais, no tino de compreender de que maneira as mulheres negras foram retratadas e posicionadas socialmente na época. Fundamentada nas teorias de representação de Stuart Hall (1997) e Roger Chartier (1991), a pesquisa adota uma abordagem qualitativa documental exploratória de cunho interpretativista. Tais conceitos são centrais para entender como as representações midiáticas constroem e perpetuam significados sociais, especialmente no que se refere à interseção entre raça e gênero. A metodologia inclui a análise minuciosa de artigos, anúncios e colunas do Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, com o objetivo de identificar padrões e recorrências nas representações das mulheres negras recém-libertas, além de explorar as condições sociais e históricas que moldaram essas narrativas. O vasto campo da Linguística Aplicada desempenha um papel principal neste estudo, quando amplia seu escopo para além do ensino e se debruça no uso da linguagem em contextos sociais. Esse enfoque permite uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas de poder e das representações simbólicas presentes na comunicação midiática da época. A Linguística Aplicada é aqui utilizada como uma ferramenta para decifrar o grau em que as linguagens no jornalismo da época contribuíram para a consolidação de estruturas de poder e desigualdade, ao perpetuar estereótipos e reforçar o aspecto subalterno das mulheres negras. Os resultados indicam que as representações das mulheres negras no Gazeta de Notícias desempenharam um papel significativo na manutenção de estereótipos raciais e de gênero, o que fortaleceu a marginalização dessas mulheres em um período de mudanças sociais significativas no Brasil. Esses achados sublinham a importância de se compreender as interseções entre mídia, linguagem e poder, a fim de realizar uma análise crítica das representações sociais e sua influência na formação das identidades coletivas.

Palavras-chave: Representações, Pós-Abolição, Linguística Aplicada, Mídia, Identidade, Mulher Negra.

ABSTRACT

This study aims to investigate the representations of Black women in the *Gazeta de Notícias* newspaper of Rio de Janeiro during the early 20th century, specifically between 1900 and 1905, with a particular focus on the post-abolitionist context. This historical period is crucial, as it marks the transition of Brazilian society, which, despite having formally abolished slavery, remained deeply rooted in racist practices and mentalities. The research examines the extent to which the representations conveyed by the newspaper influenced identity construction and the perpetuation of racial and social stereotypes, seeking to understand how Black women were portrayed and positioned within the social structure of the time. Grounded in Stuart Hall's (1997) and Roger Chartier's (1991) theories of representation, the study adopts a qualitative, documentary, and exploratory approach with an interpretivist perspective. These theoretical frameworks are essential for understanding how media representations construct and sustain social meanings, particularly at the intersection of race and gender. The methodology involves a meticulous analysis of articles, advertisements, and columns from *Gazeta de Notícias*, aiming to identify patterns and recurrences in the representations of newly emancipated Black women, as well as to explore the social and historical conditions that shaped these narratives.

The broad field of Applied Linguistics plays a central role in this study, extending its scope beyond language teaching to examine language use in social contexts. This perspective allows for a deeper understanding of power dynamics and symbolic representations present in the media discourse of the time. Here, Applied Linguistics serves as a tool to decipher the extent to which journalistic language contributed to the consolidation of power structures and social inequalities by perpetuating stereotypes and reinforcing the subaltern condition of Black women. The findings indicate that the representations of Black women in *Gazeta de Notícias* played a significant role in sustaining racial and gender stereotypes, thereby reinforcing their marginalization during a period of profound social change in Brazil. These results underscore the importance of understanding the intersections of media, language, and power to conduct a critical analysis of social representations and their influence on collective identity formation.

Keywords: Representations, Post-Abolition, Applied Linguistics, Media, Identity, Black Woman.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Primeira página do jornal *Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro*, edição de 1º de janeiro de 1900 – p. 41
- Figura 2** – Página inicial da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional – p. 50
- Figura 3** – Página inicial da Hemeroteca Digital no site da Biblioteca Nacional – p. 51
- Figura 4** – Interface da Hemeroteca Digital ao acessar o periódico *Gazeta de Notícias* e escolher o lapso temporal desejado para a pesquisa – p. 52
- Figura 5** – Interface da Hemeroteca Digital ao realizar a busca do item lexical "uma negra" no periódico *Gazeta de Notícias* – p. 53
- Figura 6** – Trecho da edição 262 do ano de 1904 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 62
- Figura 7** – Descrição de Zebinda, edição 80 do ano de 1904 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 63
- Figura 8** – Lista de personagens da peça *Agência de Casamentos*, edição 339 do ano de 1900 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 64
- Figura 9** – Anúncio solicitando empregada doméstica, edição 117 do ano de 1900 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 67
- Figura 10** – Notícia sobre Maria Pereira, edição 78 do ano de 1901 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 67
- Figura 11** – Descrição do exotismo de uma mulher negra, edição 12 do ano de 1905 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 68
- Figura 12** – Anúncio da peça teatral *Mulata Faceira*, edição 21 do ano de 1901 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 70
- Figura 13** – Anúncio do romance *A Mulata*, edição 318 do ano de 1901 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 71
- Figura 14** – Poema destacando a "mulata" como musa, edição 222 do ano de 1903 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 72
- Figura 15** – Relato sobre Eva Barbosa, edição 106 do ano de 1900 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 74
- Figura 16** – Descrição de "mulatas perdidas" associadas à prostituição, edição 98 do ano de 1904 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 75

Figura 17 – Descrição de Rita de Oliveira como "trabalhadeira," edição 114 do ano de 1901 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 76

Figura 18 – Descrição de uma mulher negra em crise epiléptica, edição 55 do ano de 1904 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 81

Figura 19 – Notícia sobre “uma preta gorda” causando tumulto, edição 327 do ano de 1902 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 82

Figura 20 – Representação de “uma preta velha” em contexto de feitiçaria, edição 193 do ano de 1900 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 83

Figura 21 – Representação desumanizadora de “uma preta,” edição 223 do ano de 1905 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 84

Figura 22 – Resposta da cartomante mencionando uma “mulata escura” em contexto ritualístico, edição 55 do ano de 1904 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 84

Figura 23 – Descrição de uma "mulata" de maneira caricata, edição 226 do ano de 1905 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 86

Figura 24 – Representação de "mulatas" em contexto neutro e descritivo no Asilo S. Luiz, edição 26 do ano de 1902 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 87

Figura 25 - Representação de "mulatas" em contexto neutro e descritivo no Asilo S. Luiz, edição 26 do ano de 1902 do jornal *Gazeta de Notícias* – p. 88

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição percentual das categorias para o item lexical “uma negra” – p. 54

Gráfico 2 – Distribuição percentual das categorias do item lexical “umas negras” – p. 55

Gráfico 3 – Distribuição percentual das categorias do item lexical “uma preta” – p. 56

Gráfico 4 – Distribuição percentual das categorias para o item lexical "Mulata" – p. 57

Gráfico 5 – Distribuição percentual das categorias para o item lexical "Mulatas" – p. 58

Gráfico 6 – Distribuição percentual das categorias para o item lexical "Mulatinhas" – p. 59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 GÊNERO E RAÇA.....	19
1.1 VISTA SOBRE RAÇA.....	19
1.2 GÊNERO: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL.....	24
1.2.1 A MULHER NEGRA: GÊNERO DESUMANIZADO.....	26
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	32
2.1 JORNAIS COMO FONTE DE PESQUISA.....	39
3 ANÁLISE DO JORNAL GAZETA DE NOTÍCIAS DO RIO DE JANEIRO: ANOS 1900 A 1905.....	47
3.1 COLETA DE DADOS: ESPECIFICIDADES E ACHADOS.....	48
3.1.1 APRESENTAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS.....	53
4 RESULTADOS.....	60
4.1 “UMA NEGRA”, “UMAS NEGRAS E “UMAS NEGRINHAS.....	61
4.2 “UMA PRETA”, “UMAS PRETAS” E “UMAS PRETINHAS”.....	66
4.3 “MULATA”, MULATAS” E “MULATINHAS”.....	69
4.4 “MULHER NEGRA”, “MULHERES NEGRAS”, “MENINA NEGRA” E “MOÇA NEGRA”.....	78
4.5 “OUTROS”.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	94
ANEXOS.....	99

INTRODUÇÃO

As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. Carneiro, S. (2003, p. 49)

Conhecer o intenso caminho da mulher negra brasileira no que diz respeito às suas trajetórias, histórias, vivências e representações ajuda a construir a história do país e produzir conhecimento desde a parcela excluída e subalterna da população. É importante abordar os efeitos resultantes da articulação das estruturas de poder na alocação social dos sujeitos da sociedade, principalmente das mulheres, pois esta faz com que as não brancas sejam as mulheres mais oprimidas e exploradas de uma região de capitalismo patriarcal-racista dependente como diz González (1988), ou seja o racismo apoiado no sexismo produz efeitos estarrecedores sobre a negra ao longo dos anos.

Nos primeiros cinco anos do século XX, em um Brasil pós-abolição em transição para uma sociedade republicana, as mulheres negras enfrentaram camadas de opressão racial e de gênero que moldaram profundamente suas posições sociais. Nesse contexto, os jornais desempenharam um papel central na construção e perpetuação de representações sociais, ao passo que a imprensa constituía um espaço privilegiado para observar as dinâmicas de poder e os discursos sobre grupos subalternos.

Diante desse cenário, esta dissertação busca responder à seguinte **pergunta de pesquisa**: De que modo as mulheres negras foram representadas no jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro entre 1900 e 1905, e até que ponto essas representações influenciaram a construção de estereótipos raciais e de gênero na sociedade brasileira do período? Essa investigação visa desvendar as intenções e significados subjacentes às narrativas veiculadas pelo periódico, contribuindo para uma análise crítica da invisibilidade e subalternidade atribuídas às mulheres negras.

Para alcançar esse propósito, o **objetivo geral** é analisar as representações da mulher negra no periódico Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro entre 1900 e 1905, compreendendo

como essas narrativas contribuíram para a perpetuação de estereótipos em um período tão turbulento como o pós-abolição. Os **objetivos específicos** incluem: identificar as principais categorias utilizadas para descrever as mulheres negras nos textos do jornal; examinar os contextos históricos e sociais que moldaram essas representações; analisar a interseção entre raça e gênero nas narrativas veiculadas e relacionar os achados às teorias de representação de Stuart Hall (1997) e Roger Chartier (1991). Deste modo é possível aprofundar a compreensão sobre as dinâmicas discursivas e sociais que configuraram as narrativas sobre as mulheres negras entre 1900 e 1905.

A escolha do objeto de estudo neste processo não é fortuita; o *Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro* foi um dos jornais mais influentes da época, amplamente lido por diferentes camadas da sociedade carioca. A análise de suas páginas oferece uma janela privilegiada para compreender como a mulher negra era representada e percebida pela sociedade de então. O periódico, ao dar voz a ideais e narrativas dominantes, acaba por revelar as tensões e contradições de uma sociedade marcada pela recém-adquirida liberdade formal dos negros, mas ainda profundamente imersa em práticas e mentalidades racistas herdadas do período escravocrata.

No cerne desta investigação, está a metodologia qualitativa documental exploratória que se apoia no domínio multifacetado e dinâmico da Linguística Aplicada e se orienta por uma abordagem de cunho interpretativista. Esta escolha metodológica permite uma análise detalhada das representações da mulher negra nas edições do *Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro*, em um tino de desvendar os significados subjacentes e as intencionalidades das representações. Além disso, o estudo é fundamentado em uma base teórica que abrange conceitos de representações sociais, história cultural, história da educação e identidade navegando nas ideias de autores como Stuart Hall (1997), Roger Chartier (1991), Burke (2004), Solá (1995), Lima e Fonseca (2003) e mais, o que faz com que uma abordagem que privilegie a linguística aplicada, na sua característica transdisciplinar (Moita Lopes, 2006, p. 14), seja imperativa, na medida em que não apenas se apropria de conhecimentos de outras áreas do conhecimento, mas, de forma conjunta, essas ciências se entrelaçam e são indispensáveis para a análise aqui proposta.

Podemos agora reconhecer que, ao longo da história, as mulheres negras enfrentaram uma dupla marginalização, sendo simultaneamente afetadas pelo racismo e pelo sexismo, pois “são suficientemente conhecidas as condições históricas nas Américas que construíram a relação

de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular” (Carneiro, 2003, p. 50-51). Durante o período escravocrata, a mulher negra era vista como um ser subalterno, apta apenas para o trabalho árduo e para a satisfação sexual dos senhores. Mesmo após a abolição, essas mulheres continuaram a ocupar uma posição de inferioridade social, sendo frequentemente relegadas a trabalhos precários e mal remunerados, como o serviço doméstico. Este trabalho nos permite portanto, iluminar como tais estigmas e representações perpetuaram-se ou transformaram-se no início do século XX e até que ponto contribuíram para a invisibilidade e subalternidade dessas mulheres na sociedade.

Além disso, dedicamo-nos a contribuir para sanar a lacuna significativa na historiografia e nos estudos de gênero brasileiros. Embora existam inúmeras pesquisas sobre a escravização e suas consequências, poucas são as que se debruçam sobre as representações das mulheres negras na imprensa, especialmente em um período tão crucial como o início do século XX, entre os anos de 1900 e 1905. Portanto, não apenas recuperam-se vozes e histórias frequentemente silenciadas, mas também desafiam-se as narrativas dominantes que, por tanto tempo, negligenciaram a complexidade das experiências das negras na construção deste país.

Este trabalho é especialmente significativo para mim, não apenas como pesquisadora, mas como uma mulher negra que, ao longo da vida, tem buscado compreender e afirmar sua identidade. Como autora, todas as discussões aqui estabelecidas me atravessam de forma profunda e pessoal. Minha motivação surge do desejo de entender melhor o mundo ao meu redor e de conceber o meu lugar nele. Foi apenas após os 24 anos, ao ingressar na universidade pública, que comecei a entender minha negritude e conhecer a história do povo negro que me precedeu. A partir dessa experiência transformadora, estabeleci que meu trabalho acadêmico deveria contribuir para a devolução da dignidade e para a construção da história da mulher negra brasileira, que é também a minha história. É com esse compromisso que este estudo se insere, com foco em não apenas entender, mas também transformar a narrativa sobre as mulheres negras no Brasil, dando-lhes a visibilidade e o reconhecimento que historicamente lhes foram negados.

Minha experiência como pesquisadora começou a se consolidar em 2021 e 2022, quando participei dos projetos de PIBIC intitulados "O Marquês de Pombal e a Instrução Pública - Teses" e "Análise das gramáticas de inglês da era pombalina: características, similitudes e continuidades". Esses trabalhos, aos quais me voluntariei, foram fundamentais para meu desenvolvimento na análise, levantamento e exame de informações, assim como na pesquisa

acadêmica de uma forma mais abrangente. Foi durante esse contato com compêndios antigos que surgiu meu interesse por trabalhar com documentos de época, o que coincidiu com meu desejo crescente de compreender mais sobre as mulheres negras e suas representações históricas.

A partir dessas experiências, idealizei, junto com a Dra. Elaine Maria dos Santos, minha orientadora nesses projetos, meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado "Representações da mulher negra no Jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro no final do século XIX". Essa peça representou um aprofundamento do interesse por estudar a representação das mulheres negras na mídia histórica e proporcionou uma base sólida para a pesquisa que agora desenvolvo aos pés do campo da Linguística Aplicada. Essa trajetória acadêmica, a universidade pública e o apoio intenso da orientadora foram cruciais para o delineamento dos caminhos que me trouxeram até aqui, fortalecendo minha convicção de que a pesquisa histórica e crítica é essencial para a compreensão e valorização das experiências das mulheres negras ao longo da história.

A continuidade desse percurso, desde os projetos de PIBIC até esta dissertação de mestrado, reflete meu compromisso em contribuir de maneira significativa para uma dinâmica de produção de conhecimento que desafie narrativas hegemônicas e promova uma visão mais inclusiva e abrangente, principalmente sobre a história da mulher negra no Brasil. Este trabalho é, portanto, uma extensão natural das investigações que iniciei em minha formação acadêmica, mas com um enfoque ainda mais direcionado e comprometido com a justiça social e o reconhecimento histórico.

Esta dissertação está organizada em uma introdução, quatro seções principais, considerações finais e anexos. Na introdução, apresento o contexto e a relevância do estudo, além de expor as motivações pessoais e acadêmicas que me guiaram à escolha do tema. Nessa parte, também discuto as principais teorias e conceitos que fundamentam a pesquisa, como as teorias de representação de Stuart Hall e Roger Chartier, além dos conceitos de história cultural e história da educação.

Na primeira seção, Gênero e Raça, a discussão se inicia com uma análise do conceito de raça, destacando como a formação da nação brasileira esteve intrinsecamente ligada à escravização. Um levantamento do período pós-abolição foi realizado, com o objetivo de explorar até que ponto a escravização comprometeu a construção das individualidades sociais das mulheres negras. Na segunda parte desta seção, o foco recai sobre o conceito de gênero,

estabelecendo uma narrativa a partir da década de 1970, quando as feministas começaram a utilizar esta palavra de maneira mais literal, na busca de entender o conceito como uma construção social. Concluímos com uma análise de como a escravização desumanizou as mulheres negras, fato que caracteriza um aspecto essencial na construção de suas identidades.

Em Caminhos Metodológicos narro, historicamente, a trajetória da Linguística Aplicada no Brasil e discuto o olhar desse campo de estudos para questões de uso da linguagem em diversos contextos. Também exploro a compreensão da LA como um campo inter/transdisciplinar e abordo questões relacionadas à história cultural, à história da educação, e às representações e identidades. Por fim, abordo os métodos utilizados e o passo a passo deste trabalho, o que detalha o processo de coleta e análise dos dados.

A terceira seção, Análise do Jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro: Anos de 1900 a 1905, traz a análise do material coletado. Explicamos o processo e especificidades da coleta do material, que se deu por meio da plataforma Hemeroteca Digital, uma iniciativa da Biblioteca Nacional, além disso, detalhamos a tabulação e a análise dos dados. Esta parte busca revelar como as mulheres negras eram representadas nas páginas do jornal, identificando padrões e recorrências nestas narrativas e até que ponto tinham o poder de perpetuar estereótipos e moldar as identidades sociais das mulheres negras no início do século XX.

Na quarta seção, Resultados, apresentamos os achados obtidos a partir da categorização dos itens lexicais analisados. As mulheres negras foram predominantemente associadas às categorias de servidão/serviço e sensuais/sexuais, reforçando a sua posição subalterna e a hipersexualização de seus corpos. A análise evidenciou que, nas narrativas do jornal, essas mulheres raramente eram representadas como sujeitos históricos autônomos, mas sim como personagens inferiores, vinculadas a funções de trabalho doméstico ou de entretenimento exótico. Além disso, a ausência significativa de menções explícitas à identidade "mulher negra" demonstra um apagamento simbólico de sua individualidade. A categoria "outros", que englobou representações que não se enquadravam nas demais classificações, revelou que, mesmo em contextos menos convencionais, a mulher negra era retratada de maneira marginal, ora como figura estereotipada, ora como elemento de desordem social ou exotismo ritualístico. Esses achados reforçam a perpetuação de discursos raciais que moldaram a visão da sociedade sobre a mulher negra e sua posição hierárquica na estrutura social da época. Na conclusão do texto, apresento as considerações finais, nas quais sintetizo os principais achados da pesquisa e

discutimos suas implicações para os estudos de gênero, raça e representação na história do Brasil.

1 GÊNERO E RAÇA

1.1 VISTA SOBRE RAÇA

O conceito de raça, desde sua origem, tem sido um elemento central na formação das identidades e na estruturação das relações sociais. A ideia de raça como uma divisão da espécie humana em subespécies, cada qual associada a valores morais, dotes psíquicos e intelectuais diferenciados, foi inicialmente respaldada pela biologia e pela antropologia física. Guimarães (2008) afirma que essa noção, durante certo período, foi considerada ciência, mas posteriormente desmascarada como pseudociência. Esse pensamento racista, essencial para a formação do racismo moderno, dividia os seres humanos em categorias com qualidades inatas distintas. Ainda segundo ele, essas doutrinas de raça sobreviveram ao advento das ciências sociais e culturais, influenciando políticas desastrosas e legitimando atrocidades como genocídios e holocaustos. Segundo o autor, é importante compreender que, cientificamente, as raças são uma construção social. Dentro da sociologia, raças são entendidas como falas sobre as origens de um grupo, utilizando termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais e intelectuais através do sangue. Este conceito é fundamental para entender como as raças foram historicamente construídas e como certos estigmas foram perpetuados. Na tradição greco-romana e europeia, por exemplo, o negro foi associado ao demônio e ao mal, enquanto o branco à virtude e ao bem (Bastide, 1996). Essa dicotomia moral não só reforçou a desumanização dos negros, mas também consolidou o racismo como um mecanismo de justificação das desigualdades.

Adentrando o contexto brasileiro, Guimarães (2008) diz que a formação da nação foi intrinsecamente ligada à escravização. No entanto, essa escravização não era generalizada, mas direcionada especificamente aos povos de determinadas regiões da África. Povos da África Ocidental e Meridional, hoje áreas como Congo, Angola, Moçambique, Zaire, Nigéria, Níger e Golfo do Benin, foram escravizados e trazidos para as Américas. Esse sistema de escravização envolveu diversos agentes, incluindo negreiros da Holanda, Portugal, Brasil, Inglaterra e França, além de alguns reinos africanos e colônias americanas. As pessoas escravizadas foram denominadas “africanas” e “negros”, identidades que foram inicialmente forjadas dentro da sociedade escravocrata brasileira, nesta o lugar do negro era definido pela escravização.

Na sociedade brasileira da época, a raça desempenhava um papel crucial na organização social. Ela colocava indivíduos em posições sociais específicas e este era um elemento nativamente importante para dar sentido à vida social. Pierson (1971) argumenta que a sociedade brasileira é uma sociedade multirracial de classes, na qual as “raças” funcionam como grupos abertos. Nesse contexto, a raça não era um princípio classificatório nativo, mas sim a cor. As pessoas não eram classificadas nativamente por raça, mas pela cor da pele, o que também não constituía um grupo de descendência.

A interseção entre gênero e raça, o que veremos neste capítulo, é um campo de estudo crucial para entender as dinâmicas de opressão e desigualdade presentes na sociedade. Quero aprofundar a análise desses conceitos e destacar suas inter-relações e o impacto na construção das identidades e relações sociais, especialmente no contexto das mulheres negras.

Frantz Fanon, em sua obra seminal "Pele Negra, Máscaras Brancas" (2008), argumenta que a alienação do negro não é uma questão individual, mas um fenômeno socialmente construído e complementa o seu pensamento ao dizer que as questões raciais devem ser estudadas por um ramo próprio da sociologia ou das ciências sociais, que trate das identidades sociais. Publicado originalmente em 1952, este texto tornou-se referência fundamental para os movimentos de luta antirracista. Fanon adota uma perspectiva humanista e universalista, na qual defende que a luta contra todas as formas de opressão deve ter como foco central a humanidade. Esse modo de ver é essencial para entender como a construção das identidades raciais influencia as experiências individuais e coletivas de opressão e resistência.

A análise de Rocha (2015) integra essa discussão quando a língua é vista como uma porta de entrada para os valores do colonizador, por exemplo, transmitidos através da cultura, literatura, filosofia e conhecimento científico. A exaltação dos feitos históricos, do progresso e das conquistas europeias serviu e serve para justificar a hegemonia europeia sobre outros povos, reforçando uma pretensa superioridade racial. Essa perspectiva é fundamental para compreender como as representações de raça e gênero são construídas e perpetuadas nos meios de comunicação e nos discursos sociais.

Munanga (2009) contribui para essa discussão, afirmando que a verdade e o valor do homem estão contidos na raça, de modo que a biologia suporta a cultura e dirige a história. Isso

torna a cultura não uma prática de atividade humana, mas algo meramente decorativo, o que evidencia como o conceito de raça tem sido utilizado para moldar as percepções históricas e culturais. Essa perspectiva critica a naturalização das desigualdades raciais e destaca a necessidade de uma abordagem crítica para dismantelar as estruturas de poder que sustentam essas desigualdades. Portanto, no tocante ao valor e legitimidade históricos, é importante nos debruçarmos sobre o advento da abolição e como o fato abalou as estruturas do Brasil na época.

Em homenagem pública ao falecido José Bonifácio, Rui Barbosa exclama: “Primeiro a abolição, nada sem a abolição, tudo pela abolição” a frase encapsula a fervorosa prioridade conferida ao fim da escravização no Brasil (Filho, 1987). Segundo Albuquerque (2010), esta prioridade rapidamente se refletiu nas folhas liberais da Corte, nas quais o movimento abolicionista encontrava seus melhores dias, vendo a adesão à sua causa multiplicar-se em diversas províncias. Até 1888, a questão servil permaneceu como primordial no rol das reformas desejadas pelos liberais, mas não se limitava a eles. É crucial lembrar que a abolição foi conduzida sob o comando do gabinete de João Alfredo, líder do Partido Conservador, que defendia o controle do Estado sobre o processo emancipacionista.

Ainda pela visão da autora, com essa conjuntura, a lei que extinguiria a escravização sem qualquer indenização já era esperada quando o projeto foi apresentado à Câmara, no dia 8 de maio. Em cidades-chave do Império, como Rio de Janeiro, Salvador e Santos, e mesmo em povoados mais recuados, a expectativa era palpável.

A ordem escravista parecia ter seus dias contados. Nestas cidades, marcadas pela crescente rebeldia escrava, euforia abolicionista e intensificação da movimentação policial, a certeza de que a ordem social fundamentada na prática escravista estava em risco só aumentava (Conrad, 1978). Este período de agitação indicava o iminente colapso da velha ordem, percebido aqui como uma inevitabilidade histórica.

A desordem e insubordinação que marcaram o ato final do Brasil escravista não se limitaram ao momento da abolição. Os dias subsequentes também não trouxeram a calma esperada. A transição para uma sociedade sem escravização foi tumultuada, carregada de tensões e incertezas. O ponto é que a abolição não pareceu resolver automaticamente as profundas disparidades sociais e econômicas que haviam sido estabelecidas pelo sistema escravista. Ao

contrário, revelou novas camadas de conflito e resistência, especialmente entre os recém-libertos que buscavam afirmar sua cidadania e direitos em uma sociedade que ainda lhes era amplamente hostil (Albuquerque, 2010).

Pensando nisso, o período pós-abolição viu a continuação das disputas entre diferentes facções políticas e sociais sobre o futuro do Brasil. Liberais e conservadores divergiam não apenas na forma como a abolição deveria ter sido implementada, mas também nas políticas de integração dos ex-escravizados à sociedade. A falta de um plano específico e efetivo de inclusão resultou na perpetuação de muitas formas de discriminação e exclusão, forçando a população negra a lutar persistentemente por reconhecimento e igualdade. É certo que este período crítico moldou a dinâmica social e política do Brasil, cujas reverberações são sentidas até hoje, na contínua luta contra o racismo e pela justiça social.

Apesar disso, a esperança por um futuro pós-abolição se mostrava uma força tranquilizadora, como refletido no recorte do Diário da Bahia de 14 de maio de 1888:

Os redimidos deixarão nas senzalas com os sinais do seu aviltamento, os hábitos que contraíram no cativeiro e, terminadas as festas do dia de hoje, iniciarão a vida de homens livres de que são dignos. O país inteiro colherá, não em época mais afastada, os serviços dos novos cidadãos e, longe de lamentar o aniquilamento da instituição maldita, sentirá apenas não tê-la extinguido há mais tempo.

Este sentimento fazia crer que os ex-escravizados se tornariam rapidamente cidadãos produtivos, contribuindo para o desenvolvimento do país. Essa visão otimista, no entanto, tendia a ignorar as cicatrizes deixadas pela escravização e os desafios que seriam enfrentados pelos recém-libertos. A abolição não garantiria automaticamente a igualdade ou a integração social. A transição do cativeiro para a liberdade seria complexa, no entanto, considerando os séculos de desumanização e exclusão. Segundo Nascimento (1968, p. 67),

após o 13 de maio de 1888, cerca de dois milhões de brasileiros foram atirados à rua. Sem meios de se alimentar, vestir, morar. Assim foi, e eis chegada a liberdade da Lei Áurea: a liberdade de não comer, não morar, não vestir; a liberdade de sobreviver, de subviver e de morrer.

A esperança de que o país colheria rapidamente os frutos dos novos cidadãos livres parecia idealista. Uma quantidade massiva de ex-escravizados não tinham acesso a recursos essenciais como educação e emprego justo, o que impossibilitava sua ascensão social e

econômica. Ainda assim, a esperança expressa no jornal em questão espelhava o desejo de uma sociedade mais justa. Esse otimismo, apesar dos desafios, inspirou movimentos por direitos civis e sociais. O fim do Brasil escravista marcou o início de um longo processo de construção de uma sociedade equitativa, sendo um ponto de partida para a luta contínua pela verdadeira liberdade e igualdade no país.

Segundo Rios (2004), os estudos sobre o pós-abolição no Brasil frequentemente focaram nas transformações econômicas e políticas ocorridas após a libertação dos escravizados, negligenciando, em grande parte, as questões sociais e as condições dos recém-libertos: "inúmeros trabalhos se dedicaram a estudar os projetos das elites a respeito dos libertos e da utilização dos chamados 'nacionais livres' como mão-de-obra." Esse enfoque predominantemente econômico e político limitou a compreensão das dinâmicas sociais e culturais que afetaram os ex-escravizados e suas comunidades no período pós-abolição.

Segundo Rios (2014), o campo aberto para os estudos deste período passou a incluir variáveis e preocupações múltiplas, mas miravam em examinar o papel do Estado, dos ex-senhores e as condições em que eram exercidas as atividades que empregavam os escravizados às vésperas do fim da escravização. Observa que o processo de abolição foi mais estudado do ponto de vista econômico e político, e focou na substituição da mão-de-obra escrava pelo imigrante europeu nas áreas prósperas da cafeicultura paulista. Esse enfoque tende a ignorar as questões sociais e culturais essenciais para entender plenamente a transição da escravização para a liberdade. Estas pesquisas revelam um campo vasto e multifacetado, mas também apresentam lacunas significativas. Diz a autora que, inúmeros trabalhos se dedicaram a estudar os projetos das elites em relação aos libertos e a utilização dos chamados "nacionais livres" como mão-de-obra. Essa tendência de focar nos interesses e estratégias das elites revela um viés que muitas vezes negligencia as experiências e necessidades dos próprios libertos.

Ainda sobre tais estudos, Machado (2018) critica a tendência de tratar os escravizados de forma genérica, sem considerar as diferenças de gênero e sexo. "Muitas pesquisas descrevem as condições de vida, trabalho, saúde e relações sociais dos escravizados sem mencionar as diferenças significativas entre homens e mulheres, sejam africanos ou crioulos." Essa abordagem

generalizada oculta as experiências específicas das mulheres negras, que enfrentaram formas únicas de opressão e resistência.

É fato que, as pesquisas sobre a escravização e o pós-abolição no Brasil contribuíram significativamente para o nosso entendimento das dinâmicas econômicas e políticas desse período crucial. No entanto, há uma necessidade urgente de expandir essas pesquisas para incluir uma análise mais aprofundada das questões sociais e culturais que impactaram os recém-libertos, especialmente, neste caso, no contexto das mulheres negras. Além disso, é essencial considerar as intersecções de raça e gênero para capturar plenamente as experiências diversas e complexas dos indivíduos no pós-abolição.

1.2 GÊNERO: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL

Segundo Scott (1995), ao longo dos séculos, termos gramaticais foram utilizados figuradamente para evocar traços de caráter ou sexuais. Por exemplo, o *Dictionnaire de la langue française*, de 1876, propôs a seguinte utilização: "*On ne sait de quel genre il est, s'il est mâle ou femelle, se dit d'un homme très caché, dont on ne connaît pas les sentiments.*" (Não se sabe de que gênero ele é, se ele é macho ou fêmea, diz-se de um homem muito dissimulado, do qual não se conhecem os sentimentos). Em 1878, Gladstone fez uma distinção semelhante: "Atenas não tinha nada do sexo além do gênero, nada da mulher além da forma". Essas citações ilustram como os conceitos de gênero e características sexuais foram historicamente entrelaçados para definir identidades.

Scott (1995) também aponta que, a partir da segunda metade da década de 1970, feministas começaram a utilizar a palavra "gênero" de maneira mais séria e literal, referindo-se à organização social das relações entre os sexos. Essa mudança reflete uma maior conscientização e análise crítica sobre como as construções sociais de gênero influenciam as experiências e identidades das pessoas. Segundo ele, Natalie Davis, em 1975, já afirmava

Penso que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens como das mulheres, e que não deveríamos tratar somente do sexo sujeitado, assim como um historiador de classe não pode fixar seu olhar apenas sobre os camponeses. Nosso objetivo é compreender a importância dos sexos, isto é, dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes

sociedades e períodos, é encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la (SCOTT, 1995, p. 72).

Essa perspectiva de Davis enfatiza a importância de entender as muitas funções e representações dos gêneros ao longo da história, explorando não apenas as condições de opressão, mas também as dinâmicas de poder e os papéis atribuídos a homens e mulheres em diferentes contextos culturais e históricos. Abordagens mais inclusivas e críticas permitiram que as análises de gênero evoluíssem além da categorização binária, incorporando uma análise mais profunda das interseções entre gênero, poder e sociedade.

Suárez (2000) afirma que gênero é, principalmente, uma palavra politizada, um instrumento para produzir efeitos na sociedade. Essa visão ressalta o uso deste conceito como uma ferramenta de transformação social. Quando politiza-se esse termo, o foco é evidenciar as estruturas de poder que perpetuam desigualdades e a partir disso criar subsídios para políticas e práticas que promovam a equidade.

Explicando um pouco mais, o termo "gênero" surge com Gayle Rubin (1975) como a contrapartida cultural do sexo biológico, embora ainda baseado em "cultura versus natureza". Rubin propôs que "sexo" fosse utilizado apenas para falar das diferenças biológicas entre machos e fêmeas, enquanto "gênero" fosse usado para referência às estruturas e representações sociais, culturais e psicológicas que se impõem a essas diferenças. Essa distinção foi crucial para os estudos de gênero e permitiu uma análise mais sofisticada das relações de poder e das dinâmicas sociais que vão além da mera diferença biológica.

O entendimento do gênero como uma construção social marcou uma transformação significativa nos estudos feministas e de gênero. A teórica Judith Butler (2003), por exemplo, contribuiu profundamente para essa discussão com sua teoria da performatividade de gênero. Ela diz que o gênero não simplesmente se é, mas algo que se faz repetidamente através de performances sociais. Essas performances são reguladas por normas sociais que ditam comportamentos aceitáveis para diferentes gêneros, evidenciando como as identidades de gênero são construídas e mantidas ao longo do tempo. Butler (2004) explica que atos, gestos e desejos produzem a impressão de um núcleo ou substância interna, mas o fazem na superfície do corpo, por meio de significados ausentes que sugerem, mas nunca revelam completamente, a identidade. Esses atos e gestos são performativos, o que indica que a essência ou identidade que

pretendem expressar são fabricações mantidas por signos corpóreos e meios discursivos. Isso sugere que o corpo de gênero não possui um status ontológico separado, mas é marcado pelo performativo, o que reforça a ideia de que gênero é uma construção social e discursiva.

Suárez (2000) complementa essa visão, ao afirmar que as funções de domínio e de poder se ligam a essas propriedades e possibilidades. Dependendo do campo em que algo ou alguém é situado, é-lhe concedida autonomia, história e mudança ou, ao contrário, lhe são atribuídas subordinação e imutabilidade. Dessa forma, corpo e sexualidade passam a ser naturalizados como objetos fixos, assim como a mulher era emoldurada na matriz precedente. Dessa maneira, é seguro dizer que corpo e sexualidade continuam sendo vistos sem suas histórias, seus movimentos, suas pluralidades entre mulheres e homens, em suas diferenças étnicas, raciais, geracionais, de classe e regionais. Uma visualização crítica ajuda a entender como as construções sociais de gênero estão intrinsecamente ligadas às estruturas de poder, perpetuando desigualdades e restringindo a autonomia dos indivíduos com base em suas identidades de gênero.

1.2.1 A MULHER NEGRA: GÊNERO DESUMANIZADO

Nogueira (1999), em sua análise sobre o corpo da mulher negra, revela uma complexa interação entre representações sociais historicamente construídas e estruturas socioeconômicas que moldam a psique dos negros. A escravização, ao desumanizar as negras e tratá-las como mercadoria, comprometeu profundamente a construção de suas individualidades sociais, um legado que persiste até os dias atuais. Segundo Schwarcz (1996), esse passado desumanizador ainda ressoa na memória social e se manifesta no preconceito racial contemporâneo. O corpo negro, portanto, não é apenas um dado biológico, mas um signo social que reflete e reproduz uma estrutura social específica, como argumenta Rodrigues (1983).

A desumanização das mulheres negras bloqueou suas possibilidades de identificação nas relações sociais. De fato, o vínculo com outros negros, também desumanizados e tratados como objeto, tornou-se a única esfera de identificação possível, uma realidade que Azevedo (1987) explora ao discutir a ausência de individualidade na escravização. Para as mulheres negras, a situação era ainda mais agravada, pois eram vistas como objetos sexuais por seus senhores, sendo ao mesmo tempo desejadas e repudiadas. Essa dualidade impedia o exercício pleno da

feminilidade e a formação de vínculos afetivos saudáveis. Freud (1969) e Chasseguet-Smirgel (1991) discutem como a objetificação e mercantilização dos corpos negros continuam a limitar a expressão da sexualidade e dos papéis sociais das mulheres negras.

Mesmo após a abolição da escravatura e a extensão formal da cidadania, as marcas desse passado permanecem, criando barreiras à plena integração das negras na sociedade brasileira. Nogueira (1999) sugere que a subjetividade das mulheres negras deve ser entendida à luz dessas influências históricas e sociais. Assim, é ideal propor um olhar crítico e consciente sobre a interseção entre história, sociedade e corpo, para desvelar as complexidades da experiência da mulher negra no Brasil.

De acordo com o Instituto Patrícia Galvão (2015), estereótipos discriminatórios são profundamente enraizados na herança escravagista do Brasil, que objetifica e subalterniza a mulher negra, alimentando mitos racistas como a hipersexualização contínua. Esse legado histórico se manifesta em estereótipos que retratam as mulheres negras como sempre disponíveis sexualmente, em contraste com a imagem da mulher branca como recatada e pura.

Durante o período escravocrata, a objetificação das mulheres negras era explícita, normal e constante. Enquanto as brancas eram associadas à pureza e ao matrimônio, as negras eram vistas como objetos de prazer sexual, frequentemente procuradas por homens para satisfazer suas necessidades (Lacerda, 2010). Essa divisão racializada dos papéis sexuais não apenas justificava a exploração e o estupro das mulheres negras, mas também criava uma iconografia que as representava como símbolos de um erotismo primitivo e desenfreado, reforçando a supremacia branca e a desumanização das negras (Hooks apud Fraga, 2015).

Essas representações não são meros reflexos de uma época passada, mas manifestações de uma estrutura de poder que continua a perpetuar a desumanização das mulheres negras até hoje. Como Françoise Vergès esclarece, 'A desumanização é a pedra angular da colonialidade que alimenta a opressão. A escravização, como matriz da raça, joga um papel central nas lutas feministas decoloniais, conectando a desumanização histórica ao racismo e sexismo atuais' (Vergès, 2020). Esta conexão histórica revela como as práticas de subjugação e objetificação são profundamente enraizadas e perpetuadas através das gerações, mantendo-se relevantes nas representações contemporâneas.

Continuando os esforços para construção deste traço identitário, no século XIX, anúncios em jornais e periódicos, como os do Jornal do Comércio, evidenciaram a objetificação destas

mulheres, valorizando atributos sexuais específicos. Um exemplo notório é a busca por escravas com características físicas detalhadas que atendiam aos desejos dos compradores, como “negrinha de beijos finos, olhos grandes, pés pequenos, espigadinha de corpo, peito em pé” (Mott, 1988). Esses anúncios reforçaram a visão de que a mulher negra é um corpo disponível e desejável sexualmente, reduzindo-a a um montante de características físicas completamente dedicadas aos interesses de seus senhores.

Outro aspecto desumanizador que assola a história da mulher negra é a escassez no acesso à educação. Segundo Wissenbach (2018), a prática da escrita por escravizados e libertos era vista como uma ameaça pelas elites, que consideravam a alfabetização um privilégio exclusivo. A escrita, um instrumento de arte, poder e comunicação, era monopolizada pelas elites como uma forma de manter seu domínio. A alfabetização entre escravizados e libertos representava uma ameaça direta ao status quo, pois podia lhes conferir a capacidade de questionar, resistir e organizar movimentos de emancipação.

Gondra e Schueler (2008) complementam essa visão ao argumentar que a proibição das matrículas de africanos livres e libertos refletia o medo das elites de que a alfabetização pudesse incentivar sonhos de liberdade e provocar inquietações entre os escravizados brasileiros. Percebe-se então, que o acesso à educação já era visto como um catalisador para a conscientização e a mobilização de negros e negras, afinal, podia fomentar ideias de liberdade e justiça. Esse receio da elite branca de que a alfabetização pudesse desencadear revoltas e sublevações sociais levou a uma repressão sistemática do acesso à educação para a população negra. Mota Pereira (2024) destaca que a exclusão educacional histórica ainda ecoa nas disputas atuais sobre os objetivos de uma educação decolonial. A autora afirma (*em tradução nossa*) que "a educação poderia ser um dos meios mais eficazes para mudar a sociedade, pois as escolas são lugares onde pode haver, diariamente, espaço para discussões sobre colonialidade e atitudes decoloniais".

A alfabetização transcendia, e ainda transcende, o simples ato de aprender a ler e escrever; é um ato político que empodera sujeitos subalternizados, como as mulheres negras, a questionar condições de opressão e a reimaginar a sociedade. O que já era uma luta no passado permanece hoje, como vemos com Mota, agora em uma sociedade marcada por dinâmicas distintas, mas ainda atravessada por desafios e desigualdades que perpetuam hierarquias raciais, sociais e de gênero.

Então, a negação do acesso à educação, portanto, não era apenas uma questão de controle social, mas também uma estratégia deliberada para manter a subjugação dos negros. Essa exclusão sistemática teve impactos profundos e duradouros, o que perpetuou ciclos de marginalização e pobreza entre os ex-escravizados e seus descendentes, especialmente as mulheres negras. No pós-abolição, elas enfrentaram barreiras significativas para acessar a educação formal, fato que perpetuou a desigualdade e limitou suas oportunidades de ascensão social e econômica.

Segundo Costa (2007), as mudanças na vida das mulheres no século XIX estão ligadas ao desenvolvimento do capitalismo, que não apenas alterou as condições materiais, mas também transformou as relações sociais e o modo de pensar da época. No entanto, essas mudanças beneficiaram de forma desigual as diversas classes sociais, sendo mais perceptíveis entre as mulheres brancas de classe alta e média, afinal "compreender gênero e opressão racial de forma separada aumenta a invisibilidade das necessidades das mulheres negras comparadas aos homens negros e às mulheres brancas." (KILOMBA apud LIMA; SANTOS; XAVIER, 2023, p. 3) Para as mulheres ex-escravizadas, a principal preocupação era a quebra do regime escravista ainda latente mesmo após a abolição. As alterações que ocorreram no século XIX, com o feminismo, pouco ou nada impactaram suas vidas, pois a opressão e a luta pela sobrevivência ainda eram predominantes. Para as mulheres negras, recém libertas e pobres, a sobrevivência diária continuava a ser a principal questão, e para as mulheres de elite, as mudanças significavam a busca por independência e autonomia, um objetivo que muitas vezes estava relacionado à sua posição privilegiada na sociedade. No caso dos homens negros da época, Araújo (2013, p. 29) diz que a maioria

vivia de pequenos "expedientes", sujeitando-se aos "serviços de negros" (faxina, carregador de pá, picareta, etc). Eram serviços mal pagos, no geral, e requeriam pouca ou nenhuma qualificação. Contudo, havia outros tipos de serviços menos extenuantes, como os exercícios de caráter liberal: médicos, advogados, motoristas, funcionários públicos, os quais eram exercidos também por negros. A esse fenômeno Fernandes (1965) constatou, a partir de depoimentos colhidos, uma diferença em relação ao futuro dos egressos da escravidão entre "negros do eito" e "negros da Casa Grande".

Percebemos que ainda que a grande maioria dos homens negros estivessem na posição de "negros do eito", já havia uma leve tentativa de divisão de classes, em que um negro pudesse

estar socialmente acima do outro, o que não se aplicava às mulheres negras recém libertas. Segundo Araújo (2013), no pós abolição, as mulheres negras operaram enquanto lavadeiras, quituteiras, prostitutas e empregadas domésticas e possibilidades após isso não havia.

Essa relação entre gênero e raça e a inadaptabilidade do feminismo dito e lido como branco, fazer uma representação inócua da mulher negra já é muito discutida na academia. Teóricas como Lélia Gonzalez (2020)¹, Djamilia Ribeiro (2018)², hooks (2000)³, e muitas outras, ajudam a enriquecer a narrativa e entender a importância de, segundo Carneiro (2007, p. 286)⁴, “conceituar e formular a contradição específica de ser mulher negra, a questão de como a desigualdade, o racismo e a discriminação produziam a nossa realidade de exclusão e diferenciavam a nossa inserção social em relação à das mulheres brancas.” Gonzalez (2020), por exemplo, destaca os danos psicológicos causados pela dominação/exploração entre colonizador e colonizado, uma ideia influenciada por Frantz Fanon, de acordo com Cardoso (2014).

Lélia Gonzalez (2020) também pensa as mulheres negras da diáspora e aponta questões formadoras de um feminismo negro, contribuindo para o debate do feminismo latino-americano (Cardoso, 2014). Essas reflexões revelam a importância de um feminismo que reconheça as especificidades das mulheres negras, que enfrentam uma interseção única de opressões baseadas em raça e gênero, que não são completamente abordadas pelo feminismo hegemônico.

Neste capítulo, exploramos as complexas interseções entre gênero e raça, com foco em como essas categorias sociais moldam as experiências e a construção identitária das mulheres negras no Brasil. Inicialmente, analisamos o conceito de raça e sua construção histórica como ferramenta de opressão e desumanização. A escravização desempenhou um papel central na formação das identidades raciais e na perpetuação de estigmas que ainda reverberam na sociedade contemporânea. Esta análise demonstrou como a ideologia racista foi instrumentalizada para justificar a exploração e o tratamento desumanizador dos negros, especialmente das mulheres negras.

Subsequentemente, foi abordada a questão de gênero e a multi marginalização enfrentada pelas mulheres negras. As análises de Nogueira (1999) e Schwarcz (1996) elucidam como a desumanização histórica, a objetificação sexual e a limitação econômica impactaram a

¹ GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

² RIBEIRO, Djamilia. Quem tem medo do feminismo negro?. Editora Companhia das Letras, 2018.

³ HOOKS, Bell. Feminism is for everybody: Passionate politics. Pluto Press, 2000.

⁴ citada por ALBERTI; PEREIRA, 2007.

construção da subjetividade das mulheres negras. A escravização impôs uma realidade em que as mulheres negras eram hipersexualizadas, o que criou uma dualidade que dificultou o exercício pleno de sua feminilidade e de seus direitos sociais.

Em seguida, discutimos o feminismo branco, que frequentemente falhou em abarcar as especificidades das experiências das mulheres negras. Teóricas como Lélia Gonzalez (2020), Djamila Ribeiro (2018) e bell hooks (2000) contribuem para um feminismo negro que articula a interseccionalidade entre raça, gênero e classe, destacando a importância de reconhecer e combater as múltiplas camadas de opressão que as mulheres negras enfrentam.

Finalmente, refletimos sobre a necessidade de uma abordagem crítica e inclusiva que considere as experiências das mulheres negras na formulação de políticas públicas e na construção de uma sociedade mais equitativa. O reconhecimento das especificidades das opressões vividas pelas mulheres negras é fundamental para avançarmos na luta por igualdade e justiça social.

Ao longo do texto, é possível dizer que a influência do processo histórico da mulher negra na construção de sua identidade ao longo do período pós-abolicionista se difere do processo da mulher branca, ou mesmo do próprio homem negro. Portanto, entendemos que levando em consideração a relevância das pesquisas e discussões sobre a voz, força e aspectos identitários das mulheres negras desde o período pós-abolição até a contemporaneidade, é importante a análise que a proposta dessa dissertação traz, checar com que frequência as falas de/sobre mulheres negras foram presentes no início do século XX, no Jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, de modo que seja possível identificar até que ponto essas vozes foram ou não relacionadas, destacadas, trabalhadas, discutidas ou trazidas nestas publicações.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

No que diz respeito à amplitude interpretativa da Linguística Aplicada (LA), este campo se revela como um convite à exploração e ao diálogo constante, incitando pesquisadores e entusiastas a se envolverem em um contínuo processo de reflexão e construção de significados. A LA emerge como um domínio multifacetado e dinâmico, marcado pela ausência de uma definição única e definitiva. Em vez disso, caracteriza-se por uma diversidade de compreensões sobre sua natureza, objeto de estudo e metodologias de pesquisa. Essa pluralidade de perspectivas não apenas reflete a complexidade inerente à LA, mas também evidencia a riqueza das abordagens teóricas e práticas que coexistem dentro desse campo, tornando-o um espaço de constante evolução e intercâmbio intelectual.

Nesta seção de metodologia, será possível encontrar uma descrição detalhada dos procedimentos adotados nesta pesquisa. Primeiramente, serão discutidos os conceitos fundamentais que embasam a investigação, seguindo para a seleção e análise dos jornais. Depois, explicaremos a estratégia de busca e coleta de dados e a tabulação e análise dos mesmos. Por fim, será detalhado o processo de interpretação dos dados à luz das teorias de representações, abordando as particularidades da mulher negra nos textos do periódico *Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro* no início do século XX.

Conforme Oliveira (2021), o desenvolvimento da LA encontrou seu berço nos cursos de pós-graduação localizados nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Tais regiões, pioneiras nesse campo de estudos, desempenharam um papel crucial na consolidação e difusão da LA no país. A disseminação desse domínio acadêmico, que começou a ganhar destaque nos cursos de pós-graduação nessas regiões, moldou seu perfil inicial, antes de se estender progressivamente para o restante do país. Essa dispersão foi em grande parte impulsionada pelas instalações de cursos de pós-graduação que, ao abraçarem a LA, contribuíram para a ampliação do seu escopo e reconhecimento.

No Nordeste, a LA apresenta uma trajetória própria, marcada por eventos específicos que a delinearam. Ainda a partir de Oliveira (2021), em 1993, emergiu como uma das áreas de concentração no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ganhando assim espaço e reconhecimento na região. Paralelamente, a Universidade Estadual do Ceará também se destacou, ao estabelecer um programa dedicado à

Linguística Aplicada. Diferentemente de outros lugares do país, onde frequentemente se configura como uma Linha de Pesquisa, no Nordeste, especialmente nas universidades públicas, firmou-se como um programa autônomo em algumas instituições. Esses marcos históricos contribuíram para a consolidação e diversificação do campo da LA no contexto nordestino, moldando a evolução temporal dessa disciplina na região.

Em “A propósito de Linguística Aplicada”, Cavalcanti (1986) diz que o embate sobre o posicionamento da LA em relação à prática de teorias linguísticas remonta a dois diferentes períodos na história da linguística, o estruturalismo e o gerativismo. No primeiro caso, os próprios linguistas aplicados impulsionam a integração dessa disciplina ao romperem com o subjetivismo da gramática tradicional e adotarem o estruturalismo e sua metodologia, para a criação de materiais didáticos. Essa mudança é marcada pela rejeição de preconceitos gramaticais tradicionais em favor de uma abordagem mais científica e estruturada na construção de métodos de ensino.

A reflexão proposta pela autora sobre a percepção e distorção da LA ressoa de maneira significativa no panorama acadêmico, incitando uma reavaliação necessária. A propensão em associá-la exclusivamente à aplicação de teorias linguísticas e ao ensino de línguas estrangeiras e maternas revela um viés que, por vezes, subestima a riqueza potencial desse campo de estudos. Ao buscar desvincular a LA da limitação à aplicação teórica, a análise nos instiga a considerá-la como uma ferramenta versátil e interdisciplinar.

De acordo com Moita Lopes (2009), foi nos anos 1990 a partir da influência de teorias socioculturais, como as de Vygotsky e Bakhtin, que houve uma mudança sobre como entender a linguagem enquanto instrumento de construção do conhecimento e da vida social. Ainda segundo o texto, a LA Indisciplinar chega no início do século XXI com a evolução da tecnologia, o que causa uma re teorização do sujeito social, desta feita sem apagar as diferenças que o constituem.

Ampliar o escopo da LA para além do ensino, direcionando o olhar para questões de uso da linguagem em diversos contextos, oferece uma perspectiva enriquecedora, pois pode posicionar a LA como capaz de mapear e compreender as complexidades da linguagem não apenas no ambiente educacional, mas também nas nuances da interação social. Assim, ela pode desempenhar um papel crucial na desmistificação dos estigmas associados à linguagem, destacando seu papel integral na construção da realidade sociocultural. Desta feita, não apenas

renovamos seu propósito, mas também a colocamos como protagonista na análise crítica e contextualizada das dinâmicas linguísticas na sociedade contemporânea.

Partindo dos princípios indisciplinar, transgressivo e transdisciplinar da Linguística Aplicada, nesta pesquisa, a LA se debruça nos conceitos de Moita Lopes (2009), Pennycook (2006) e Rojo (2006). Conceituando a Linguística Aplicada, Moita Lopes (2009, p. 19) diz que

é uma LA que deseja, sobretudo, falar ao mundo em que vivemos, no qual muitas das questões que nos interessavam mudaram de natureza ou se complexificaram ou deixaram de existir. Como Ciência Social, conforme muitos formulam a LA agora, em um mundo em que a linguagem passou a ser um elemento crucial, tendo em vista a hiperssemiotização que experimentamos, é essencial pensar outras formas de conhecimento e outras questões de pesquisa que sejam responsivas às práticas sociais em que vivemos.

Pode-se notar que, segundo o autor, esse campo de pesquisa busca sobretudo compreender e se engajar com o mundo contemporâneo, onde muitas questões tradicionais se transformaram, se tornaram mais complexas ou até mesmo deixaram de existir.

Se cruzarmos essa perspectiva com a argumentação de Pennycook (2006, p. 82), acerca da "necessidade crucial de ter instrumentos tanto políticos como epistemológicos para transgredir as fronteiras do pensamento e da política tradicionais", verificamos que a convergência entre as ideias de ambos revela um movimento na LA em direção à interdisciplinaridade e à transgressão dos limites convencionais do conhecimento e da ação política.

Pensando mais sobre isso, a hiperssemiotização destacada acima por Moita Lopes refere-se à proliferação de signos e significados na sociedade moderna, impulsionada por avanços tecnológicos e a globalização. Este fenômeno coloca a linguagem no centro das interações sociais, culturais e econômicas, exigindo que a LA aborde não apenas a estrutura e o uso da linguagem, mas também as implicações sociais, políticas e culturais de sua onipresença. Isso significa que a LA deve considerar como os significados são construídos, negociados e contestados em contextos multifacetados e dinâmicos.

Segundo Rojo (2006) a LA tem buscado uma "*leveza de pensamento*", o que podemos ler como transdisciplinaridade, que a torna capaz de tentar enfrentar e modificar a precariedade da existência em sociedade ou a privação sofrida por sujeitos, comunidades e instituições. A partir dessa fala, podemos elaborar que a busca ativa por uma abordagem transdisciplinar é intrínseca à LA e representa uma tentativa de enfrentar não apenas desafios linguísticos, mas,

também, as complexas nuances da escassez e exiguidade enfrentadas pela sociedade. Portanto, esse exemplo de *práxis* reflete uma verdadeira imersão nos problemas socialmente relevantes, direcionando a disciplina para a construção de conhecimento genuinamente útil aos participantes sociais em seus contextos específicos. E mais, esta abordagem reafirma a LA não apenas como um campo de pesquisa, mas como um agente ativo na transformação social, que promove conhecimento aplicado, indisciplinar, transgressivo e crítico.

A partir do que fala Moita Lopes (2006), a transdisciplinaridade só é possível em trabalhos de equipe de pesquisadores provenientes de várias áreas de investigação, e é em outros campos do saber que a LA busca seus fundamentos e métodos. Por exemplo, é na psicologia social de Vygotsky que coletou seus instrumentos iniciais de reflexão, principalmente para o ensino de língua e políticas linguísticas.

Como já dito anteriormente, Moita Lopes (2006) categoriza a LA como uma ciência social, ancorando-a em uma responsabilidade ampla e compromisso com problemas sociais contextualizados. Ao concentrar-se nos desafios enfrentados pelos sujeitos do discurso no contexto social, a LA não apenas busca entender e explicar, mas também procura ativamente solucionar problemas e aprimorar soluções existentes. Emerge, portanto, não apenas como um campo acadêmico, mas como uma ferramenta prática e comprometida com a transformação social, visando uma melhoria na qualidade de vida e uma contribuição ecologicamente sustentável para os participantes sociais.

É fato que, ao longo de sua trajetória, a Linguística Aplicada experimentou reformulações, revisões e questionamentos contínuos, todos orientados pelo propósito inicial de solidificar-se como uma área de produção do conhecimento relevante e obter a legitimação de suas pesquisas junto à comunidade acadêmica.

Tais teorizações [das ciências sociais e das humanidades], como se verá, se prendem principalmente a compreensões referentes à natureza do sujeito social, advindas de uma problematização dos ideais modernistas, que tem implicações de natureza epistemológicas. (Moita Lopes, 2008, p.15) (...) Originária de um mundo que entendia a pesquisa como necessariamente positivista, a pesquisa em ciências sociais, hoje questiona as formas tradicionais de conhecimento e abre um leque muito grande de desenhos de pesquisa de natureza interpretativista (Moita Lopes, 1996) e de modos de construir conhecimento sobre a vida social. (Moita Lopes, 2008, p. 25)

A compreensão da LA como um campo inter/transdisciplinar desempenha um papel central no desenvolvimento do pensamento acerca dessa ciência e deste projeto. Essa abordagem é fundamentada na preocupação em teorizar sobre as experiências coletivas em contextos socioculturais, políticos e históricos, levando em consideração as implicações das mudanças que essas pessoas enfrentam, conforme destacado por Moita Lopes (2008). Essa perspectiva vai além da visão modernista da pesquisa, que outrora buscou homogeneizar e simplificar a compreensão do sujeito. A filosofia da LA Indisciplinar de Moita Lopes (2006), reconhece a heterogeneidade do sujeito e sua constante transformação, promovendo uma abordagem mais alinhada às complexidades da realidade social.

Desta feita, a LA Indisciplinar se destaca como um campo que vai além das fronteiras disciplinares convencionais, ao abraçar a complexidade da vida social e adotar uma abordagem mais inclusiva e reflexiva em relação às dinâmicas linguísticas e identitárias. Valendo-nos das palavras de Amorim (2010, p. 84), podemos afirmar que

a linguagem deve ser focalizada como um produto humano e uma ferramenta social, sendo inseparável do ser humano enquanto sujeito subjetivo, emotivo e que habita um meio social. O pesquisador da LA Indisciplinar deve compreender que não é possível despolitizar e tornar autônomo o conhecimento, assim como deve reconhecer a impossibilidade de apagar as diferenças que constituem o sujeito, conforme almejado nas práticas modernistas.

Diante desse contexto, a LA Indisciplinar se revela para além das limitações impostas pelos paradigmas convencionais. Sua intenção é desafiar a noção de um sujeito universal, desprovido de características específicas. Ao reconhecer e abraçar a heterogeneidade presente nas experiências humanas, a LA Indisciplinar se posiciona como um espaço de resistência contra as normas hegemônicas e as construções socialmente padronizadas. Assim, sua atuação transcende o escopo linguístico, estendendo-se para uma esfera mais ampla de questionamento e reflexão sobre as representações e identidades culturais. Dessa forma, a LA Indisciplinar não apenas redireciona o foco da pesquisa, mas também desafia ativamente as estruturas de poder subjacentes às abordagens modernistas, promovendo uma visão mais inclusiva e contextualizada da linguagem e da identidade.

O linguista aplicado que deseja atuar na ótica Indisciplinar, inter/transdisciplinar e mestiça, dessa área de investigação, deve se debruçar sobre as massas e as misturas, a

mestiçagem e as fronteiras e a partir disso criar conhecimento em cima de realidades descentralizadas que, no caso dessa dissertação, foram moldadas pelas formas de pensar de seus antepassados. Este projeto busca explorar a identificação e características das linguagens utilizadas para se referir à mulher negra nos textos do periódico *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, no início do século XX, em todas as edições disponíveis na Hemeroteca Digital entre 1900 e 1905, sob a ótica da Linguística Aplicada, à sombra de conceitos e reflexões de teóricos como Hall (1997) e Chartier (1991) sobre representações e Falcon (2006) e Solá (1995) sobre História Cultural e História da Educação.

Pensar uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos, isto é, das representações do mundo social que, à revelia dos atores sociais, traduzem suas posições e interesses objetivamente confrontados, e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é ou como gostariam que fosse, é essencial para entender a construção e perpetuação das narrativas sobre as mulheres negras no período analisado.

A análise das representações da mulher negra neste jornal deve, portanto, considerar não apenas as estratégias e escolhas linguísticas empregadas, mas também os contextos históricos e culturais que influenciaram essas narrativas. A história cultural oferece uma lente valiosa para examinar como os significados são produzidos e circulam dentro da sociedade, revelando as tensões entre as visões dominantes e as experiências vividas pelas mulheres negras. "O cultural constitui um campo multi e interdisciplinar, capaz de articular os temas e as questões mais ou menos dispersos pelas disciplinas especializadas" (Burke, 2004). Isso implica que a história cultural não se limita a um campo específico, mas permeia todas as dimensões da experiência humana, tornando-se um recurso indispensável para a compreensão das representações midiáticas, no caso desta pesquisa.

Ao integrar a História da Educação, a pesquisa ganha profundidade na análise de como as instituições educacionais e as políticas públicas da época também exerciam sua influência. A história da educação não se limita ao escolar, mas faz parte de uma "complexa engrenagem cultural e social" (Solà, 1995). Como argumentam Lima e Fonseca (2003), a história da educação, examinada sob a ótica da historiografia contemporânea com ênfase na história cultural, revela-se essencial para compreender a formação cultural de uma sociedade. As narrativas sobre as mulheres negras não podem ser desvinculadas das práticas educacionais que,

muitas vezes, reforçavam estereótipos raciais e de gênero. Compreender o papel da educação na construção dessas narrativas permite uma visão mais completa das dinâmicas de poder e opressão que permeiam o corpus analisado, evidenciando como a educação molda e reflete as mentalidades e atitudes coletivas da época. Além disso, segundo Azevedo; Pessoa; Neta (2019, p. 46)

No campo da História da Educação, a imprensa também é evidenciada como uma fonte significativa, pois pode fornecer ao pesquisador elementos que permitam a compreensão das dinâmicas sociais existentes, dos debates e das ações políticas e intelectuais que nortearam a educação nos diferentes recortes espaciais e temporais. Destacamos os jornais como espaços que possibilitam a circulação das ideias de uma época, não apenas a imprensa pedagógica, mas também os jornais oficiais, que nos auxiliam na compreensão da organização e da construção do campo educacional para além do espaço escolar.

Ainda segundo as autoras, a Hemeroteca Digital Brasileira vinculada à Fundação Biblioteca Nacional se destaca por disponibilizar aos pesquisadores em História da Educação consulta ao seu acervo digital de periódicos, jornais, revistas e outros documentos, de forma livre e gratuita.

A questão da identidade e da representação é central para esta análise, visto que permite explorar como as mulheres negras eram categorizadas e descritas, e como essas descrições influenciavam sua posição na sociedade, ou seja, delinear sua identidade, que para o sujeito pós-moderno seria “uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 2015)”. Stuart Hall (1997) define a representação como a prática de usar a linguagem para transmitir significado ou apresentar o mundo de forma reveladora para alguém. As práticas de representação envolvem sempre as posições a partir das quais falamos ou escrevemos - as posições da *enunciação* (Hall, 2006). Essa perspectiva nos auxilia a compreender como os itens lexicais, escolhidos a partir de uma intenção, são utilizadas para comunicar mensagens culturais e políticas, considerando que todos nós escrevemos e falamos a partir de um lugar e de um tempo em particular, a partir de uma história e de uma cultura que são específicas (Hall, 2006). Além disso, a abordagem de Chartier (1991) nos ajuda a entender que os textos podem ter múltiplos significados, e que essas significações dependem das formas como são recebidos pelos leitores. Essa perspectiva reconhece a importância da interação entre o texto

e seu contexto sociocultural na construção de sentidos, destacando como as representações são moldadas, e como moldam, as experiências e percepções culturais e históricas.

Como já dito neste texto, a LA busca seus fundamentos e métodos em outras ciências, firmados no entendimento de que seu caráter indisciplinar, transgressivo, transdisciplinar e crítico nos permite um trabalho conjunto, nesta pesquisa, nos apoiamos em saberes de outros campos do conhecimento como a história cultural, a história da educação, a questão da identidade e a representação. Este diálogo interdisciplinar enriquece a análise, permitindo uma compreensão mais holística e crítica das representações das mulheres negras recém libertas na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, e das estruturas sociais e culturais que sustentam essas narrativas. Através dessa abordagem, a pesquisa espera não apenas contribuir para o campo da Linguística Aplicada, mas também para uma maior conscientização e transformação social.

2.1 JORNAIS COMO FONTE DE PESQUISA

Para contextualizar os desdobramentos deste projeto, é essencial reconhecer o papel fundamental dos jornais e periódicos como fontes de pesquisa e agentes influentes na sociedade. Como veículos de comunicação coletiva, os jornais abordam uma vasta gama de acontecimentos da vida e da história, englobando aspectos políticos, culturais, religiosos, ideológicos e econômicos. No Brasil, o surgimento do jornalismo teve um marco significativo com a chegada da família real portuguesa em 1808. Até então, como apontado por Pasquini e Toledo (2014), qualquer atividade de imprensa estava proibida, fato que diferenciava a América Portuguesa das demais colônias americanas onde a imprensa já estava presente desde o século XVI. Com essa mudança, a realeza permitiu o surgimento da imprensa no país, promoveu a comunicação com os súditos, difundiu tanto pensamentos conservadores quanto introduziu novas ideias no cenário intelectual.

A pesquisa em jornais e periódicos desempenha um papel fundamental e altamente relevante na compreensão da história, tanto no presente quanto no passado. Ao analisar esses materiais, podemos entender o desenvolvimento social, político, religioso e econômico de uma sociedade em um período específico, identificando as origens dos processos sociais estudados e suas influências na construção das representações e imaginários históricos. Segundo Kreniski e Aguiar (2011), a investigação de periódicos da época é a melhor maneira de estudar o

comportamento de uma sociedade e suas mudanças, pois eles refletem todos os movimentos sociais, e como disse Hughes (1990), os atores sociais atribuem significados a si mesmos, aos outros e aos contextos sociais em que vivem. Portanto, uma abordagem que não leve em consideração as linguagens presentes nos periódicos sobre esse povo, especialmente sobre a mulher negra, seria inconsistente.

2.1.1 A GAZETA DE NOTÍCIAS DO RIO DE JANEIRO

Fundada em 2 de agosto de 1875, a Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro emergiu em um cenário de profundas mudanças sociais e urbanísticas na então capital do país, em que a modernização da imprensa se consolidava como um reflexo da transição para uma sociedade mais complexa e informada. Segundo Asperti (2006), este periódico revolucionou a imprensa brasileira ao incorporar elementos inéditos, como a entrevista, a reportagem fotográfica e a caricatura diária e inovou com práticas jornalísticas mais dinâmicas e modernas. Essa inovação não apenas diversificou a maneira como as informações eram apresentadas, mas também consolidou o papel da imprensa como mediadora cultural e política, especialmente em um período de intensos debates sobre abolição e republicanismo. Era como a Figura 1 que a capa do jornal se assemelhava.

Figura 1 - Primeira página do jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, edição de 1º de janeiro de 1900



Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [imagem]. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 3 jan. 2025.

Este jornal foi uma plataforma essencial para grandes nomes da literatura e do jornalismo, como Machado de Assis, Olavo Bilac e José do Patrocínio, que contribuíram para as páginas do jornal, conferindo-lhe prestígio e influência. Conforme Asperti (2006), essa relação simbiótica entre o periódico e os escritores da época fortaleceu o papel da Gazeta como veículo cultural, promovendo obras literárias e cronistas em um momento em que a publicação de livros era financeiramente inviável para muitos autores. A parceria entre o jornal e os literatos era uma troca de benefícios: os escritores obtinham visibilidade e meios de sustento, enquanto o periódico se firmava como um espaço de alta qualidade intelectual e literária, capaz de dialogar com diferentes camadas da sociedade.

Além de seu impacto literário e cultural, a Gazeta desempenhou um papel fundamental na democratização do acesso à informação. Vendido avulsamente, o que não era prática comum à época visto que as vendas de jornais eram feitas por assinatura, a preços acessíveis e distribuído de forma abrangente, o jornal alcançava desde a elite letrada quanto as massas em processo de alfabetização. Asperti (2006) destaca que essa popularização consolidou a Gazeta como um veículo de ampla influência, fomentou debates públicos sobre questões sociais, como o movimento abolicionista, e viabilizou, ainda que tímidamente, a inclusão de novas vozes no espaço público. Com uma abordagem editorial inovadora, o periódico ajudou a moldar o jornalismo brasileiro como um instrumento essencial de transformação social e política.

A Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro era publicada diariamente, com edições que variavam em formato e conteúdo ao longo do tempo. Nos anos iniciais, o jornal apresentava quatro páginas e oito colunas estreitas, crescendo gradualmente em volume e sofisticação editorial. A autora observa que o periódico adotava um modelo flexível, mesclando notícias diárias, crônicas, folhetins e anúncios publicitários, o que garantiu sua popularidade entre diferentes públicos. Essa diversidade editorial fazia da Gazeta um espaço onde a literatura, as notícias e os comentários sociais conviviam de forma harmoniosa, refletindo as demandas de um público cada vez mais exigente.

O periódico abrigava seções fixas e colaborativas que se tornaram marcos do jornalismo literário da época. Colunas como "A Semana", assinada por Machado de Assis, e "Balas de Estalo", que reunia uma variedade de autores, representavam um espaço privilegiado para

comentários sobre a vida cotidiana e os debates culturais do Rio de Janeiro. Asperti (2006) destaca que o jornal também foi pioneiro na publicação de folhetins e crônicas de grandes autores nacionais e estrangeiros, muitas vezes em traduções diretas. Essas colunas e textos literários não apenas tinham o poder de cativar o público leitor, mas também consolidar a Gazeta como referência em conteúdo de alta qualidade.

Outro aspecto que evidencia a relevância deste jornal é sua interação direta com o público e a abrangência de sua publicidade. A seção "Publicações a Pedido", por exemplo, permitia que leitores comuns tivessem voz nas páginas do jornal, eles enviavam textos que iam de agradecimentos e pedidos de desculpas a críticas sociais e denúncias públicas. Essa característica conferia ao periódico um caráter participativo, reforçando seu papel como mediador entre a sociedade e o poder público. Além disso, com o passar do tempo a publicidade ocupou um espaço significativo em suas páginas, abrangeu desde anúncios de medicamentos até divulgações de eventos culturais, como peças teatrais. Ainda segundo a autora, tudo o que era publicado pela Gazeta possuía impacto suficiente para influenciar a opinião pública e moldar discursos sociais. Fica explícito, portanto, que a escolha da Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro para este trabalho se justifica plenamente, em princípio por estar localizada no Rio de Janeiro, então Capital Federal do Brasil e também seu papel de destaque como veículo de comunicação capaz de registrar, amplificar e transformar os debates e acontecimentos de sua época.

Esta dissertação, então, adota uma abordagem metodológica **qualitativa documental exploratória de cunho interpretativista**. Essa metodologia visa proporcionar uma análise aprofundada e contextualizada dos dados provenientes de jornais e periódicos, com o intuito de compreender os significados subjacentes às representações da mulher negra na sociedade. A pesquisa qualitativa, conforme exposto por Silveira e Córdoba (2009), não se preocupa com a representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou organização. Os pesquisadores que adotam essa abordagem opõem-se ao pressuposto de um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais possuem sua especificidade, exigindo uma metodologia própria.

Além disso, segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais

profundo das relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à mera operacionalização de variáveis. Isso permite uma análise mais rica e detalhada das representações e identidades culturais presentes nos jornais e periódicos.

O presente estudo define-se, também, como uma pesquisa documental, dado o uso de fontes primárias para a análise das representações sociais. A pesquisa documental valoriza o potencial dos documentos como registros de práticas sociais e culturais, permitindo resgatar e ampliar a compreensão de objetos de estudo que exigem contextualização histórica e sociocultural. Como aponta Cellard (2008, p. 295), 'o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais', muitas vezes sendo insubstituível na reconstituição de períodos passados ou na análise de dinâmicas mais recentes. Neste trabalho, o jornal *Gazeta de Notícias*, em suas edições de 1900 a 1905, serve como fonte central, viabilizando a reconstrução das narrativas e discursos que moldaram as representações das mulheres negras em um momento histórico de intensas transformações sociais e políticas no Brasil.

A pesquisa exploratória, conforme Gil (2007) e Gerhardt e Silveira (2009), busca promover uma maior familiarização com o problema em questão, tornando-o mais claro e compreensível. Esse tipo de pesquisa envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão. Moita Lopes (1994) destaca a importância de a pesquisa abranger a diversidade de vozes atuantes no mundo social, considerando questões relacionadas ao poder, ideologia, história e subjetividade. Ao adotar essa abordagem, esta dissertação pretende explorar as complexas dinâmicas sociais e culturais que moldam as representações da mulher negra nos periódicos analisados.

Ao seguir essa metodologia, almeja-se não apenas identificar ocorrências e tendências nestas representações da mulher negra, mas também investigar como ela era vista no período inicial do pós-abolição, considerando as complexidades históricas e sociais que influenciam sua experiência. A abordagem documental exploratória de cunho interpretativista permitirá uma compreensão aprofundada dessas dinâmicas, revelando o papel dos jornais e periódicos na construção e perpetuação dessas representações.

Os procedimentos metodológicos desta dissertação seguiram um passo a passo específico, que visam uma análise das representações da mulher negra no periódico Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, no início do século XX. A metodologia aplicada, como vimos acima, é qualitativa documental exploratória, com uma abordagem interpretativista, o que permitiu uma compreensão aprofundada das dinâmicas sociais, históricas e culturais.

O primeiro passo envolveu o **estudo dos conceitos fundamentais** para esta pesquisa. Tal estudo abrangeu teorias como as de representação de Stuart Hall (1997) e Chartier (1991), que oferecem uma base teórica sólida para analisar como as mulheres negras foram retratadas neste periódico da época. A compreensão dessas teorias foi essencial para interpretar as características das linguagens presentes nos periódicos e se influenciaram na delimitação da sua identidade. Além disso, os conceitos de história cultural e história da educação, conforme discutidos por Solà (1995) e Lima e Fonseca (2003), são cruciais para contextualizar as práticas educativas e culturais que influenciaram as representações midiáticas.

O próximo passo foi a **seleção do material** utilizado para a coleta de dados, o jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro e as edições do início do século XX, de 1900 a 1905, que estão disponíveis no acervo da Hemeroteca Digital. Este jornal, que circulou entre 1875 e 1942, é reconhecido por Asperti (2006) como um dos periódicos mais influentes na história política e cultural do Brasil. Durante o período pós-abolição, o Gazeta de Notícias do Rio se destacou por sua cobertura literária, artística e social, contando com contribuições de figuras renomadas como José do Patrocínio, Machado de Assis e Olavo Bilac (Feitosa, 2013). A escolha deste periódico se deve à sua relevância histórica e ao seu papel central na formação da opinião pública da época. Uma vez selecionadas todas as edições de 1900 a 1905, fez-se buscas experimentais a partir de termos atrelados às mulheres negras e seus motivos a fim de definir os itens lexicais selecionados, aos quais adicionamos as variações plurais e diminutivas. Sejam estes: "uma negra", "umas negras", "umas negrinhas", "mulher negra", "mulheres negras", "menina negra", "moça negra", "uma preta", "umas pretas", "umas pretinhas", "preta velha", "mulata", "mulatas" e "mulatinhas". Alguns itens lexicais estão dispostos em modo composto, pois nas buscas experimentais realizadas para o levantamento destes, palavras como “preta” e “negra” se referiam a temáticas muito mais amplas do que o desejado nesta dissertação como, por exemplo, "calças de dita preta” (GAZETA DE NOTÍCIAS DO RIO DE JANEIRO, 01/01/1890, p. 4), ou

“a nuvem negra do tétrico pensamento da miséria” (GAZETA DE NOTÍCIAS DO RIO DE JANEIRO, 09/06/1890, p.3).

A **coleta de dados** consistiu na extração das informações pertinentes dos exemplares selecionados do Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro. Essa etapa envolveu a busca por artigos, editoriais, colunas e qualquer outra forma de publicação que fizesse referência às mulheres negras. A coleta de dados foi realizada de forma sistemática, utilizando a busca avançada disponível no site da Hemeroteca Digital, o que garantiu que as menções relevantes fossem capturadas para a análise.

Após a coleta, **os dados foram tabulados** de maneira a facilitar a análise. A tabulação incluiu a categorização das menções às mulheres negras, a frequência dessas menções, suas transcrições e os contextos das linguagens utilizadas. Esse processo permitiu identificar tendências nas representações, além de fornecer uma base sólida para a análise interpretativa.

A análise de dados foi conduzida com base nos objetivos específicos da pesquisa. Inicialmente, foi feita uma contagem da frequência dos relatos sobre as mulheres negras no jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro. Logo depois, uma análise qualitativa das linguagens utilizadas, examinando seus contextos e como essas linguagens categorizaram e descreveram as mulheres negras. A abordagem interpretativista de Moita Lopes (1994) foi fundamental para considerar a diversidade de vozes e as questões de poder, ideologia, história e subjetividade presentes nos textos.

Por meio desses procedimentos, esta dissertação buscou não apenas explorar a identificação e características das linguagens utilizadas para se referir à mulher negra, em um período de reorganização social como o pós-abolição, mas também compreender o papel dos periódicos na construção do conhecimento e das representações culturais. A metodologia adotada permitiu uma análise contextualizada e permeou as complexas dinâmicas de poder e opressão que construíram as narrativas históricas sobre as mulheres negras.

3 ANÁLISE DO JORNAL GAZETA DE NOTÍCIAS DO RIO DE JANEIRO: ANOS 1900 A 1905

A coleta de dados necessária para esta pesquisa foi realizada por meio da Hemeroteca Digital, uma iniciativa da Biblioteca Nacional que democratiza o acesso a informações históricas no Brasil. Esse repositório digital disponibiliza um extenso acervo de periódicos e publicações seriadas, fato que permite aos pesquisadores a exploração de fontes primárias com facilidade, de forma gratuita e ilimitada. Tais iniciativas são fundamentais para o avanço do conhecimento acadêmico, especialmente em áreas que demandam o resgate de documentos históricos.

A escolha do periódico Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro como objeto desta investigação foi então motivada por sua relevância no cenário cultural e político do Brasil no início do século XX. Publicado de 1875 a 1942, o jornal teve um papel de destaque na disseminação de ideias e informações na então capital federal. Como destaca Giordano (2006), "a imprensa desempenhou um papel central na formação da opinião pública, servindo como espaço de disputa e consolidação de representações sociais".

O acesso ao conteúdo do Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro via Hemeroteca Digital permitiu construir um corpus rico, dinâmico e abrangente, fato que viabilizou a análise das representações de mulheres negras no contexto pós-abolição. Ainda segundo a autora, "os jornais, ao mesmo tempo em que registravam os acontecimentos da época, moldavam a percepção do público sobre os fatos, consolidando estereótipos e narrativas hegemônicas". Essa é uma perspectiva central para compreender como o jornal não apenas refletia, mas também para questionar até que ponto contribuía para perpetuar dinâmicas de poder e desigualdade.

Além disso, o estudo dos periódicos históricos é encorajado pela acessibilidade proporcionada pela Hemeroteca Digital, que, como ainda destaca a autora, "transforma a relação entre os pesquisadores e as fontes primárias, oferecendo novas possibilidades de exploração e cruzamento de dados". Aqui mora a importância das plataformas digitais na preservação e no estudo de documentos históricos, na construção do alicerce para pesquisas inovadoras que dialoguem com o passado com o tino de iluminar questões contemporâneas.

Isso dito, a escolha da Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro como fonte para a coleta de dados foi, portanto, motivada por sua importância histórica e seu papel destacado no cenário cultural e político do Rio de Janeiro, então capital da nação, durante o período pós-abolição. O

jornal não apenas refletia, mas também influenciava o imaginário social da época, oferecendo uma janela para as dinâmicas de poder e as representações culturais que permeavam a sociedade brasileira.

3.1 COLETA DE DADOS: ESPECIFICIDADES E ACHADOS

Para análise específica das representações das mulheres negras no início do século XX, foram selecionadas as edições do *Gazeta de Notícias* publicadas entre os anos de 1900 a 1905, disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira. Esse recorte temporal cobre os primeiros anos do pós-abolição, um momento de intensas mudanças sociais e culturais no Brasil como visto nas seções anteriores. A escolha desse período reflete a intenção de investigar as representações das negras recém libertas em um contexto de reorganização das dinâmicas sociais, raciais e de gênero com base no que era dito sobre a mulher negra em um dos jornais mais influentes da época, na então capital do país após a abolição da escravatura.

A coleta de dados foi realizada por meio da busca avançada na Hemeroteca Digital Brasileira, abrangendo as edições do *Jornal Gazeta de Notícias* entre os anos de 1900 e 1905. Para esse processo, foram definidos itens lexicais variados, incluindo **“uma negra”, “umas negras”, “umas negrinhas”, “mulher negra”, “mulheres negras”, “menina negra”, “moça negra”, “uma preta”, “umas pretas”, “umas pretinhas”, “mulata”, “mulatas” e “mulatinhas”**. Tais itens foram elencados com o objetivo de capturar as diversas formas como as mulheres negras eram mencionadas e representadas no periódico em questão.

A escolha dessa diversidade lexical foi estratégica para alcançar uma visão ampla das situações em que as mulheres negras estavam inseridas nestes contexto social, cultural e cotidiano específicos da época. Os termos investigados, então, abarcam desde expressões mais genéricas, como “uma negra”, até aquelas que podem carregar aspectos simbólicos e culturais, como “mulatinhas” e “umas negrinhas”.

Este cuidado metodológico se baseou em buscas experimentais na plataforma e assegurou que os dados refletem não apenas a presença das mulheres negras nos jornais de época, mas também como eram percebidas e inseridas nas diferentes dinâmicas sociais, o que garante a idoneidade da pesquisa ao explorar múltiplas dimensões de suas representações.

As ocorrências coletadas nas edições do Jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro foram organizadas em cinco categorias principais: "**mulher negra em posição de servidão/serviço**", "**mulher negra em contextos sensuais ou sexuais**", "**mulher negra como personagem de peça ou livro**", "**não se refere à mulher**" e "**outros**". A escolha dessas categorias buscou refletir as múltiplas formas como as mulheres negras eram representadas na época ao capturar nuances das dinâmicas sociais, culturais e simbólicas que permeavam essas representações, além de deixar abertura para a ocorrência de casos que não se encaixam nas predefinições.

A categoria "mulher negra em posição de servidão/serviço" reúne ocorrências que associam mulheres negras a atividades subalternas, como o trabalho doméstico, a cozinha e o cuidado com crianças, entre outros. A servidão, conforme o Michaelis – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (MICHAELIS, 2025), refere-se à "condição de servo ou escravo" e à "dependência, submissão ou sujeição", envolvendo um aspecto de sublocação do ser social. Já o serviço é definido como "estado, emprego ou ocupação de quem é criado ou doméstico" e "exercício, função ou trabalho do que serve". Enquanto a servidão implica uma submissão total e muitas vezes a privação de liberdade, o serviço diz respeito a uma relação de trabalho que, embora remunerada, também está permeada por relações hierárquicas e de dependência. Essa articulação examina até que ponto, mesmo em situações menos extremas do que a escravização, as mulheres negras continuavam a ocupar posições subordinadas.

"Mulher negra em contextos sensuais ou sexuais" abrange representações nas quais a figura da mulher negra é associada à sensualidade ou à sexualidade. Sensualidade, segundo o Michaelis (2025), envolve uma "queda ou propensão para os prazeres do corpo e do sexo", enquanto a sexualidade remete à "exaltação ou recrudescimento do instinto sexual" e à "atividade sexual". As ocorrências categorizadas aqui então, retratam as mulheres negras como objetos de desejo ou reduzem-nas a suas características corporais.

A categoria "mulher negra como personagem de peça ou livro" aborda ocorrências que representam mulheres negras como personagens em narrativas culturais, como literatura, teatro ou música. É importante destacar que, frequentemente, as mulheres negras não eram as próprias intérpretes de suas personagens. Muitas vezes, atores brancos interpretavam essas figuras utilizando maquiagem para escurecer o rosto, em uma prática conhecida como *blackface*. De acordo com Fisher (2015, p. 65, tradução nossa), o *blackface* era uma forma desrespeitosa,

estereotipada e caricata de retratar pessoas negras. Mahar (1999) afirma que essa prática teve grande popularidade durante o século XIX e perdurou por cerca de cem anos, desde a década de 1830, segundo o autor, a maioria desses shows simbolizava a desumanização e a ridicularização de indivíduos negros, reduzindo suas histórias a meras caricaturas.

A categoria "não se refere à mulher" reúne ocorrências em que os itens lexicais investigados não dizem respeito diretamente a uma mulher negra e são usados em outros contextos figurativos ou simbólicos. Essas ocorrências não foram analisadas neste trabalho, pois não contribuem para os objetivos centrais da pesquisa. Já as ocorrências classificadas como "outros" abrangem representações que fogem às categorias predefinidas, mas que possuem relevância interpretativa. Esses casos foram analisados individualmente na seção de resultados, o que garantiu uma abordagem sensível às suas particularidades.

O processo de busca teve início no site oficial da Biblioteca Nacional, ao acessar a aba da Hemeroteca Digital, como na figura 2. Essa ferramenta é essencial para a pesquisa acadêmica, pois permite consultas específicas e detalhadas por meio de uma interface organizada e acessível.

Figura 2 - Página inicial da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.



Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em:

<https://www.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 7 jan. 2025.

Na página inicial da Hemeroteca Digital, é possível realizar buscas de diferentes formas, como podemos ver na figura 3. O campo de busca permite ao pesquisador selecionar um periódico específico ou optar por uma busca mais ampla, que pode ser filtrada por períodos ou itens lexicais, como no nosso caso. Há também a possibilidade de realizar pesquisas por frases exatas, utilizando aspas para delimitar a expressão desejada. Por exemplo, expressões como

“uma negra” ou “mulata” podem ser inseridas diretamente no campo de busca, otimizando a localização de edições relevantes.

Figura 3 – Página inicial da Hemeroteca Digital no site da Biblioteca Nacional.

HEMEROOTECA DIGITAL

Pesquise os periódicos no acervo da Hemeroteca.
Aqui você busca por palavras-chave nos conteúdos dos periódicos. Se estiver buscando outro tipo de publicação, encontre no Acervo Digital.

Periódico Período

Local

Periódico
Selecione...

Período

Pesquisar (Para uma frase exata, coloque as palavras entre aspas. Ex.: "mundo verde").

ARTIGOS
Veja todos disponíveis

TÍTULOS
Veja todos disponíveis

Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em:

<https://www.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 7 jan. 2025.

Após a escolha do periódico e a delimitação do lapso temporal entre 1900 e 1905, foi acessada a interface da Hemeroteca Digital, conforme ilustrado na Figura 4. A página apresenta uma estrutura funcional e organizada e permite ao pesquisador navegar pelas edições disponíveis de forma prática. Na coluna à esquerda, encontram-se listadas as edições do jornal em sequência cronológica, identificadas por números de edição, como "Edição 00001", "Edição 00002", e assim por diante. Essa disposição facilitou a seleção das edições específicas que atendem aos critérios de análise previamente estabelecidos. Ao centro, é exibida a visualização da primeira página da edição selecionada, proporcionando acesso direto ao conteúdo do jornal.

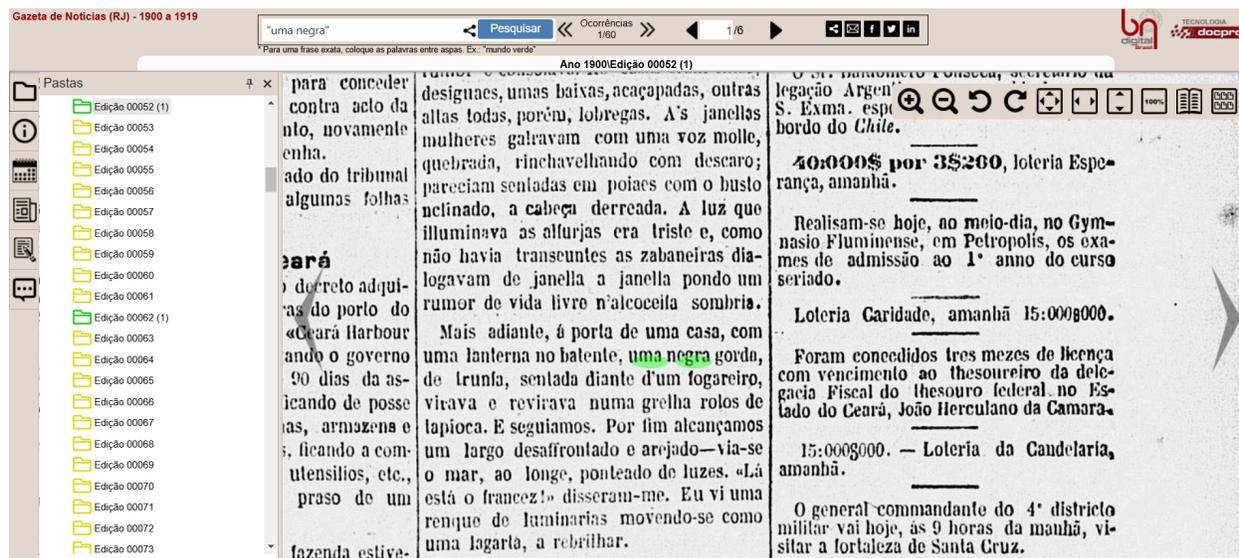
Figura 4 – Interface da Hemeroteca Digital ao acessar o periódico Gazeta de Notícias e escolher o lapso temporal desejado para a pesquisa.



Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em:
<https://www.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 7 jan. 2025.

A coleta dos dados, então, começa a partir da busca dos itens lexicais. Ao iniciar a busca pelo item "uma negra" na barra de pesquisa da Hemeroteca Digital, a plataforma localiza os termos em edições específicas do periódico. Como ilustrado na Figura 5, as edições que contêm o termo pesquisado são destacadas em verde na barra lateral à esquerda. Isso indica que o item lexical foi encontrado em pelo menos uma página dessas edições, o que agilizou o processo de identificação dos materiais relevantes para esta análise. Além disso, na visualização da página selecionada, o texto que contém o item pesquisado também aparece em destaque, com o termo "uma negra" marcado em verde. Essa funcionalidade foi essencial, pois permitiu que a pesquisadora localizasse as ocorrências no contexto textual em que estão inseridas de forma mais dinâmica. No exemplo mostrado, o termo aparece na frase: *"uma negra gorda, de trunfa, sentada diante d'um fogareiro, virava e revirava numa grelha rolos de tapioca."*

Figura 5 – Interface da Hemeroteca Digital ao realizar a busca do item lexical "uma negra" no periódico Gazeta de Notícias.



Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em:

<https://www.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 7 jan. 2025.

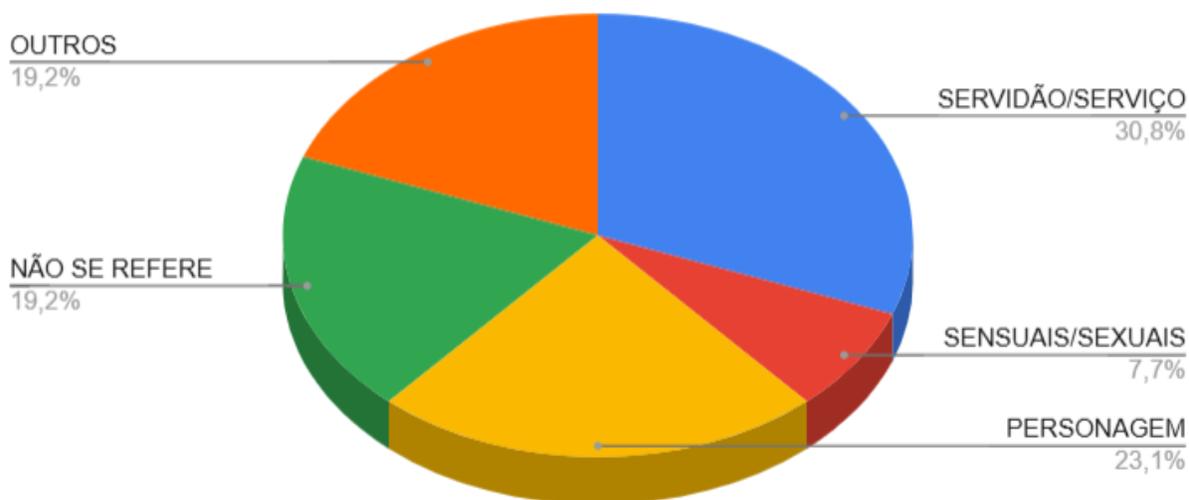
3.1.1 APRESENTAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS

O rigor na organização dos dados coletados foram fundamentais para o bom andamento desta pesquisa, e esta seção apresenta a sistematização de todas as ocorrências dos 13 itens lexicais investigados: “uma negra”, “umas negras”, “umas negrinhas”, “mulher negra”, “mulheres negras”, “menina negra”, “moça negra”, “uma preta”, “umas pretas”, “umas pretinhas”, “mulata”, “mulatas” e “mulatinhas”. Para garantir fidelidade ao documento histórico, os trechos foram transcritos fielmente, preservando a grafia e a estrutura originais, e organizados em tabelas que refletem a frequência e os contextos em que os itens lexicais apareceram. As tabelas contém: Ano, Item Lexical, Edição, Transcrição, Categoria e Justificativa da Classificação. Logo após, as ocorrências foram tratadas em gráfico a partir do número de aparições, assim é possível perceber a porcentagem de cada categoria, pois os gráficos buscam ilustrar visualmente sua distribuição, facilitando a compreensão da organização dos dados. Nesta seção então, apresentaremos as ocorrências tratadas em gráfico, as tabelas com todas as informações sobre a coleta podem ser encontradas nos anexos deste trabalhos.

A seguir, o Gráfico 1 demonstra a proporção das categorias relacionadas ao item lexical “*uma negra*” nas ocorrências coletadas.

Gráfico 1 – Distribuição percentual das categorias para o item lexical “*uma negra*”

ITEM LEXICAL: UMA NEGRA



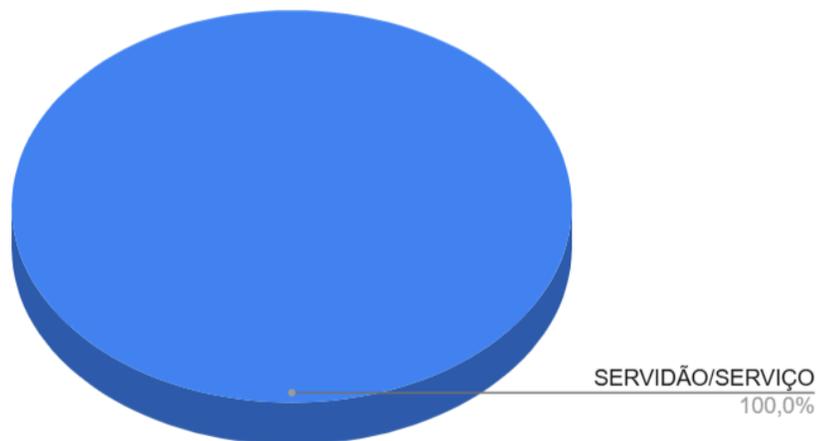
Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Jornal Gazeta de Notícias (1900-1905).

Como apresentado, as menções vinculadas à categoria “servidão/serviço” ocupam uma posição de destaque, correspondendo a 30,8% do total, seguidas pelas categorias “personagem” (23,1%), “outros” (19,2), “não se refere” (19,2%) e “sensuais/sexuais” (7,7%). O gráfico reforça a relevância da análise categórica, evidenciando como os dados refletem as múltiplas dimensões das representações das mulheres negras no contexto histórico analisado.

Abaixo, o Gráfico 2 ilustra a distribuição das ocorrências do item lexical “*umas negras*” no corpus analisado. Este termo apresentou apenas uma ocorrência no período investigado, que foi integralmente classificada na categoria “servidão/serviço”.

Gráfico 2 - Distribuição percentual das categorias do item lexical “umas negras”

ITEM LEXICAL: UMAS NEGRAS



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Jornal Gazeta de Notícias (1900-1905).

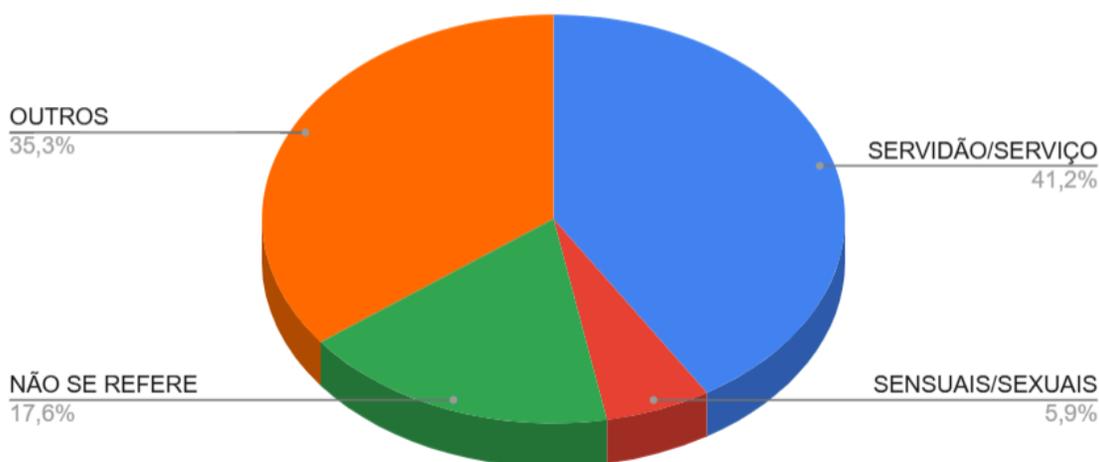
Como demonstrado no Gráfico 2, a única ocorrência do item lexical “umas negras” está vinculada à categoria “servidão/serviço”, representando 100% do total para este termo.

É relevante destacar que as buscas realizadas na Hemeroteca Digital seguiram a ordem cronológica em que estão sendo apresentadas nesta seção. Durante a coleta, verificou-se que os itens lexicais “*umas negrinhas*”, “*mulher negra*”, “*mulheres negras*”, “*menina negra*” e “*moça negra*” não registraram ocorrências nas edições analisadas do Gazeta de Notícias entre 1900 e 1905. Em razão disso, não há tabelas ou gráficos correspondentes a esses itens nesta seção. Portanto, seguimos para a apresentação do Gráfico 3, resultado da busca do item lexical “uma preta”.

A seguir, o Gráfico 3 apresenta a distribuição percentual das categorias atribuídas às ocorrências do item lexical “*uma preta*” no corpus analisado. Esse termo revelou uma diversidade de contextos, sendo distribuído entre as categorias “servidão/serviço”, “sensuais/sexuais”, “não se refere” e “outros”.

Gráfico 3 - Distribuição percentual das categorias do item lexical “uma preta”

ITEM LEXICAL: UMA PRETA



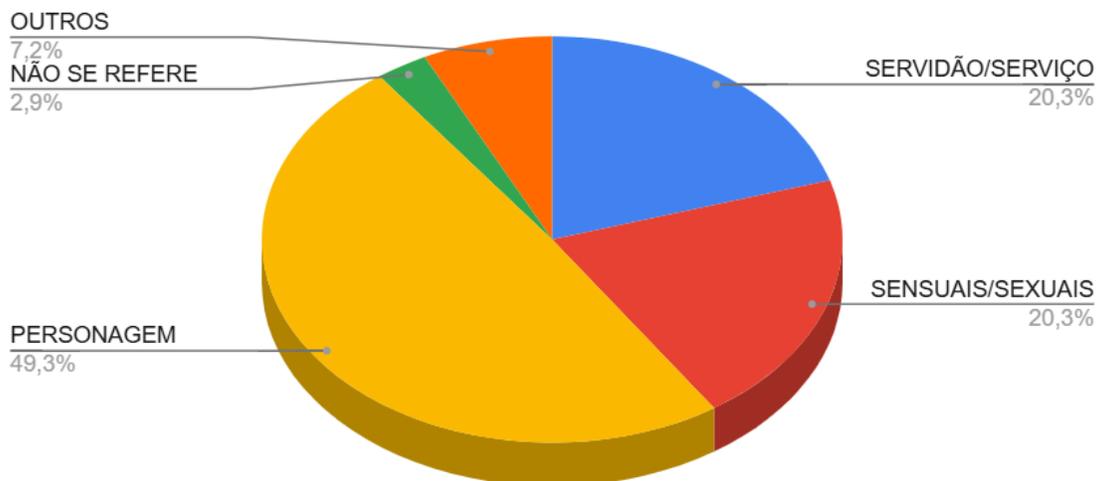
Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Jornal Gazeta de Notícias (1900-1905).

Conforme indicado no Gráfico 3, a maior parte das ocorrências do item lexical “uma preta” está associada à categoria “servidão/serviço”, correspondendo a 41,2% do total. A categoria “outros” representa 35,3%, enquanto “não se refere” abrange 17,6% das menções. A categoria “sensuais/sexuais” aparece com 5,9% das ocorrências, revelando uma menor incidência comparada às demais categorias.

Ao prosseguir com a pesquisa, verificou-se que, ao realizar as buscas pelos itens lexicais “*umas pretas*” e “*umas pretinhas*”, não foram encontradas ocorrências nas edições analisadas. Sendo assim, estas buscas não resultaram na elaboração de tabelas ou gráficos específicos. Dando continuidade à sistematização dos dados, apresenta-se, a seguir, o Gráfico 4, que reúne os resultados referentes ao item lexical “*mulata*”.

Gráfico 4: Distribuição Percentual das Categorias para o Item Lexical "Mulata"

ITEM LEXICAL: MULATA



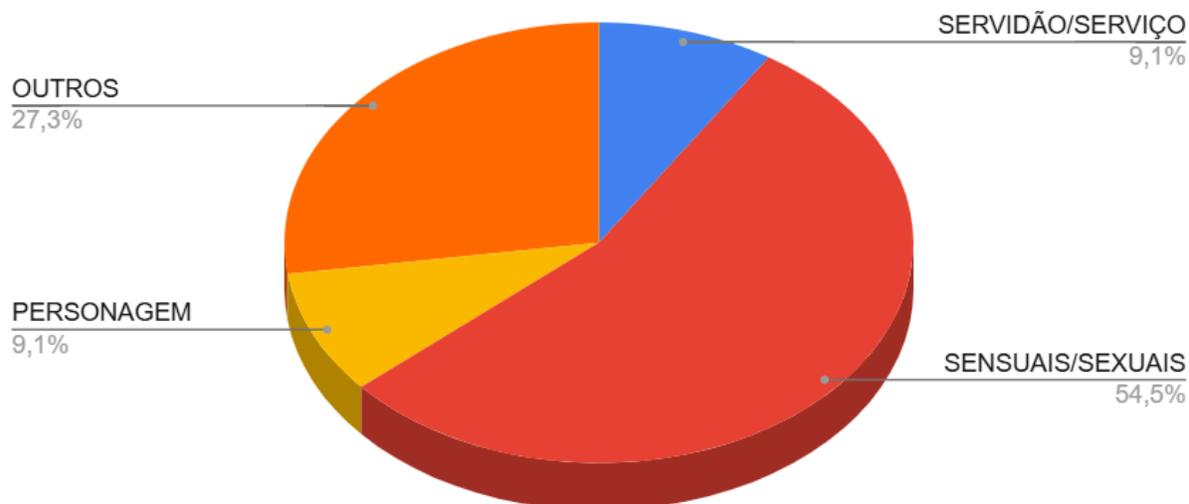
Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Jornal Gazeta de Notícias (1900-1905).

Como ilustrado, a categoria “personagem” predomina, representando 49,3% das ocorrências. As categorias “servidão/serviço” e “sensuais/sexuais” apresentam o mesmo percentual, com 20,3% cada. Já as menções classificadas como “não se refere” totalizam 2,9%, enquanto a categoria “outros” abrange 7,2%.

A seguir, o Gráfico 5 exhibe a distribuição percentual das categorias atribuídas às ocorrências do item lexical “mulatas” no corpus analisado.

Gráfico 5: Distribuição Percentual das Categorias para o Item Lexical "Mulatas"

ITEM LEXICAL: MULATAS



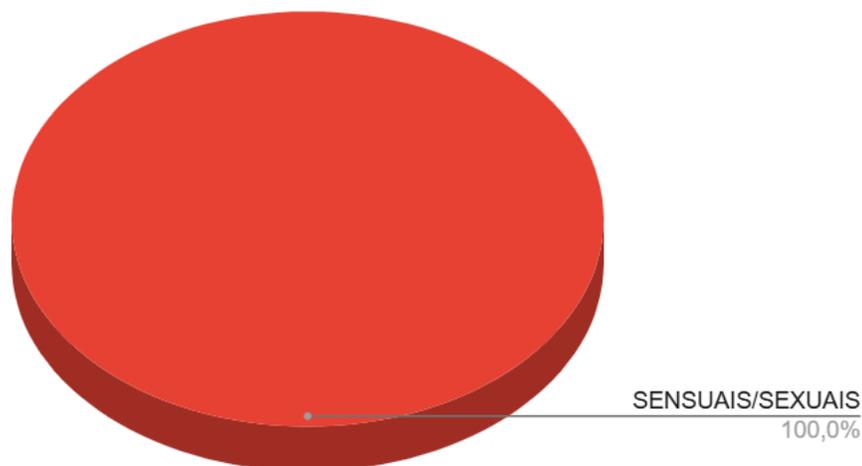
Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Jornal Gazeta de Notícias (1900-1905).

Conforme apresentado, a categoria “sensuais/sexuais” é predominante, correspondendo a 54,5% das ocorrências. Em seguida, a categoria “outros” totaliza 27,3%, enquanto as categorias “personagem” e “servidão/serviço” apresentam proporções iguais de 9,1% cada.

Em frente, o Gráfico 6 apresenta a distribuição percentual das categorias atribuídas às ocorrências do item lexical “*mulatinhas*” no corpus analisado.

Gráfico 6: Distribuição Percentual das Categorias para o Item Lexical "Mulatinhas"

ITEM LEXICAL: MULATINHAS



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Jornal Gazeta de Notícias (1900-1905).

O item lexical “mulatinha” apresenta 100% de suas ocorrências relacionadas à categoria “sensuais/sexuais”.

Nesta seção, realizamos a sistematização dos dados coletados no corpus do jornal Gazeta de Notícias (1900-1905), organizando as ocorrências dos itens lexicais em categorias analíticas definidas previamente. Esse processo envolveu a tabulação detalhada das menções às mulheres negras, quantificação e categorização dos contextos em que elas foram representadas. A apresentação dos dados por meio de gráficos e tabelas permitiu uma análise quantitativa inicial, oferecendo uma visão ampla das recorrências.

Essa sistematização servirá de base para as análises qualitativas nas seções subsequentes, em que exploraremos o teor das representações, conectando-as aos contextos históricos e sociais, e relacionando-as a teorias como as de Stuart Hall e Roger Chartier e conceitos de gênero e raça. Na próxima seção, daremos início à análise aprofundada das categorias, destacando as nuances e implicações das representações das mulheres negras no periódico.

4 RESULTADOS

A presente seção apresenta os resultados obtidos a partir da análise das ocorrências dos itens lexicais selecionados no corpus do jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro de 1900 a 1905. Ao todo, foram identificadas 145 ocorrências distribuídas entre os itens lexicais analisados, classificadas conforme as categorias analíticas previamente definidas: "mulher negra em posição de servidão/serviço", "mulher negra em contextos sensuais ou sexuais", "mulher negra como personagem de peça ou livro", "não se refere à mulher" e "outros", após a coleta essas informações foram organizadas em tabelas detalhadas que foram alocadas no anexo deste texto, de modo a permitir ao leitor uma visão mais dinâmica e sistematizada dos dados coletados.

Especificamente, foram identificadas 26 ocorrências para o item lexical *“uma negra”*, classificadas da seguinte forma: 8 em contextos de servidão/serviço, 2 em contextos sensuais/sexuais, 6 como personagens, 5 em situações que não se referem à mulher negra e 5 categorizadas como “outros”. Já para o item *“umas negras”*, foi registrada apenas 1 ocorrência, enquadrada na categoria de servidão/serviço. O item lexical *“uma preta”* resultou em 34 ocorrências, distribuídas entre 14 em servidão/serviço, 2 em contextos sensuais/sexuais, 6 em contextos que não se referem à mulher negra e 12 na categoria “outros”. O item *“mulata”* apresentou um total de 69 ocorrências, sendo 14 em servidão/serviço, 14 em contextos sensuais/sexuais, 34 como personagens, 2 em contextos que não se referem à mulher negra e 5 classificadas como “outros”. Quanto ao item *“mulatas”*, foram encontradas 11 ocorrências, com 1 em servidão/serviço, 6 em contextos sensuais/sexuais, 1 como personagem e 3 na categoria “outros”. Por fim, o item *“mulatinhas”* apresentou 2 ocorrências, ambas classificadas em contextos sensuais/sexuais.

Ressalta-se que alguns itens lexicais analisados, tais quais *“umas negrinhas”*, *“mulher negra”*, *“mulheres negras”*, *“menina negra”*, *“moça negra”*, *“umas pretas”* e *“umas pretinhas”* não apresentaram ocorrências. Esses casos, embora ausentes das tabelas e gráficos, serão abordados mais adiante, com o objetivo de discutir as lacunas e ausências na narrativa do periódico. Os casos de exceção, alocados na categoria “outros”, serão analisados isoladamente em seção iminente.

As subseções a seguir focaram na análise dos dados qualitativos de cada grupo lexical. Os grupos lexicais são quatro, compostos por: Grupo 1 – *“uma negra,” “umas negras” e “umas*

negrinhas”; Grupo 2 – “*uma preta*,” “*umas pretas*” e “*umas pretinhas*”; Grupo 3 – “*mulata*,” “*mulatinha*” e “*mulatinhas*” e Grupo 4 - “*mulher negra*”, “*mulheres negras*”, “*menina negra*”, “*moça negra*”. Essas análises buscam explorar as representações observadas e os contextos em que ocorreram.

4.1 “UMA NEGRA”, “UMAS NEGRAS E “UMAS NEGRINHAS

Esta subseção examina as representações atribuídas à mulher negra nos itens lexicais “*uma negra*”, “*umas negras*” e “*umas negrinhas*”, encontrados no corpus do Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro. Como veículo de grande influência no período, este jornal desempenhava um papel central na formação de opinião pública e na construção de discursos sociais, conforme sugere Asperti (2006). Nesta e nas seções a seguir, abordaremos as categorias: mulher negra em posição de servidão/serviço, mulher negra em contextos sensuais ou sexuais e mulher negra como personagem de peça ou livro. Os itens categorizados como “não se refere à mulher” não serão analisados por não serem relevantes à pesquisa, enquanto as ocorrências marcadas como “outros” serão discutidas separadamente, em uma análise posterior.

Entre os três itens lexicais deste grupo, o termo “*uma negra*” apresentou o maior número de registros, com 28 ocorrências, seguido por “*umas negras*”, com apenas 1 ocorrência, enquanto “*umas negrinhas*” não apresentou registros em busca na Hemeroteca.

Na categoria “*mulher negra em posição de serviço*”, foram classificadas 8 ocorrências para o item lexical “*uma negra*” e 1 ocorrência para “*umas negras*”. O predomínio de representações como essas reforçam, neste contexto, a conexão entre a mulher negra e o trabalho doméstico ou subalterno, fato que evidencia a normalidade dessas narrativas à época e vinculavam a identidade negra à servidão, ao serviço ou à escravização. Um exemplo emblemático é encontrado na edição 262 do ano de 1904, onde lemos:

“Um vizinho do barbeiro, preguiçosamente recostado perto da janella, com um leque chinês em uma das mãos, abandona a outra do lado de fóra à agradável impressão do ar que refresca. Mal despertado, e o estomago cheio de agua fresca, olha com indifferença para o taboleiro coberto de doces, que lhe apresenta uma negra a quem faz, para passar o tempo, algumas perguntas sobre os amos, e, dalli a pouco, aborrecido com essa inutil distracção, despede-a com esta phrase de desprezo: Vai-te embora.” (Tabela 1, disponível no anexo).

Descrições como esta, feitas no periódico em questão, apresentam a mulher negra em uma posição explicitamente subalterna, marcada além da indiferença do cliente, que a utiliza como uma distração momentânea, pelo seu trabalho braçal como quituteira e pelo desprezo explícito com que é tratada. Esse episódio também ilustra o impacto que narrativas como essas, veiculadas em um periódico tão importante da época, tinha em consolidar imaginários sociais de exclusão, o que inevitavelmente reforçou hierarquias raciais e de gênero. Veja na Figura 6.

Figura 6 – Trecho da edição 262 do ano de 1904 do jornal *Gazeta de Notícias*

Um vizinho do barbeiro, preguiçosamente recostado perto da janella, com um leque chinês em uma das mãos, abandonara a outra do lado de fóra á agradável impressão do ar que refresca. Mal despertado, e o estomago cheio de agua fresca, olha com indiferença para o taboleiro coberto de doces, que lhe apresenta **uma negra** a quem faz, para passar o tempo, algumas perguntas sobre os amos. Dalli a pouco, aborrecido com essa inutil distração, despede-a com esta phrase de desprezo: *Vai-te embora*, expressão grosseira empre-

Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 17 jan. 2025.

Além disso, essas representações, partindo do princípio que 28% das ocorrências se referem a mulheres negras em situação de servidão ou serviço, demonstram como este ser social era frequentemente retratado em papéis de labor e em um período de reorganização social como o pós-abolição era subordinado a dinâmicas de poder que o colocavam em posições de inferioridade.

A categoria “mulher negra em contextos sensuais ou sexuais” inclui 2 ocorrências do item lexical “uma negra”, ambas evidenciando o exotismo e a objetificação associados ao corpo negro. Essas representações, ao longo do corpus analisado, operaram como instrumentos de dominação simbólica, associando a mulher negra a um espaço de desejo subordinado e desumanização. Na edição 80 do ano de 1904 (Tabela 1, disponível no anexo), o termo “uma

negra” surge em referência a Zebinda, uma figura descrita com características que reforçam sua exotização, como podemos ver na Figura 7. O texto que destaca sua presença em um contexto em que é objetificada por sua aparência e posicionada como elemento exótico e subalterno afirma: *"É uma negra lasciva, gorda e dada a festas. Morou muito tempo na rua Senador Pompeu. Seu pai é o tio Antônio, empregado do Banco Alemão, também feitor celebre. Zebinda está agora na travessa das Partilhas. Só tem um prazer na vida: dar festas, danças, fazer candombes; gasta todo o dinheiro que ganha, ganha muito nas festas e na protecção abnormal que da a certas amigas."*

Figura 7 – Descrição de Zebinda, edição 80 do ano de 1904 do jornal Gazeta de Notícias



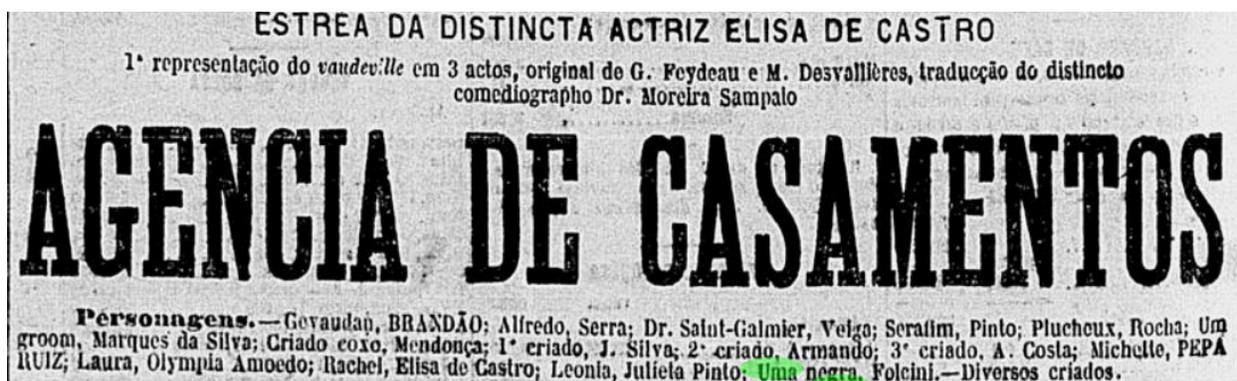
Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 17 jan. 2025.

Tais narrativas sobre Zebinda demonstram como o jornalismo da época utilizou representações que operaram tanto no nível do exotismo quanto na perpetuação de estereótipos de gênero e raça. Ao descrevê-la como uma mulher "lasciva, gorda e dada a festas", o texto constrói uma imagem que reforça a hipersexualização da mulher negra, um padrão discursivo

recorrente que, conforme apontado por Lacerda (2010), limita o exercício pleno de sua feminilidade ao reduzi-la a uma figura de prazer e extravagância. A associação de Zebinda ao "candomblé" e "às festas" remete ao exotismo cultural, que, como argumenta Chartier (1991), é frequentemente mobilizado para consolidar hierarquias simbólicas, utilizando a linguagem como ferramenta de poder e controle. O corpo negro aqui é apresentado como espetáculo, algo a ser consumido, mas não valorizado como sujeito pleno. Essa representação conecta-se à crítica de Stuart Hall (1997), que aponta que "os discursos midiáticos criam regimes de verdade ao moldar os significados e definir como certos grupos podem ser percebidos". Neste contexto, Zebinda é transformada em um símbolo que não só reforça as desigualdades raciais e de gênero à época, mas também para a manutenção de imaginários sociais que consolidam estruturas de poder.

Na categoria "mulher negra como personagem de peça ou livro", entre as seis ocorrências analisadas, destaca-se o fato de que, embora a mulher negra esteja presente como personagem em peças teatrais, sua representação frequentemente se restringe a papéis coadjuvantes e marginalizados relacionados, geralmente, aos serviços domésticos e ao cuidado de crianças, visto que frequentemente aparecem no final da lista de personagens, entre a criadagem e os figurantes. Podemos visualizar esse aspecto na edição 339, ano de 1900 (Figura 8), na qual "uma negra" é mencionada como parte do elenco da peça Agência de Casamentos:

Figura 8 – Lista de personagens da peça *Agência de Casamentos*, edição 339 do ano de 1900 do jornal



Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 17 jan. 2025.

E ainda sobre as aparições na categoria de personagem de peça ou livro é essencial destacar que, como vislumbramos anteriormente neste texto, o uso do *blackface* era prática comum no teatro do início do século XX, o que evidenciou ainda mais a exclusão das mulheres negras como intérpretes de si mesmas. A técnica consistia em atores ou atrizes brancos pintarem o rosto de preto para interpretar personagens negras, frequentemente de forma caricatural e estereotipada. Esse recurso, segundo Conceição (2020), “exclui a participação de pessoas negras como protagonistas da atuação ao produzir uma encenação caricata, [...] sugerindo que basta pintar a face de preto para ocupar o lugar de fala do outro”. Dessa forma, a representação simbólica da mulher negra no teatro era apropriada pela branquitude, que assegurava sua posição central enquanto atribuía às pessoas negras papéis subalternos ou as excluía completamente.

Além disso, a própria concepção marginal e sublocada desses personagens ilustra estigmas de raça e gênero o que limitou sua inserção cultural a funções utilitárias ou exóticas e fixa essa imagem no imaginário coletivo. Ribeiro (2018) observa que “a *blackface* [...] reforça estereótipos, reproduzindo, sob a prerrogativa do humor, uma imagem negativa que irá legitimar a opressão e manter as desigualdades na estrutura social brasileira”. Nesse sentido, as representações de “uma negra” na categoria “mulher negra como personagem de peça ou livro” do período não apenas refletiu as hierarquias sociais de sua época, mas as perpetuou, utilizando o humor e a sátira como mecanismos de dominação simbólica. Mesmo quando a mulher negra era representada, sua figura servia, de acordo com os achados desta coleta, para reafirmar a inferioridade atribuída a ela no imaginário social.

Os achados relacionados aos itens lexicais “*uma negra*”, “*umas negras*” e “*umas negrinhas*” revelaram dinâmicas complexas de representação da mulher negra no jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro. As análises destacaram um padrão recorrente de subalternidade, em contextos de servidão, hipersexualização e enquanto personagem no espaço simbólico da dramaturgia e arte. No entanto, mesmo representada, a mulher negra, nesta pesquisa, não ocupa um lugar de protagonismo ou de valor, sendo frequentemente associada a papéis limitados e estereotipados que reforçam hierarquias de gênero e raça.

Como o item lexical “*umas negrinhas*” não apresentou ocorrências no corpus, seguiremos diretamente para a análise do próximo grupo lexical, “*uma preta*”, “*umas pretas*” e “*umas pretinhas*”, no tino de aprofundar as reflexões sobre as representações da mulher negra e suas diversas nuances no período histórico analisado.

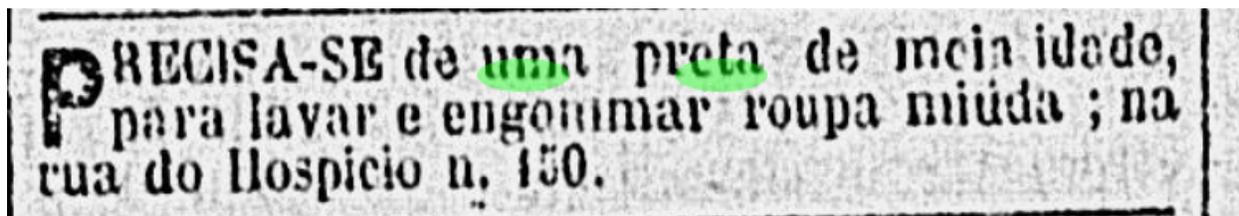
4.2 “UMA PRETA”, “UMAS PRETAS” E “UMAS PRETINHAS”

Nesta seção, analisaremos o grupo lexical “*uma preta*”, “*umas pretas*” e “*umas pretinhas*”, a partir dos dados coletados no periódico em questão. A análise é concentrada exclusivamente no termo “*uma preta*”, visto que não foram encontradas ocorrências para “*umas pretas*” e “*umas pretinhas*” no levantamento realizado. As representações analisadas seguem as categorias estabelecidas previamente: mulher negra em posição de servidão/serviço, mulher negra em contextos sensuais ou sexuais e mulher negra como personagem de peça ou livro, enquanto os itens categorizados como “*outros*” serão examinados em uma análise conjunta ao final desta seção.

A categoria “mulher negra em posição de servidão/serviço”, neste caso, abarca o maior número de ocorrências, fato que evidencia como as representações sociais da época posicionaram as mulheres negras quase exclusivamente como trabalhadoras subalternas. Percebemos que não houve uma tentativa de quebra de padrão do passado escravista dessas mulheres nem por parte da sociedade e nem por parte dos jornais que escolhiam o quê, quando e como publicar. O gráfico correspondente demonstra que 41,2% das ocorrências de “*uma preta*” foram categorizadas nesta posição, episódio que atesta a centralidade do trabalho servil na construção da imagem da mulher negra a partir do início do século XX.

A fim de ilustrar essas reflexões, na edição 117 de 1900, podemos ver, na Figura 9, que a mulher negra é requisitada explicitamente para serviços domésticos: “PRECISA-SE de uma preta, de meia idade, para lavar e engommar roupa miúda.” Essa descrição naturaliza a conexão entre a mulher negra e o trabalho árduo, como se sua existência e suas características físicas estivessem intrinsecamente atreladas à servidão. Chartier (1991) destaca que “as representações coletivas refletem as divisões sociais,” e esse exemplo ilustra como a escolha linguística reforçou a desigualdade estrutural.

Figura 9 – Anúncio solicitando empregada doméstica, edição 117 do ano de 1900 do jornal Gazeta de Notícias



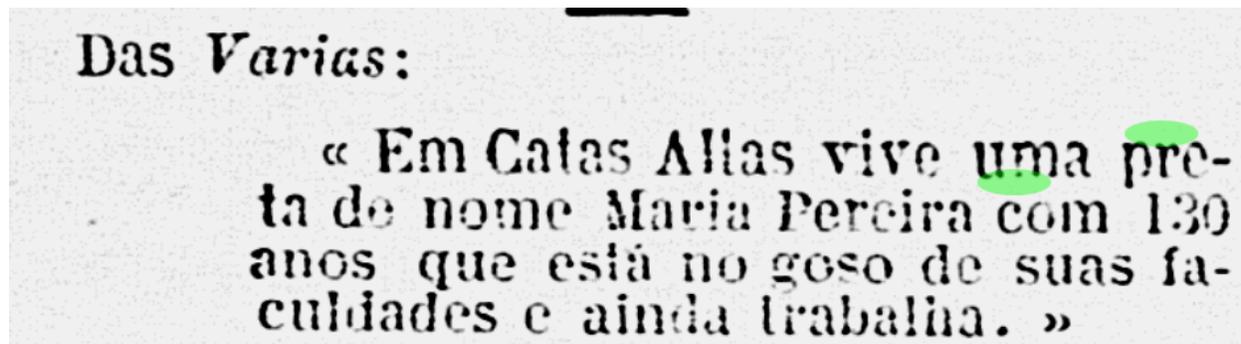
Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em:

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 17 jan. 2025.

Outro dado significativo vem da edição 78, de 1901 (Figura 10), que menciona Maria Pereira, uma mulher negra de 130 anos ainda envolvida em trabalho produtivo. Essa narrativa reforça a exploração contínua dos corpos negros mesmo em condições extremas, perpetuando uma visão de utilitarismo que Hall (1997) identificaria como “fixação de significado”⁵ nos sistemas de representação.

⁵ Conforme Hall (1997), a linguagem desempenha um papel central na fixação de significados ao estruturar a forma como o mundo é percebido e compreendido. Esse processo não apenas reflete a realidade, mas também atua como ferramenta de poder, moldando e legitimando relações sociais e culturais que reforçam hierarquias estabelecidas.

Figura 10 – Notícia sobre Maria Pereira, edição 78 do ano de 1901 do jornal Gazeta de Notícias



Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em:

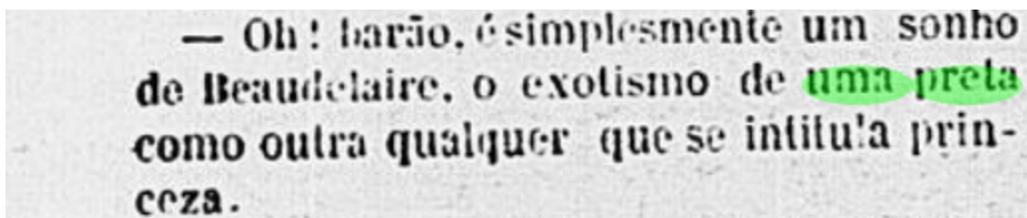
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 17 jan. 2025.

No caso das análises referentes à categoria “mulher negra em contextos sensuais ou sexuais”, a hipersexualização das mulheres negras emerge como um padrão recorrente nas narrativas analisadas. O gráfico indica que 5,9% das ocorrências de “uma preta” foram classificadas nesta categoria, e, embora numericamente inferiores às de servidão, essas descrições são particularmente carregadas de simbolismo racial.

Na edição 349 de 1905, a mulher negra é descrita como “uma preta imensa, de uns seios colossais.” Essa ênfase exagerada nos atributos corporais não apenas reforça a objetificação do corpo negro, mas também estabelece uma dicotomia entre desejo e desumanização. Hall (1997) argumenta que “os estereótipos fixam diferenças e essencializam características,” o que se reflete diretamente nessa descrição que reduz a mulher negra a seu corpo.

A sensualização aparece também na edição 12 de 1905, em que a mulher negra é descrita como “exótica.” Esse exotismo é um mecanismo discursivo que, conforme Chartier (1991), legitima a marginalização ao destacar as mulheres negras como “outras,” afastando-as da normatividade feminina branca.

Figura 11 – Descrição do exotismo de uma mulher negra, edição 12 do ano de 1905 do jornal Gazeta de Notícias



Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 17 jan. 2025.

Então, a análise dos resultados em relação ao termo “*uma preta*” permitiu identificar representações marcantes na categoria de “mulher negra em posição de servidão/serviço”, que encabeçou as ocorrências com 41,2% dos episódios, e aspectos de hipersexualização nos casos de “mulher negra em contextos sensuais ou sexuais” destacando narrativas que naturalizam posições subalternas e exploram a fisicalidade das mulheres negras no contexto midiático do início do século XX. Portanto, os dados analisados confirmam que as representações da mulher negra no início do século XX foram marcadas pela fixação de significados que reforçaram sua subalternidade e objetificação. Como aponta Bento (1995), “a mulher negra experimenta a maior precariedade no mercado de trabalho brasileiro, sendo relegada a funções de baixa remuneração e prestígio.” Essas representações sociais evidenciam a construção simbólica da mulher negra em alinhamento com os estereótipos e dinâmicas sociais em construção na época.

É importante observar, portanto, que não foram encontrados casos relacionados à categoria “mulher negra como personagem de peça ou livro” para o item lexical “*uma preta*”. Com essas considerações, avançaremos agora para a análise do terceiro grupo lexical, em busca de aprofundar a compreensão das representações presentes no corpus.

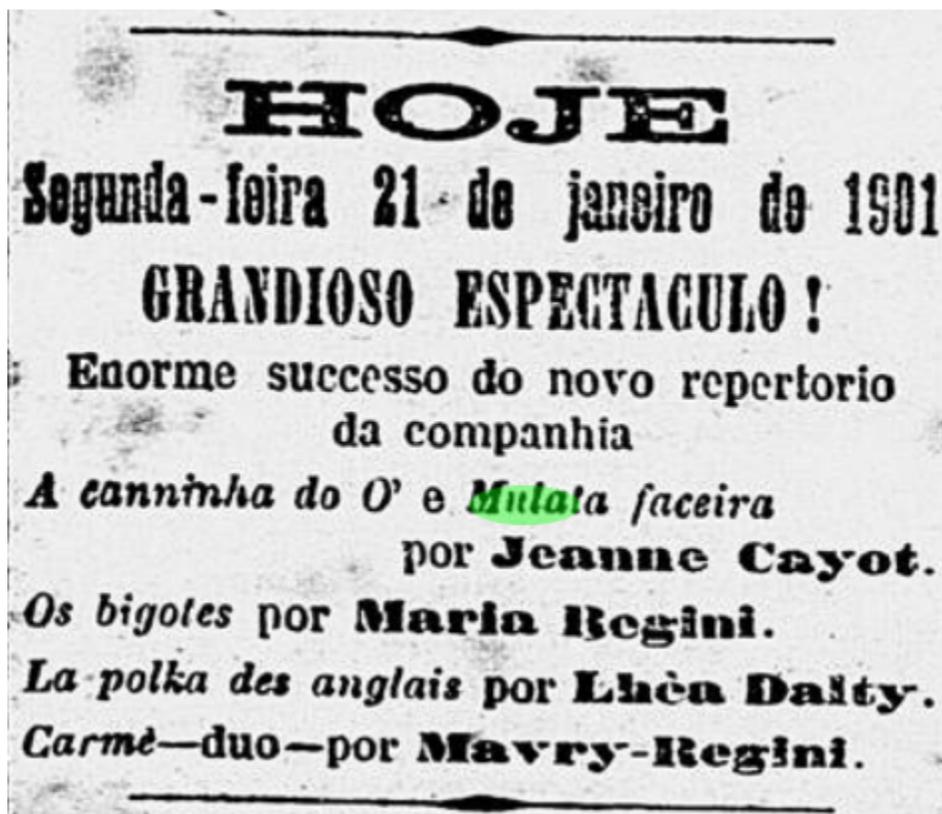
4.3 “MULATA”, MULATAS” E “MULATINHAS”

Neste grupo lexical, nos resultados referentes às buscas do item lexical “mulata”, a categoria “mulher negra como personagem de peça ou livro” destaca-se como a mais sobressalente, com 34 ocorrências, 49,3% dos casos. Foi registrada apenas uma ocorrência de “mulatas” nessa categoria e, em “mulatinhas”, não houve ocorrência. Essas representações são

especialmente evidentes em produções culturais, como peças teatrais, músicas ou romances, em que a figura da mulher negra de pele mais clara, simbolizada pela "mulata," é amplamente explorada. No entanto, os papéis atribuídos a essas personagens frequentemente reforçam estereótipos de sensualidade, exotismo e subalternidade. Os exemplos encontrados nos arquivos analisados demonstram como as representações sobre a mulher negra foram instrumentalizadas para consolidar hierarquias raciais e de gênero.

Na peça *Mulata Faceira* (1901, edição 21), o adjetivo "faceira" reforça uma imagem de leveza, vaidade e atração, características que subtraem complexidade da personagem, confinando-a a um papel estereotipado de sedução. Podemos ver o caso na figura 12.

Figura 12 – Anúncio da peça teatral *Mulata Faceira*, edição 21 do ano de 1901 do jornal *Gazeta de Notícias*



Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Ainda nesta categoria, outro exemplo significativo é o romance *A Mulata*, descrito na edição 318 de 1901 (Figura 13), como uma obra que retrata “scenas verdadeiramente luxuriosas”. O texto enfatiza a sensualidade da personagem central, utilizando termos como

“luxuriosas” e “nua e crua” para atrair o público, especialmente masculino, sugerindo que tais narrativas eram deliberadamente construídas para satisfazer fantasias exóticas e estigmatizantes. Esse padrão persiste em uma nova menção ao romance, na edição 22 de 1902, em que é descrito como “um romance de fogo e de leitura reservada,” reafirmando a forte ligação entre a representação da mulher negra de pele mais clara e a erotização no consumo cultural da época.

Figura 13 – Anúncio do romance A Mulata, edição 318 do ano de 1901 do jornal Gazeta de Notícias

MULATA

ROMANCE DE FOGO

Um colossal volume de mais de 500 páginas, com luxuossíssima capa e deslumbrante gravura impressa em oito cores, chromo-lithographia, trabalho do insigne e genial artista Julio Machado..... 6\$000

A MULATA é um romance de scenas ao vivo, descriptas com calor e com verdade, nada possuindo de fantasia. E' escripto em linguagem fluente, sem refeiços, contando as cousas como ellas são, nuas e cruas, empregando seus verdadeiros nomes, de forma que o leitor vê desenrolarem-se ante seus olhos scenas verdadeiramente luxuriosas.

Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em:

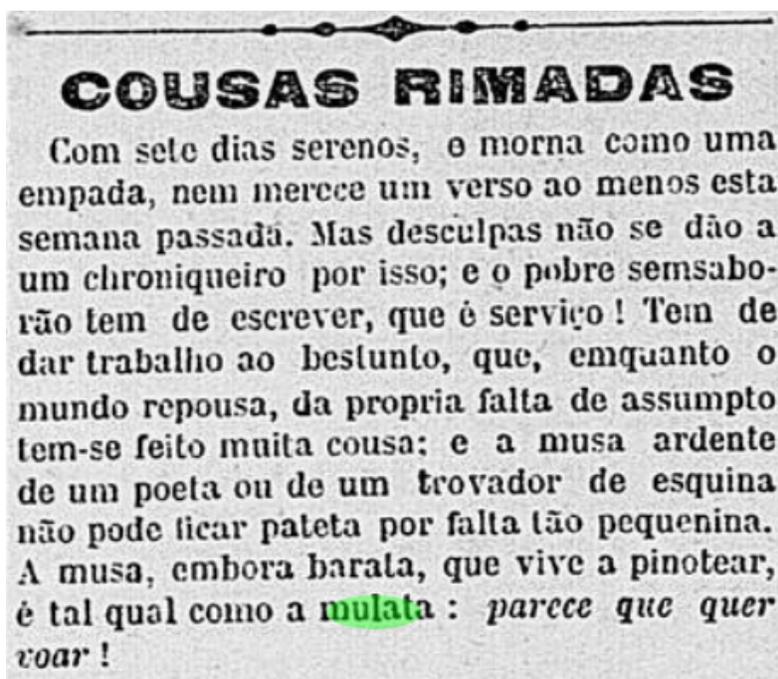
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

As associações entre a figura da "mulata" e a dança ou música são recorrentes nas aparições da categoria “mulher negra como personagem de peça ou livro”. A peça Maxixe da Mulata (1903, edição 176), por exemplo, reforça esse vínculo ao evocar a relação entre a mulata e o maxixe, uma dança amplamente reconhecida por seus movimentos sensuais e envolventes. Como discutem Bender e Saraiva (2019), o maxixe era inicialmente associado a mulheres negras ou mulatas, enquanto as mulheres brancas eram excluídas dessa prática devido à sua conotação

sensual. Essa conexão cultural contribuiu para a consolidação da imagem da mulata como símbolo de sensualidade, reforçando sua posição como objeto de espetáculo dentro de um espaço que legitimou desigualdades raciais e de gênero. Essas representações evocam o conceito de Stuart Hall (1997), para quem "as representações criam regimes de verdade ao construir significados," e nesse caso, o corpo da mulher negra de pele mais clara é, por meio das páginas da Gazeta, transformado em um espetáculo para consumo visual e simbólico.

A narrativa de *A Musa Ardente* (1903, edição 222), como podemos ver na figura 14, segue o mesmo padrão ao descrever a mulata como uma figura "ardente," a linguagem utilizada reforça estereótipos de sensualidade e exotismo, na leitura percebe-se a mulher negra de pele mais clara como símbolo de inspiração, mas também como objeto de fetichização e desumanização. Representações como estas associam ao corpo negro aspectos de bestialidade, como diz Davis (2016) essa imagem da mulher negra como cronicamente promíscua implica na imagem de que toda a raça é investida de bestialidade. Como destaca Chartier (1991), narrativas como estas não apenas têm o poder de refletir a cultura de sua época, mas também de perpetuar relações de poder que moldam a percepção de grupos marginalizados.

Figura 14 – Poema destacando a "mulata" como musa, edição 222 do ano de 1903 do jornal Gazeta de Notícias

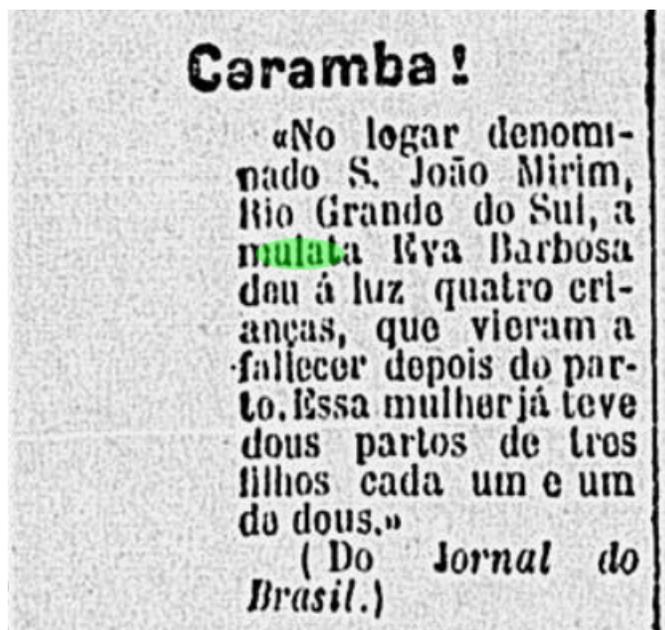


Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Seguindo para a análise da categoria “mulher negra em contextos sensuais/sexuais” encontramos em “mulata” 14 casos, “mulatas” 6 casos e “mulatinhas” 2 casos, ocorrências únicas deste último item lexical.

Já na primeira ocorrência analisada, identificamos aspectos de hipersexualização da mulher negra em descrições que exploram e enfatizam sua capacidade reprodutiva. Na seção de curiosidades quando se fala sobre Eva Barbosa (1900, edição 106), o foco dessa retratação é sua fertilidade extraordinária, fato que a transforma em espetáculo. Abaixo na Figura 15, podemos constatar que essa narrativa, ao destacar múltiplos partos como uma curiosidade, reforça estereótipos que desumanizam a mulher negra, vinculando sua identidade ao corpo e à sua capacidade reprodutiva. A descrição da “Fecunda Mulata Velha” (1903, edição 150) perpetua estigmas associados às mulheres negras, enfatizando a exotização e a hipersexualização do corpo negro, mesmo na velhice, ao afirmar que “os velhos mineiros arrumaram para o ventre da mulata velha”. Essa representação reforça um imaginário que desumaniza e objetifica as mulheres negras, posicionando-as como meros instrumentos de perpetuação de sistemas de exploração. Narrativas como esta foram construídas com base no passado escravista ainda recente deste povo, conforme Botelho (2022), a exploração da capacidade reprodutiva das mulheres negras durante o período escravocrata era de fato uma ferramenta de manutenção da então instituição escravista, afinal “cada filho/a nascido/a equivalia a uma mercadoria das famílias brancas, mais lucro, cuja mãe-negra nem ao menos tinha o direito de experimentar ser genitora.” (DAVIS, 2016, p. 97).

Figura 15 – Relato sobre Eva Barbosa, edição 106 do ano de 1900 do jornal Gazeta de Notícias



Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Ainda nesta categoria, porém na Tabela 6, o item lexical “mulatas” na edição 98 de 1904 apresenta mais um exemplo emblemático da marginalização e hipersexualização das mulheres negras de pele mais clara. Podemos conferir na Figura 16 o trecho que as descreve: “Mulatas perdidas, a ralé da prostituição, typos ambiguos de calças largas e meneios de quadris.” A escolha de palavras como “ralé” e “perdidas” e a sua inserção à massa que anseia impacientemente para a orgia associam diretamente as mulheres negras a um contexto de decadência social, fato que vincula a construção de sua identidade a um espaço marginal de comportamento ilícito e à exploração indiscriminada de sua sexualidade.

Figura 16 – Descrição de "mulatas perdidas" associadas à prostituição, edição 98 do ano de 1904 do jornal Gazeta de Notícias

viciados á procura de emoções novas, fúrias hystericas e nymphomaniacas, mulatas perdidas, a ralé da prostituição, typos ambiguos de calças largas e meneios de quadris, caras lividas do *rodeurs* das praças, homens desbriados, toda essa massa heteroclita cacarejava impaciente para que começasse a orgia. Os velhos tinham olha-

Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

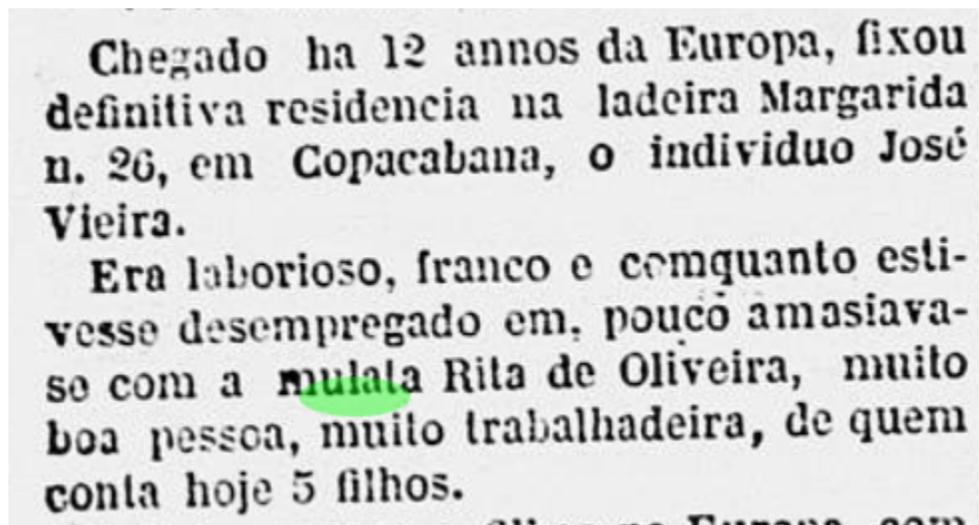
Episódios como esse reforçaram a criminalização do corpo negro feminino, posicionando-o como elemento de transgressão e desordem social, segundo bell hooks "as mulheres negras eram retratadas como sexualmente permissivas, disponíveis e ávidas, o que legitimava sua exploração." (hooks, 1981, p. 39). Hall (1997) destaca que "a representação não reflete simplesmente o mundo, mas molda as formas de pensar e falar sobre ele," e aqui o discurso midiático molda a percepção pública das "mulatas" como figuras desviantes, sempre à margem da respeitabilidade social. Esse processo de desumanização é central para compreender como a mídia consolidava hierarquias raciais, apresentando essas mulheres como incompatíveis com os valores morais dominantes.

O mesmo acontece na descrição das "mulatinhas" na edição 55 de 1904 do Gazeta de Notícias, que exemplifica a hipersexualização e a exotização da mulata em um contexto de marginalidade. No trecho, lê-se: "No morro do Pinto a feitiçaria impera. Numa sala baixa, iluminada a kerosene, assentam-se os fiéis: mulheres desgrenhadas, mulatinhas bamboleantes, negras de lenço na cabeça com o olhar alcoólico..." A expressão "mulatinhas bamboleantes" sugere um movimento corporal sensual e ritmado, destacando a fisicalidade dessas mulheres como principal aspecto de suas representações. Stuart Hall (1997) argumenta que "o discurso molda o que é percebido como real," e nesses casos, o discurso midiático consolidou a ideia de

que as mulheres negras, especialmente as “mulatas,” estão inexoravelmente ligadas a uma fisicalidade marcante e sensual.

Movendo-nos para a categoria “mulher negra em posição de servidão/serviço” a coleta aponta 14 casos em “mulata” e 1 caso em “mulatas”. Roger Chartier (1991) implica que as formas simbólicas desempenham um papel central na estruturação do poder social, e essa ideia se manifesta claramente na descrição da edição 114 de 1901, que apresenta Rita de Oliveira como “muito boa pessoa, muito trabalhadeira.” Essa narrativa reforça a associação da mulher negra ao trabalho e à manutenção familiar, reduzindo sua identidade a características laborais e domésticas. Além disso, o uso do termo “amasiava-se” para descrever sua relação com José Vieira e a menção à quantidade de seus filhos não apenas sublinha sua subordinação no espaço privado, mas também evoca uma dimensão de hipersexualização, relacionando-a os estereótipos de objetos de prazer e super capacidade reprodutiva largamente relegados à mulher negra.

Figura 17 – Descrição de Rita de Oliveira como "trabalhadeira," edição 114 do ano de 1901 do jornal Gazeta de Notícias



Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Na Figura 18, encontramos outro exemplo que reforça o entendimento sobre as expressões utilizadas pelo jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro para se referir à mulher negra. O trecho da edição 283 de 1901 menciona a entrada de uma figura no ambiente

acompanhada de “suas nove criadas, tres das quaes eram mulatas”, evidenciando como essas mulheres eram reduzidas a posições de serviço, mesmo já dentro de um contexto de subordinação, como entre as criadas. A especificação de que três eram "mulatas" racializa ainda mais o papel da servidão, destacando-as em uma lógica que associa diretamente raça e trabalho.

Esse exemplo mostra como a mídia naturalizou a posição subalterna da mulher negra, reforçando hierarquias que negavam sua subjetividade. Stuart Hall (1997) afirma que “os significados são construídos dentro dos sistemas de representação cultural,” e, nesse caso, essa representação ajuda a legitimar a exploração dessas mulheres como uma norma social.

A análise do grupo lexical “mulata”, “mulatas” e “mulatinhas” revelou, nesta subseção, como as representações das mulheres negras foram profundamente marcadas por estereótipos de sensualidade, subalternidade e exotismo. As narrativas culturais, como romances e peças teatrais, destacaram a figura da “mulata” como personagem central, mas sempre limitada a papéis estereotipados, seja como objeto de desejo, símbolo de fetichização ou musa vinculada ao espetáculo. Ao mesmo tempo, os contextos de servidão e hipersexualização consolidaram sua posição subalterna na sociedade da época, naturalizando relações de exploração e exclusão.

Os exemplos analisados nesta seção, demonstram que as representações encontradas no jornal Gazeta de Notícias de fato contribuíram para perpetuar hierarquias de raça e gênero, reforçando a desumanização dessas mulheres ao fixá-las em papéis utilitários ou erotizados. As categorias exploradas nesta seção, embora distintas, convergem para evidenciar como o discurso midiático em questão moldou a percepção da mulher negra como figura hipersexualizada, servil, procriadora e marginalizada. Com essas reflexões, avançamos agora para o Grupo 4, aprofundando o entendimento sobre os próximos itens lexicais presentes no corpus e suas implicações simbólicas e sociais.

4.4 “MULHER NEGRA”, “MULHERES NEGRAS”, “MENINA NEGRA” E “MOÇA NEGRA”

A ausência de ocorrências dos itens lexicais “mulher negra,” “mulheres negras,” “menina negra” e “moça negra” no corpus analisado não é apenas um dado quantitativo, mas um elemento significativo para compreender as dinâmicas de invisibilização e desumanização que permeavam a sociedade e a mídia no início do século XX. Essa falta de referências da mulher negra como mulher, moça ou menina reflete como ela não era reconhecida como um sujeito pleno, mas sim reduzida a papéis subalternos e utilitários que apagavam sua identidade e singularidade. Como argumenta Cabecinhas (2002), o fim do século XIX foi marcado por um processo de diferenciação simbólica que desumanizou o outro, tornando as mulheres negras representantes indiferenciadas de um grupo, desprovidas de individualidade e subjetividade. Em 1851, Sojourner Truth em discurso excepcional e marcante disse

“Aquele homem ali diz que as mulheres precisam ser ajudadas em carruagens, erguidas sobre valas e ter o melhor lugar em todo lugar. Ninguém me ajuda em carruagens, ou em poças de lama, ou me dá o melhor lugar! E eu não sou mulher? Olhe para mim! Olhe meu braço! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente” (THUTH, 1851, s/p)

A abolicionista afro-americana, escritora e ativista dos direitos da mulher, que ficou conhecida por este discurso, já destacava em 1851 que a visão sobre gênero e mulher não incluía a mulher negra, uma realidade que ressoava e se aproximava do período abordado. Angela Davis (2016) complementa essa análise ao afirmar que as mulheres negras eram tratadas como “animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar.” Tal visão não apenas instrumentalizava o corpo negro, mas também negava à mulher negra a humanidade e o reconhecimento enquanto parte do universo feminino idealizado, frequentemente associado à mulher branca.

Frantz Fanon (2008) aprofunda essa perspectiva ao afirmar que, nas sociedades coloniais, a imagem do negro era associada à selvageria, à animalidade e à sexualidade exacerbada, fixando essas representações no plano biológico. Essa construção simbólica relegou à mulher negra um espaço de exclusão não apenas social, mas também simbólica, onde sua identidade foi reduzida a

atributos corporais e aspectos servis e não às dimensões subjetivas e culturais que formam um indivíduo. Representações como as colhidas neste trabalho, ajudaram a perpetuar um ciclo de marginalização que impediu que a mulher negra fosse percebida como "mulher" em seu pleno significado.

Ademais, o feminismo emergente da época, marcado por sua perspectiva eurocêntrica e limitada, nunca contemplou as realidades das mulheres negras. Como observa Costa (2007), mulheres negras — sejam elas trabalhadoras domésticas, prostitutas, trabalhadoras rurais ou chefes de família — dificilmente se enquadraram no retrato patriarcal que moldava as discussões feministas brancas. Afirmo Carneiro (2011) que o movimento feminista brasileiro se constituiu como um espaço de privilégio branco, deixando de lado as demandas específicas das mulheres negras. Essas mulheres estavam inseridas em realidades marcadas pela exploração econômica e racial, pelas dinâmicas de classe e pela ausência de proteção social ou legal, contextos que tornavam suas experiências profundamente distintas das mulheres brancas da época.

Portanto, a inexistência de ocorrências nos itens lexicais analisados nesta seção revela mais do que uma lacuna discursiva; ela evidencia como a mulher negra foi sistematicamente apagada das narrativas hegemônicas que moldaram a sociedade e os meios de comunicação da época. Em reflexões mais recentes segundo Hill Collins (2000) mulheres negras ainda têm sido vistas como ‘mulas do mundo’, suportando o peso do trabalho físico e emocional enquanto permanecem invisíveis nas esferas públicas e privadas. Essa ausência reafirma que a negra não foi representada enquanto sujeito pleno, mas sim como objeto de trabalho, exploração e desumanização, um reflexo direto das hierarquias raciais e de gênero que construíram as bases da sociedade brasileira do início do século XX. Com essas reflexões, avançamos para a análise das ocorrências alocadas na categoria “outros”, a fim de entender as representações da mulher negra no jornal para além das categorias definidas.

4.5 “OUTROS”

Esta seção se incube de analisar as ocorrências relativas a “Outros”, categoria construída a fim de alocar os episódios dos itens lexicais em questão que não se encaixaram nas categorias definidas anteriormente. Examinaremos então por grupos lexicais, em primeiro lugar o Grupo 1 - “Uma negra”, “Umas negras” e “Umas negrinhas”, porém não há casos para os dois últimos itens.

As ocorrências do item lexical “uma negra” classificadas nesta categoria são 5 e revelam representações que, mesmo fora das categorias predefinidas, continuam a reforçar estereótipos e marginalizações. Em muitos casos, a mulher negra aparece associada a imagens de descontrole, degradação física e irracionalidade ou aspectos desumanizadores, o que evidencia um apagamento de sua subjetividade e reforça estereótipos.

Por exemplo, na edição 108 de 1903, a mulher negra é descrita como “magra, tísica, atacada de delírio alcoólico, aos pulos, aos saltos, batendo nos peitos, berrando versos, numa alegria diabólica” em um trecho que reforça uma narrativa de marginalização e abrange aspectos que reforçam sua vulnerabilidade física e emocional. De forma semelhante, na edição 55 de 1904, como vemos na Figura 18, uma mulher negra é apresentada em meio a uma crise epiléptica, sendo descrita como “velha” e “esquálida”, atributos que acentuam sua fragilidade e marginalização em um cenário que não se preocupa com a sua limitação de saúde. Já na edição 177 de 1904, ela é inserida em um contexto de práticas culturais e espirituais, quando “de repente caiu soltando um grito” enquanto participava de um “rito africano”. Na mesma edição e ano há a quarta ocorrência em que “Uma negra poz a mão em concha no ouvido e gritou para os ogans perfilados: — Oro está chegando!”, no contexto o jornal nomeia essas práticas como “desandes”, “um domínio satânico” o que adiciona uma camada de exotismo e distanciamento dos cultos praticados por esses grupos em relação à normatividade da época: branca e europeia.

Figura 18 – Descrição de uma mulher negra em crise epiléptica, edição 55 do ano de 1904 do jornal Gazeta de Notícias

! ---A mãe! a pobre da mãe tão boa! A portuguesa rebenta num choro convulso; uma negra epileptica, velha, esqualida, começa a gritar numa crise tremenda, enquanto o homem magro brada.

Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

O último episódio acontece na edição 213 do ano 1904 em que é representada entre “caras de doidas, phisionomias de raparigas, umas horrendas, outras lindas” uma mulher negra que “brinca com uma boneca de panno”, podemos visualizar aspectos de infantilização associados à marginalidade de sua presença em um hospício. Segundo Angela Davis (2016) a desumanização das mulheres negras foi perpetuada por meio da negação de sua capacidade de autonomia e subjetividade. Este periódico de época, ao representá-las em situações que enfatizavam sua dependência ou inadequação social, reforçou a ideia de que essas mulheres eram “naturalmente” inferiores ou incapazes.

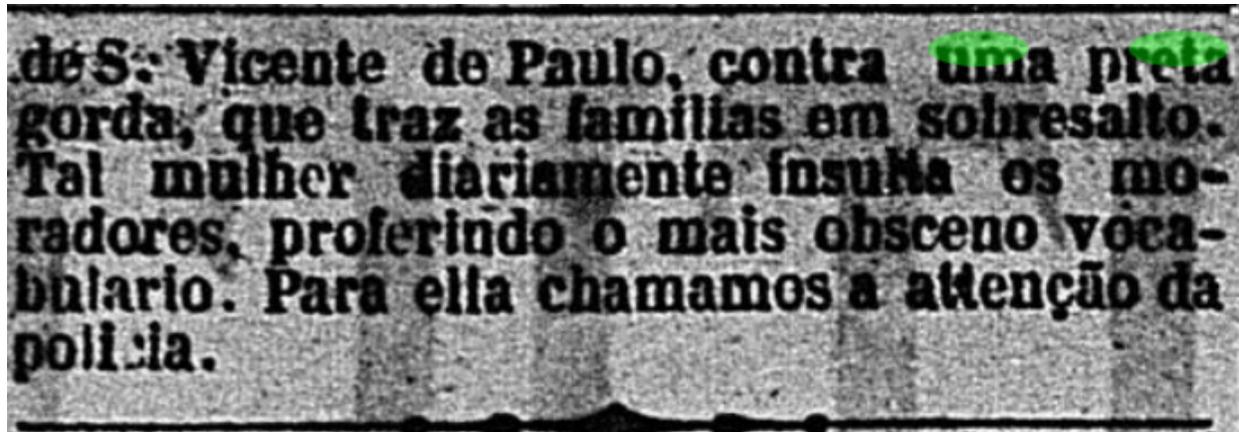
As 5 ocorrências da categoria “outros” relacionados a “uma negra” então apontam para uma construção simbólica que vai além das categorias tradicionais de servidão ou sensualidade, mas que ainda reforça a desumanização da mulher negra. De acordo com Brasil e Cabecinhas (2019), representações como estas, sociais e hegemônicas, perpetuam a ideia de que desigualdades sociais e opressões são naturais, normais e inevitáveis. Podemos aferir que o uso repetido de descrições que associam a mulher negra à fragilidade, irracionalidade ou exotismo refletiu essa dinâmica no periódico em questão. O jornal Gazeta de Notícias, ao construir essas imagens, consolidou as hierarquias sociais e relegou a mulher negra a posições de exclusão e subalternidade.

Partimos, logo, para exame dos 12 casos classificados como “Outros” na Tabela 3 do item lexical “uma preta”, visto que neste grupo lexical os itens “umas pretas” e “umas pretinhas” não pontuam ocorrências. As narrativas revelam caracterizações que, embora não se encaixem nas categorias de servidão, sexualidade ou representações artísticas, reforçam a marginalização e

desumanização das mulheres negras representadas ali. Tais ocorrências trazem descrições que refletem comportamentos profundamente marcados pelas hierarquias raciais e de gênero naturais à época.

Um dos temas mais recorrentes nestas ocorrências é a associação das mulheres negras a situações de desordem e conflito. Na edição 245 de 1902, uma mulher negra é descrita como "fazendo grande aranzel à porta de sua casa" e causando tumulto com "clima de insultos." De forma similar, a edição 327 do mesmo ano, podemos ver na Figura 19, reforça essa visão ao retratar uma "preta gorda" que "traz as famílias em sobressalto," acusada de insultar os moradores com "vocabulário obsceno," ou na edição 99 do mesmo ano em que um homem vai até a polícia para reclamar de "duas galinhas que foram remetidas pela guarda noturna" segundo ele por "terem sido atiradas ao chão por uma preta" que o teria roubado. Esses exemplos atestam a representação da mulher negra como conflituosa e desordeira, associando sua presença a perturbações sociais.

Figura 19 – Notícia sobre “uma preta gorda” causando tumulto, edição 327 do ano de 1902 do jornal Gazeta de Notícias

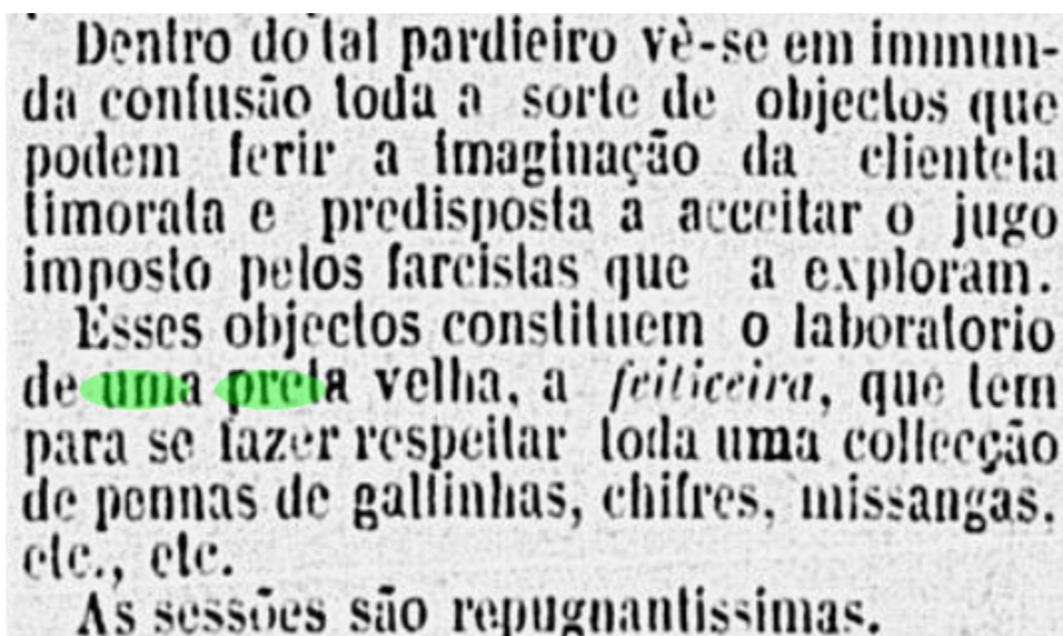


Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Outro caso, registrado na edição 263 de 1900, apresenta Marianna, uma mulher negra identificada por seu nome, acusada de agredir um homem em um relato policial. Apesar de mencionar seu nome próprio, o que é uma exceção no avanço dessas análises, o texto a reduz ao contexto jurídico, ignorando quaisquer circunstâncias que possam humanizá-la.

Mais um exemplo notável é a associação das mulheres negras a práticas místicas e sobrenaturais. Podemos visualizar na Figura 20 um trecho da edição 193 de 1900, em que uma mulher negra idosa é descrita como feiticeira em um "laboratório" cheio de objetos simbólicos, como penas de galinha e chifres, onde as sessões são “repugnantíssimas”. Essa narrativa atesta um aspecto exótico e a marginalização das práticas culturais afro-brasileiras, reduzindo-as a elementos de mistério e irracionalidade.

Figura 20 – Representação de “uma preta velha” em contexto de feitiçaria, edição 193 do ano de 1900 do jornal Gazeta de Notícias



Dentro do tal pardieiro vê-se em imunda confusão toda a sorte de objectos que podem ferir a imaginação da clientela timorata e predisposta a aceitar o jugo imposto pelos farsistas que a exploram. Esses objectos constituem o laboratorio de **uma preta velha**, a *feiticeira*, que tem para se fazer respeitar toda uma colleção de pennas de gallinhas, chifres, missangas, etc., etc. As sessões são repugnantissimas.

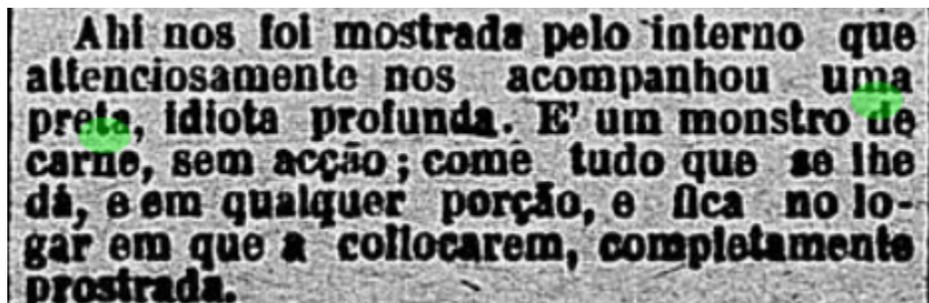
Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 23 jan. 2025.

De forma semelhante, na edição 27 de 1901, Gagula, descrita como "uma preta," é apresentada como curandeira, utilizando arruda e “palavras cabalísticas” para salvar o Negus Menelik de uma crise nervosa. Embora sua ação seja positiva, sua figura é limitada a uma função mística, sem qualquer exploração de sua subjetividade ou história.

A desumanização também se manifesta em narrativas que retratam mulheres negras em estados de vulnerabilidade ou degradação. Como por exemplo, na edição 86 de 1902 em que Edwiges, descrita como vagando pelas ruas em estado de embriaguez, é transformada em objeto de escárnio público, sobretudo pelos jovens que a insultam. De forma ainda mais extrema, a

edição 223 de 1905, podemos ver na Figura 21, descreve uma mulher negra como "idiota profunda" e "monstro de carne," representação que apaga completamente sua dignidade e transforma-a em um objeto de repulsa. Essas representações, como destaca Davis (2016), são marcadas pela exclusão sistemática que negou às mulheres negras o direito à humanidade plena e consolidou sua marginalização no imaginário social.

Figura 21 – Representação desumanizadora de “uma preta,” edição 223 do ano de 1905 do jornal Gazeta de Notícias



Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

A edição 95 do ano de 1903 aborda a mulher negra em uma conversa sobre hibridismo racial, utilizando o termo "uma preta" de maneira comparativa. O texto afirma: “Se o branco fosse de espécie diferente de uma preta, o mestiço filho dos dois não seria fecundo e toda a gente sabe que se dá exatamente o contrário.” Essa menção reflete o uso da mulher negra como objeto para sustentar ideologias fundamentadas em teorias pseudocientíficas que tentaram justificar a hierarquização racial à época. Davis (2016) destaca que, durante o período escravocrata e em seus desdobramentos, o corpo da mulher negra foi instrumentalizado, tanto em termos reprodutivos quanto como justificativa para narrativas de controle racial. Nesse caso, a mulher negra, reduzida a um "exemplo" na análise da miscigenação, é desprovida de identidade e passa a ser vista como mera ferramenta de experimentação ideológica, apagando por completo sua individualidade e história. Para reforçar a frequência de representações como essas a edição 95 de 1904 ilustra como a mulher negra era posicionada como fator de desonra em contextos sociais. Nesse caso, um indígena é desabonado por casar com "uma preta", o que resulta na perda de seu status, fato que perpetua a ideia de que a mulher negra era um símbolo de degradação social, marcando sua presença como algo a ser evitado e estigmatizado.

No contexto do asilo, a edição 198 do ano de 1905 lista Juliana, "uma preta da África," entre os residentes. A descrição é meramente informativa, destacando sua idade avançada de 79 anos e sua origem, sem qualquer aprofundamento sobre quem ela era ou o que sua trajetória representava. Assim como no caso da edição 134, ano 1900, onde a mulher é citada apenas em uma narrativa genealógica e explicativa, "Pero de Albuquerque, filho de um portuguez com uma preta mina." Essa ausência de informações mais detalhadas, somada ao tom impessoal, sublinha a invisibilidade das mulheres negras em espaços institucionais e históricos. Lélia Gonzalez (1984) observa que, historicamente, o racismo e o sexismo se articularam para retificar mulheres negras como "números" ou elementos secundários nas narrativas oficiais.

A análise das ocorrências da categoria "outros" no grupo lexical "uma preta" revela um padrão de marginalização e desumanização das mulheres negras nos discursos da época. Seja no âmbito pseudocientífico, como na edição 95 de 1903, ou em representações institucionais, como nos casos de Juliana e da mulher negra descrita no asilo, a narrativa midiática reforçou estereótipos que perpetuaram a exclusão social e simbólica dessas mulheres.

Assim, seguimos para a análise da categoria "Outros" no terceiro grupo lexical composto por "mulata" e "mulatas," onde o item "mulatinhas" não apresentou ocorrências. No entanto, encontramos 5 ocorrências classificadas como "Outros" no item "mulata" e 3 no item "mulatas", totalizando 8 casos. Esses relatos revelam aspectos variados, como práticas místicas, estereotipização e apropriações culturais, sendo marcados por discursos que reforçam hierarquias sociais e raciais.

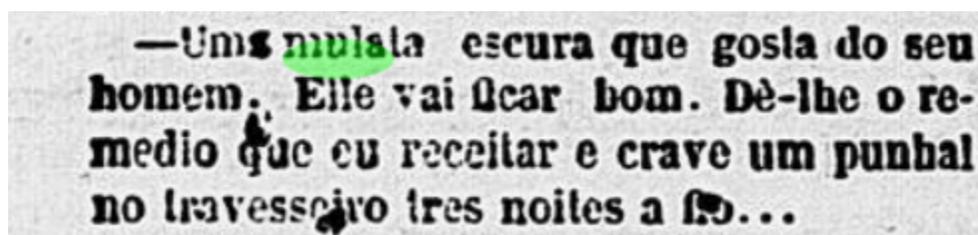
Na edição 264 de 1905, o termo "mulata velha" surge como uma expressão metafórica no contexto da política baiana. É notável a escolha do termo para descrever a Bahia em um texto carregado de referências políticas, algo que transcende o simples uso da palavra como adjetivo ou referência direta. Essa associação reflete construções simbólicas que, conforme Guimarães (1996), consolidam a ideia da Bahia como um espaço identitário racializado, ora enaltecido como cidade negra ou "mulata," ora eurocentrado. A alcunha de "mulata velha," afirma o autor, foi referida na carta de um crioulo⁶ e ilustra a caracterização da Bahia como metrópole negra.

⁶ "Ora, aqui estou eu, sr. doutor! Acabou o estado de sítio e acabou também o manifesto de V.S. – graças a Deus! Já podemos conversar em liberdade. V.S. não pode imaginar qual foi a ansiedade deste crioulo bahiano (tão bahiano quanto V.S.) durante todo o tempo da suspensão das garantias!... foi um suplício!... foi um horror! E estando V.S. sem garantias, estava sem garantias a Bahia que o meu chefe Dantas dizia ser a alma mater do Brasil. Também o meu chefe Deodoro, quando falava da Bahia, dizia: 'mulata velha'!... E veja V.S. a vasta intuição filosófica que esta frase revela... mulata velha!... ninguém quer ser mulato no Brasil, mas, enfim, todo mundo gosta daquela formosa avó, que é a Bahia – veneranda e serena mulata velha."

No caso da edição 224 de 1900, a palavra "mulata" aparece inserida em um contexto de charada, no concurso "Tiro ao Alvo". O trecho não fornece material suficiente para uma análise aprofundada, o contexto é trivial.

Na edição 55 de 1904, como podemos ver na figura a seguir reproduz um contexto em que uma mulher, aflita por questões relacionadas ao seu homem, consulta uma cartomante. A cartomante, em sua resposta, menciona “uma mulata escura que gosta do seu homem” e recomenda um ritual peculiar como solução: administrar um remédio prescrito e cravar um punhal no travesseiro por três noites consecutivas.

Figura 23 – Resposta da cartomante mencionando uma “mulata escura” em contexto ritualístico, edição 55 do ano de 1904 do jornal Gazeta de Notícias.



Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Esse episódio ilustra como a figura da “mulata escura” é evocada em um cenário de misticismo e práticas rituais. Nesse contexto, ela assume o papel de uma figura central que está associada ao objeto de desejo e ao conflito afetivo da mulher que consulta a cartomante. Sua presença no relato, embora indireta, carrega um peso simbólico que além do aspecto exótico reforça a sua ligação com narrativas de hipersexualização.

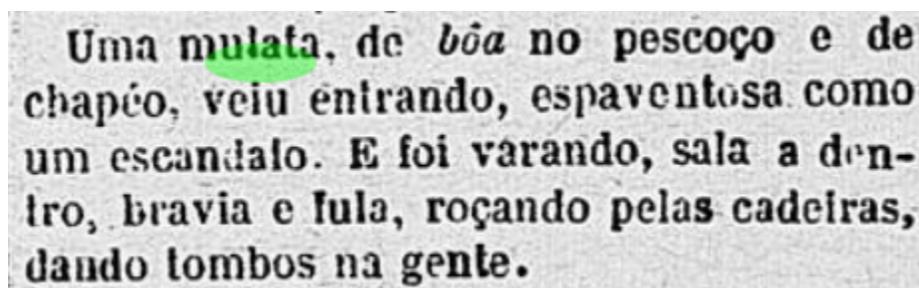
Na edição 79 de 1904, o nome “Augusta Mulata” aparece vinculado a uma situação policial envolvendo joias. Embora o texto não forneça detalhes suficientes para categorizar claramente a personagem como um estereótipo de servidão ou sensualidade, a associação mais evidente é com um contexto de trabalho. A menção à "casa de pensão" sugere uma atividade

Correio de Notícias, Rio de Janeiro, 9 mar. 1898, p. 1.

laboral que, tradicionalmente, remete ao trabalho de hospitalidade, áreas vinculadas às mulheres negras na época.

Um exemplo emblemático ocorre na edição 226 de 1905 (Figura 24), onde uma "mulata, de boa no pescoço e de chapéu," é retratada de maneira caricata. Descrita como "espaventosa como um escândalo" e "bravia", sua representação exagerada enfatiza movimentos desordenados, como "dando tombos na gente." Essa narrativa reforça um tom cômico e depreciativo, atribuindo-lhe características que provocam reações do público. Essa descrição encaixa-se na construção estereotipada da mulher negra como uma figura que transita entre a sensualidade e o exagero, uma abordagem que tem o poder de posicioná-la de maneira subalterna no imaginário social.

Figura 24 – Descrição de uma "mulata" de maneira caricata, edição 226 do ano de 1905 do jornal Gazeta de Notícias



Uma mulata, de boa no pescoço e de chapéu, veio entrando, espaventosa como um escândalo. E foi varando, sala a dentro, bravia e lula, roçando pelas cadeiras, dando tombos na gente.

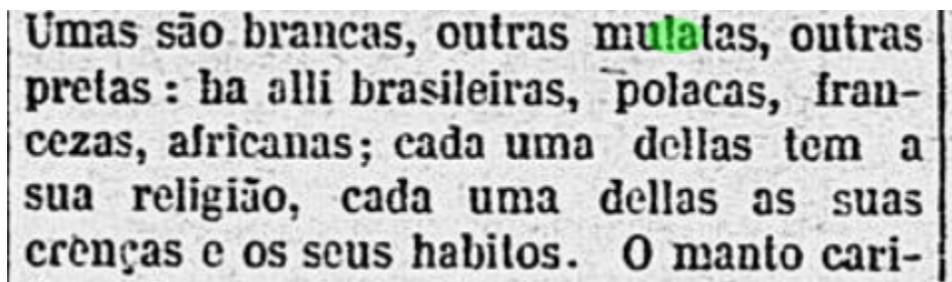
Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. [print de tela]. Disponível em:

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Para finalizar a análise de dados desta pesquisa encaminhamo-nos para as três últimas ocorrências na categoria "outros," todas associadas a contextos que, apesar de não estarem diretamente relacionadas às categorias predefinidas, continuam a reforçar representações marginalizantes e desumanizadoras da mulher negra de pele mais clara.

Na edição 26 de 1902 (Figura 25), o termo "mulatas" surge em um contexto neutro e descritivo, inserido em um trecho que retrata a diversidade de mulheres residentes no Asilo São Luiz, na Ponta do Caju. O texto menciona "umas são brancas, outras mulatas, outras pretas," destacando suas diferentes origens, crenças e hábitos.

Figura 25 – Representação de "mulatas" em contexto neutro e descritivo no Asilo S. Luiz, edição 26 do ano de 1902 do jornal Gazeta de Notícias



Um^as são brancas, outras mulatas, outras pretas : ha alli brasileiras, polacas, francezas, africanas; cada uma dellas tem a sua religião, cada uma dellas as suas crenças e os seus habilos. O manto cari-

Fonte: Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

No contexto do Rio de Janeiro em 1904, práticas religiosas e espirituais marginais, como as descritas no texto da edição 101 de 1904, “As Sacerdotisas do Futuro”, que inclui as "mulatas" como "cartomantes," "sonnâmbulas," e "distribuidoras de oráculos," eram frequentemente associadas a figuras vistas como periféricas pela sociedade da época. Segundo João do Rio, a cidade era um "cenário tenebroso" para as elites, repleto de "casas sujas onde se enrosca a indolência malandra dos negros e das negras" (JOÃO DO RIO, 1904, p. 127). Essas práticas, ligadas à espiritualidade e ao misticismo, eram retratadas pela imprensa como símbolos de atraso e "credulidade pública," reforçando narrativas de barbarismo e incivilidade (JOÃO DO RIO, 1904, p. 114).

As mulheres negras e mulatas, neste contexto, ocupavam uma posição central nesses cultos, sendo vistas tanto como sacerdotisas quanto como alvo de desumanização e estigmatização racial. Além disso, a repressão estatal e a perseguição policial buscavam erradicar essas práticas, confiscando instrumentos e estigmatizando os participantes como elementos subversivos e incivilizados. Apesar disso, essas religiões atuavam como formas de resistência cultural e de construção de memória coletiva para as populações negras e mestiças marginalizadas (CHALHOUB, 1989, p. 123).

Ao concluir a análise da categoria “Outros”, destacamos que os itens lexicais agrupados sob este título apresentam uma especificidade que merece atenção: eles escapam às classificações mais recorrentes, mas ainda assim oferecem pistas valiosas sobre as representações das mulheres negras na Gazeta. Embora menos evidentes em termos de frequência e associação

direta a estereótipos, esses exemplos contribuem para uma compreensão mais ampla da complexidade das construções discursivas da época.

Os dados analisados revelam como a mulher negra, mesmo nos casos em que é abordada de forma tangencial ou não convencional, continua sendo posicionada em um lugar de subalternidade ou exotificação. As representações identificadas, apesar de menos comuns, reforçam narrativas que mantêm as mulheres negras em papéis marginais, servindo às necessidades do discurso dominante.

A presença desses exemplos na análise aponta para a necessidade de uma abordagem crítica mais apurada. Como Hall (1997) destaca, “a representação é uma prática cultural” que vai além do que é dito explicitamente; ela também reside no que é sugerido, omitido ou sutilmente implicado. Dessa forma, mesmo os itens lexicais menos frequentes ou menos evidentes possuem significado ao serem compreendidos dentro do contexto maior das práticas discursivas da época.

Portanto, a categoria “Outros” desempenha um papel essencial na revelação das nuances e contradições das representações midiáticas sobre as mulheres negras. Ainda que não central em termos quantitativos, sua inclusão na análise é fundamental para a construção de um quadro interpretativo mais abrangente e crítico. A ausência de padronização nos discursos evidencia tanto os limites quanto as possibilidades da mídia como um espaço de construção de identidades no início do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitar as discussões acerca das representações da mulher negra no periódico *Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro* entre os anos de 1900 e 1905, reafirmamos a relevância histórica e social deste estudo. Inserida em um contexto pós-abolicionista, onde as estruturas sociais ainda refletiam traços profundos do sistema escravocrata, a análise das representações midiáticas revela como tais escolhas linguísticas difundiram estereótipos raciais e de gênero que substanciaram desigualdades e marginalizações. A pesquisa, fundamentada nas teorias de representação de Stuart Hall (1997) e Roger Chartier (1991), possibilitou compreender como o jornalismo da época desempenhou um papel ativo na construção de significados sociais e culturais que atravessaram gerações.

É importante destacar que, como Hall (1997) aponta, “a representação não reflete simplesmente o mundo, mas o molda, mediando a nossa compreensão do que é real”. Dessa forma, o *Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro*, entre o período analisado, ao veicular narrativas que reforçaram o lugar subalterno correlacionado às mulheres negras, contribuiu para a legitimação de práticas discriminatórias que se perpetuaram ao longo do século XX. Este reexame ao tema central nos permite questionar como a construção e disseminação de tais imagens colaboraram para a permanência de desigualdades estruturais, afinal cada escolha lexical, por menor que pareça, faz parte de um sistema cultural que molda e reflete as dinâmicas de poder e as ideologias da sociedade.

A síntese desta análise revela então que as representações das mulheres negras no periódico foram marcadas por estereótipos profundamente enraizados nas dinâmicas raciais e de gênero do período. As categorias principais de análise evidenciaram que as mulheres negras eram predominantemente associadas à servidão ou serviço, à hipersexualização e a atuações nulas ou coadjuvantes em narrativas culturais. Portanto podemos atestar que, essas caracterizações não apenas reduziram a figura da mulher negra a funções subalternas e estigmatizadas, mas também as reforçaram no imaginário coletivo por meio do conteúdo legitimado pelo jornal de maior circulação na cidade.

Na categoria “mulher negra em posição de servidão/serviço”, observou-se um número substancial de mulheres negras descritas como domésticas, quituteiras, amas de leite ou em outras funções subalternas, reforçando a naturalização de sua posição social inferior e solidificando sua identidade como inevitavelmente servil. Já na categoria “mulher negra em contextos sensuais ou sexuais”, as representações hiperfocaram em características físicas, perpetuando a hipersexualização do corpo negro e a associação da mulher negra ao exotismo e ao prazer. Na categoria “mulher negra como personagem de peça ou livro”, embora a presença da figura feminina negra em peças teatrais e narrativas literárias tenha sido registrada, seu papel permaneceu coadjuvante e, muitas vezes, caricatural e desrespeitoso, em razão do *blackface* e a exclusão das próprias mulheres negras como intérpretes de si mesmas.

A categoria "outros" se mostrou essencial para uma análise completa e factual do corpus, mesmo que fugissem das predefinições categóricas, esses registros contribuem para a compreensão do lugar da mulher negra no imaginário da sociedade do início do século XX. Em geral, as representações nessa categoria apontaram para situações cotidianas ou simbólicas que, mesmo de forma indireta, segundo análise auxiliaram na construção de uma identidade subalternizada ou exotizada deste ser social.

É também essencial retomar que a ótica de Chartier (1991) nos permite compreender as representações midiáticas enquanto construídas a partir do mundo social, ainda que aspirem à universalidade. Assim, a ausência de humanização das mulheres negras e o relativamente baixo número de ocorrências, apenas 145, em relação às 1825 edições analisadas do periódico não são meramente casos de negligência editorial, mas evidenciam a construção intencional de um silenciamento simbólico.

A discussão crítica aponta que essas representações impactaram não apenas a forma como as mulheres negras eram vistas na época, mas também como esses estigmas e estereótipos foram perpetuados ao longo do tempo. O contexto histórico pós-abolicionista, caracterizado pela ausência total de políticas públicas inclusivas, reforçou práticas sociais que excluíram sistematicamente as populações negras, oriundas de um passado amplamente degradante e desumano, das oportunidades sociais e econômicas. Como o IBGE (2022) aponta, “os maiores impactos sobre a população preta ou parda não foram capazes de reverter as históricas

desigualdades que mantêm sua situação de maior vulnerabilidade socioeconômica”. Isso reforça a necessidade de uma análise histórica crítica que conecte o passado ao presente, afinal segundo Hooks (1995) esse problema ainda é recorrente, “essas representações globais e históricas continuam a influenciar os discursos midiáticos, reafirmando a mulher negra como um símbolo de exotismo e subalternidade”.

A projeção para estudos futuros inclui a aplicação das descobertas em debates contemporâneos sobre raça, mídia, escolhas linguísticas, representações e desigualdades sociais. A revisão de narrativas históricas, como a realizada nesta dissertação, pode contribuir para desconstruir estereótipos e promover uma compreensão mais abrangente da história das mulheres negras no Brasil.

Ao iluminar como as representações midiáticas moldaram e perpetuaram desigualdades raciais e de gênero no contexto brasileiro, reafirma-se a contribuição significativa de revisitar o passado para compreender as dinâmicas que ainda sustentam as desigualdades no presente. Esse resgate histórico não apenas evidencia os processos de exclusão e desumanização das mulheres negras, mas evidencia o jornal como agente influente e formador de opinião, além de fortalecer debates contemporâneos sobre justiça social, identidade e a necessidade de reconstruir narrativas mais equitativas e inclusivas.

Deste modo, esta dissertação reflete um compromisso pessoal e acadêmico em desconstruir narrativas hegemônicas e estereotipadas sobre as mulheres negras, ao revelar como suas representações no Brasil pós-abolição foram moldadas por dinâmicas desmoralizantes de opressão racial e de gênero. Ao analisar criticamente essas construções, buscamos não apenas dar voz às experiências historicamente silenciadas, mas também fomentar debates acadêmicos e sociais que contribuam para a justiça e a igualdade. Esse compromisso se desdobra na necessidade de continuar investigando como as representações midiáticas e culturais perpetuam estruturas de exclusão, e como esses discursos ainda influenciam a construção de identidades na contemporaneidade. Afinal, "é preciso mensurar a continuidade da reprodução destes papéis que acompanharam as mudanças nas estruturas sociais, do sistema colonial para o sistema capitalista, bem como a manutenção da herança cultural do 'devido lugar' ocupado pela mulher negra" (SANTOS; SALES, 2018, p. 42). Com isso, deixo como horizonte a perspectiva de ampliar essa

discussão em estudos futuros, explorando comparações com outros períodos históricos e diferentes contextos socioculturais, a fim de contribuir para a desconstrução de desigualdades ainda tão presentes na vivência da mulher negra brasileira.

REFERÊNCIAS

Alberti, Verena; Pereira, Amilcar Araújo. *História do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007.

Albuquerque, Wlamyra. A vala comum da raça emancipada: abolição e racialização no Brasil, breve comentário. *História Social*, n. 19, p. 91-108, 2010.

Amorim, Marcel Álvaro de. Olhares plurais em linguística aplicada. *Cadernos UniFOA*, Volta Redonda, ano V, n. 12, abr. 2010.

Araujo, Ariella Silva. A mulher negra no pós-abolição. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 5, n. 9, p. 22-36, 2013.

As Mulheres, Dossiê Violência Contra. Instituto Patrícia Galvão. São Paulo: Cortez, 2015.

Azevedo, L. P. de M. C.; Pessoa, L. S.; Medeiros Neta, O. M. de. A Hemeroteca digital brasileira: fontes e possibilidades para a pesquisa em História da Educação. *Cenas Educacionais*, v. 2, n. espec., p. 39–55, 2020.

Bastide, Roger. *Les Amériques noires: les civilisations africaines dans le nouveau monde*. Paris: Éditions Payot, 1996.

Burke, Peter. *Languages and communities in early modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

Butler, Judith. Performative acts and gender constitution. In: *The performance studies reader*, p. 154-166, 2004.

Carneiro, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: *Racismos Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

Chartier, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.5, n.11, p. 173-191, 1991.

Chasseguet-Smirgel, J. *Ética e Estética da Perversão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. (Trabalho original publicado em 1984).

Conrad, Robert Edgar; Ferro, Fernando de Castro. *Os últimos anos da escravatura no Brasil, 1850-1888*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

Costa, Albertina. *Feminismo, gênero e patriarcado*. Rio de Janeiro: Edições Feministas, 2007.

Fanon, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Editora Edufba, 2008.

Feitosa, Júlio César. A evolução da imprensa no Brasil. *Revista Brasileira de Comunicação Social*, v. 7, n. 2, p. 12-34, 2013.

Feitosa, Rosane Gazolla Alves. Eça de Queirós na Gazeta de Notícias (Rio de Janeiro): a função social do jornal. *Convergência Lusíada*, v. 24, n. 29, p. 185-185, 2013.

Filho, Luís Viana. *A Vida de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

Fisher, James. *Historical Dictionary of American Theater: Beginnings*. Rowman & Littlefield, 2015.

Freud, Sigmund. Uma neurose infantil e outros trabalhos. In: *ESB.*, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Giordano, R. A imprensa como espaço de disputa e consolidação de representações sociais. In: Giordano, R. (Org.). *Imprensa e poder: a história dos jornais no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2006, p. 45-68.

Gondra, José Gonçalves; Schueler, Alessandra Frota Martinez de. Escolarização e Cultura Escolar no Brasil: História(s) e Historiografias. *Educação*, v. 31, n. 3, 2008.

Gonzalez, Lélia. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. *Raça e classe*, v. 5, n. 2, 1988.

Guimarães, Antônio Sérgio. *Raça e os estudos de relações raciais no Brasil*. São Paulo: USP, 2008.

Hall, Stuart. “The work of representation”. In: HALL, Stuart (org.) *Representation. Cultural representations and signifying practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

Hall, Stuart. A identidade em questão. *A identidade cultural na pós-modernidade*, v. 10, 2006.

Hill Collins, Patricia. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. Nova York: Routledge, 2000.

hooks, bell. *Feminist theory: From margin to center*. Pluto Press, 2000.

hooks, bell. *Ain't I a Woman: Black Women and Feminism*. Boston: South End Press, 1981.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. ISBN 978-85-240-4547-9. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raça.html>. Acesso em: [07/01/2025].

Kilomba, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó, 2020.

Lacerda, Marina Basso. Colonização dos corpos: Ensaio sobre o público e o privado. Patriarcalismo, patrimonialismo, personalismo e violência contra as mulheres na formação do Brasil. 2010. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós Graduação em Direito) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, abril, 2010.

Machado, Maria Helena P. T. Gênero, escravidão e liberdade: perspectivas da historiografia brasileira. *Estudos Avançados*, v. 32, n. 93, p. 7-22, 2018.

Mahar, W. *Blackface minstrelsy and its cultural impact*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

Michaelis. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.* Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 7 jan. 2025.

Moita Lopes, Luiz Paulo (Org.). *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar.* São Paulo: Párbola, 2006.

Moita Lopes, Luiz Paulo. *Oficina de linguística aplicada.* Campinas: Mercado de Letras, 1996.

Moita Lopes, Luiz Paulo. Fazer Linguística Aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: Moita Lopes, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar.* São Paulo: Párbola, 2006.

Mott, Luiz. *Escravidão, homossexualidade e democracia.* São Paulo: Ícone, 1988.

Muaze, Mariana. Maternidade silenciada: amas de leite no Brasil escravista, século XIX. In: Osório, Helen; Xavier, Regina. *Do tráfico ao pós-abolição.* São Leopoldo: Oikos, 2018.

Munanga, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos.* São Paulo: Editora Autêntica, 2009.

Nascimento, Abdias. *O negro revoltado.* Rio de Janeiro: Edições GRD, 1968.

Nogueira, Isildinha B. O corpo da mulher negra. *Pulsional Revista de Psicanálise*, v. 13, n. 135, p. 40-45, 1999.

Oliveira, Maria Bernadete F. de. A Linguística Aplicada: definições e áreas de atuação. In: Mussi, Marcus Vinícius Freitas (Org.). *Linguística Aplicada: panorama de estudos teóricos e práticos no Nordeste.* São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

Rago, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 89-98, 1998.

Ribeiro, Djamila. *Representações culturais e racismo estrutural.* Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

Rodrigues, J. C. *Tabu do corpo.* Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

Rojo, Roxane. Fazer Linguística Aplicada em perspectiva sócio-histórica. In: Moita Lopes, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar.* São Paulo: Párbola, 2006.

Schwarcz, Lilia Moritz. Ser peça, ser coisa: definições e especificidades da escravidão no Brasil. In: Azevedo, C. M. M. *Onda negra, medo branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Scott, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

Spivak, Gayatri Chakravorty. Ethics and politics in Tagore, Coetzee and certain scenes of teaching. In: *The Indian Postcolonial*. Routledge, 2010.

Suárez, Mireya. Gênero: uma palavra para desconstruir ideias e um conceito empírico e analítico. In: Silva, Kelly (Org.). *Gênero no mundo do trabalho*. Brasília: ACADI, 2000.

Vergès, Françoise. Um feminismo decolonial. Ubu Editora, 2020.

Wissenbach, Maria Cristina Cortez. Letramento e escolas. In: Schwarcz, Lilia M.; Gomes, Flávio (Org.). *Dicionário da Escravidão e Liberdade*. São Paulo: Cia das Letras, 2018.

ANEXOS

Os anexos apresentados a seguir contêm materiais complementares relevantes para a compreensão e fundamentação deste trabalho. Eles incluem transcrições, tabelas e outras informações que subsidiaram as análises realizadas ao longo da pesquisa. Esses elementos auxiliam na transparência metodológica e na demonstração detalhada dos procedimentos adotados, bem como na organização dos dados coletados.

Tabela 1 – Ocorrências do item lexical “uma negra” no Jornal Gazeta de Notícias

Ano	Item Lexical	Edição	Transcrição	Categoria	Justificativa Da Classificação
1900	UMA NEGRA	52	"Mais adiante, á porta de uma casa, com uma lanterna no balente, uma negra gorda, de trunfa, sentada diante d'um fogareiro, virava e revirava numa grelha rolos de tapioca. E seguíamos. Por fim alcançamos [...]"	MULHER NEGRA EM DE POSIÇÃO SERVIDÃO SERVIÇO	A cena retrata uma mulher negra executando uma atividade associada ao trabalho doméstico ou de subsistência (preparação de tapioca em um fogareiro).
1900	UMA NEGRA	62	"A maioria era de mulheres, algumas tinham genuflexorios de madeira, outras ajoelhavam-se nas lajes, abrindo em torno uma grande e polpuda peanha de saias amarrotadas. Junto a mim uma negra, com um balainho ao lado, a cabeça derriada, as mãos postas, balbuciava fervorosamente; adiante um velho calvo, curvado em arco, batia no peito majadamente, com a mão em concha."	MULHER NEGRA EM DE POSIÇÃO SERVIDÃO SERVIÇO	O texto remete à figura de uma mulher negra em postura de subserviência e reverência religiosa, com menção ao "balainho", que pode estar associado ao trabalho ou devoção.
1900	UMA NEGRA	339	"AGENCIA DE CASAMENTOS" Personagens. — Goyaudan, BRANDAO; Alfredo, Serra; Dr. Salut-Galmier; Veiga; Serafim; Pinto; Plucheux; Rocha; Um groom, Marques da Silva; Criado coxo, Mendonça; 1º criado, J. Silva; 2º criado, Armando; 3º criado, A. Costa; Michelle, PEPA RUIZ; Laura, Olympia Amoedo; Rachel, Elisa de Castro; Leonia, Julieta Pinto; Uma negra, Folcini. — Diversos criados."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	O trecho descreve uma lista de personagens, incluindo "Uma negra", associada a uma narrativa fictícia ou teatral.

1901	UMA NEGRA	40	"A porta gyrou e uma negra velha, empregada no serviço dos quartos das moças, apareceu no limiar."	MULHER NEGRA EM POSICÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	O texto descreve a mulher negra em um contexto explícito de trabalho doméstico, como empregada dos "quartos das moças".
1901	UMA NEGRA	177	"Naturalmente a ama não tem interesse em desmanchar o engano, pois sem falar no castigo em que incorreria da parte do dono, passa como ama vida regalada: pouco tem que trabalhar, bebe e come à tripa forra, cousas com que uma negra raras vezes se benze. Por uma ama pagam 50\$."	MULHER NEGRA EM POSICÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	O contexto apresenta uma comparação entre o trabalho da ama e as condições raramente atribuídas às mulheres negras, reforçando o vínculo com a servidão.
1901	UMA NEGRA	236	"— Agora me estou lembrando de se ter fallado muito. Mas com que fim andava esse homem com taes trampolices? — Com o fim de attribuir aos Carvalhos de Serrateche, oriundos de um escandaloso prelado, natural da Ilha Terceira, chamado Sebastião de Carvalho, e de uma negra de nome Martha Fernandes—uma nobreza que elles não tinham. — Estulta vaidade! — observou o conde. — Não era só vaidade, era cobiça. O homem fazia-se passar por descendente de um tal Bartholomeu Domingues, que ali por 1225 instituiu o morgado dos Carvalhos, ao pé de Coimbra."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	O texto descreve uma narrativa ficcional ou alegórica, envolvendo a personagem "uma negra de nome Martha Fernandes", em um contexto histórico ou lendário.
1901	UMA NEGRA	286	"Facas reluziram, timbos entrechocaram-se e, com um juramento solemne, todos comprometteram-se a dar cabo dos brancos antes que outro sol luzisse e uma negra, com louvavel patriotismo, rasgando a saia que era de riscas vermelhas, offereceu um trapo para bandeira. Steciman foi acclamado salvador da Senegambia e senhor absoluto de terra e mar, desde as carvoeiras do porto até as minas do sertão."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	O contexto sugere uma narrativa fictícia ou literária, em que a figura de "uma negra" é idealizada em uma cena de patriotismo ou revolução.

1901	UMA NEGRA	319	"A questão das farinhas: « BUENOS AIRES, 13. — El Siglo publica hoje uma caricatura que causou sensação. Representa o tio Sam (Estados Unidos), abraçando uma negra com a cara enfarinhada, mirrando-se ao mesmo tempo em um espelho de mão, que o mesmo tio Sam lhe apresenta. » Há dúvidas se essa negra representa o Brasil ou a miseria que bate às portas da Republica Argentina. — Que dizem os doidos? — Somos pela segunda."	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	O texto apresenta uma caricatura com conotações de exotismo e objetificação, reforçando estereótipos associados ao corpo e à imagem da mulher negra.
1901	UMA NEGRA	345	"E, fallando de incineração, por associação de ideas, fallarei, para concluir, no cadáver de uma negra muito chuca, que o Dr. Amancio de Carvalho embalsamou por um processo exclusivamente seu e expoz à porta de uma charutaria da rua Quinze de Novembro."	NÃO REFERE MULHER SE À	O texto refere-se a um cadáver.
1901	UMA NEGRA	358	E o capellão dos cárceres erguendo nas mãos uma negra miniatura da cruz do Golgotha, em que o meigo Redemptor, já ennegrecido pela fumaceira dos autos, em cerca de dous séculos, parecia pôr no céu os seus olhos de marfim, mortificados, não já talvez pela agonia dos que vira morrer, mas pelo horror d'aquella monstruosa impiedade!"	NÃO REFERE MULHER SE À	O item lexical "uma negra" refere-se a uma "miniatura da cruz" e não a uma pessoa, deslocando-se do contexto humano para um objeto inanimado com simbolismo religioso.
1902	UMA NEGRA	239	E os filhos d'elle também — rougejou uma negra que trazia um filhito ao collo. Ninguém lh'o podia escravisar, ninguém lh'o podia vender, como n'outro tempo, e a bebedeira só encontrava nas suas entranhas de mãe aquelles instinctos de ferocidade contra o primeiro libertador da raça negra!"	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	O texto faz alusão a uma mulher negra em situação de maternidade.

1903	UMA NEGRA	108	"Essa doce loucura é entretanto cortada pela fúria de uma negra magra, tísica, atacada de delírio alcoólico. Aos pulos, aos saltos, batendo nos peitos, berrando versos, numa alegria diabólica, ela de repente pára, fita um ponto no espaço, e dispara para elle, encontrando as outras, sem as ver, gargalhando."	OUTROS	A representação da mulher negra neste contexto não se enquadra de forma clara nas categorias predefinidas de servidão, sexualidade, ou ficção. Em vez disso, o texto constrói uma imagem estereotipada de descontrole e irracionalidade, utilizando elementos como "delírio alcoólico", "alegria diabólica" e "fúria" para desumanizá-la. Essa representação não se relaciona diretamente a funções de trabalho ou exploração sexual, mas reforça uma narrativa de marginalização e desordem associada à mulher negra.
1904	UMA NEGRA	55	"Um homem magro, parecido com o general Quintino, faz uns passes; o medium volta a si num sorriso imbecil. — Está satisfeita? pergunta o espertalhão dos passes. — A mãe! a pobre da mãe tão boa! A portugueza rebenta num choro convulso; uma negra epiléptica, velha, esquelada, começa a gritar numa crise tremenda, enquanto o homem magro brada."	OUTROS	O texto descreve a mulher negra em um estado de epilepsia e crise, explorando um estereótipo de descontrole físico e emocional que não se alinha perfeitamente às categorias de servidão ou sensualidade, mas reforça uma marginalização associada à doença e à exclusão social.
1904	UMA NEGRA	80	É uma negra baixa, gorda e dada a festas. Morou muito tempo na rua Senador Pompeu. Seu pai é o tio Antonio, empregado do Banco Alemão, também feiticeiro celebre. Zebinda está agora na travessa das Partilhas. Só tem um prazer na vida: dar festas, danças, fazer candomblés. Gasta todo o dinheiro que ganha — e ganha muito — nas festas e na proteção anormal que dá a certas amigas. Esta negra é cartomante, não faz nada sem despachos ou ebós, pede 20\$000 por cada um e arranjou um feitiço: o pato de boi, preparado com rezas para mystérios de amor..."	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	Apesar de a descrição de Zebinda envolver elementos de exotismo e estereótipos raciais e culturais, ligados a práticas religiosas afro-brasileiras (candomblé, ebós), o comportamento descrito como "dado a festas", enfatiza aspectos associados à sensualidade e ao mistério.

1904	UMA NEGRA	96	"Como uma certa vez uma negra estivesse a contar-me as propriedades mysteriosas da cabeça do pavão, eu recordei que o pavão no Kurdistão é venerado, é o passaro maravilhoso, cuja cauda-em-leque reproduz o schema secreto do deus unico dos iniciados pagãos."	MULHER NEGRA EM DE POSIÇÃO SERVIDÃO SERVIÇO	O texto apresenta "uma negra" como uma fonte de conhecimento exotizado, desempenhando o papel de transmissora de saberes misteriosos.
1904	UMA NEGRA	177	"Com efeito. De repente uma negra caiu soltando um grito. Era a primeira visita a de Aruá, uma santa em que se confundem no rito africano os milagres de Nossa Senhora da Penha. A milagrosa senhora demorou, porém, pouco tempo por que logo um preto, esticando os braços e arregalando os olhos, declarou-se possuído de Bari, outro santo dos diabos."	OUTROS	O texto descreve uma manifestação religiosa envolvendo "uma negra", sem conotações diretas de servidão ou sensualidade, mas sim associada a práticas espirituais e culturais.
1904	UMA NEGRA	177	"Ele não teve tempo de continuar. Uma negra poz a mão em concha no ouvido e gritou para os ogans perfilados: — Oro está chegando! A ventania recrudescceu, sibillou pelo corredor, mugiu, abalou as frinchas das venezianas e nessa rajada devastadora desandou pelo meio da sala, acompanhado de outros negros, um domínio satânico, de pés de pano."	OUTROS	O trecho continua a descrever um contexto de ritual ou manifestação religiosa envolvendo "uma negra", sem ligação explícita a servidão ou sensualidade mas enfatizando aspectos culturais, místicos e espirituais.
1904	UMA NEGRA	197	E este, amargamente ferido no seu amor proprio, aproveita o momento em que chega ao desejado vestido da sua noiva, com um sabor de mel na boca, lançar indirectamente sobre Maria do Amparo uma negra tirada de insultos negros. Ella os recebe, procurando disfarçar a sua magua lancinante.	NÃO REFERE MULHER SE À	O item lexical "uma negra" é utilizado metaforicamente como "tirada de insultos negros", desvinculando-se de uma referência direta a uma pessoa.

1904	UMA NEGRA	213	"Curiosamente caras de doidas, phisionomias de raparigas, umas horrendas, outras lindas. Logo no primeiro plano uma negra brinca com uma boneca de panno. Mlle Barbosa que é doçura em pessoa, afaga-as a todas como uma mãe delicada, e em que um ins[...] conversa com o dr. Gotuzo do queixo da importadora creança, ouço de repente soar [...]"	OUTROS	O texto insere "uma negra" no contexto de um hospício, descrevendo sua interação com uma boneca de pano.
1904	UMA NEGRA	248	Presando essa tática criminosa, chamam uma negra, cujo manto composto e vestuário cuidado revelam os desejos e os meios de agradar; faceirice que algumas empregam com fim de augmentarem o lucro da venda, explorando a benevolência dos compradores. A conversação prolonga-se assaz alegremente e termina necessariamente com a compra de um doce de vintem, que dá direito ao comprador a beber a água contida [...]	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	O texto associa "uma negra" a um contexto de trabalho vinculado à venda de produtos e ao esforço de agradar clientes, reforçando estereótipos de subalternidade.
1904	UMA NEGRA	262	Um vizinho do barbeiro, preguiçosamente recostado perto da janella, com um leque chineiz em uma das mãos, abandonara a outra do lado de fóra à agradável impressão do ar que refresca. Mal despertado, e o estomago cheio de agua fresca, olha com indiferença para o taboleiro coberto de doces, que lhe apresenta uma negra a quem faz, para passar o tempo, algumas perguntas sobre os amos. Dalli a pouco, aborrecido com essa inutil distracção, despede-a com esta phrase de desprezo: Vai-te embora, expressão grosseira empregada em todos os tons, desde o mais amigavel até o mais injurioso; essa separação [...]	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	O texto mostra "uma negra" exercendo um papel subalterno de vendedora de doces, tratada com indiferença e desprezo.

1904	UMA NEGRA	311	"Entregue a uma negra melancholia — a molestia d' moda — a 'Casquinha' com o peito descoberto, os braços caídos em attitudes de grande indolencia, parecia [...]"	NÃO REFERE MULHER	SE A	O texto associa "uma negra" a um estado metafórico ou simbólico, vinculando-a à melancholia e à indolência,
1905	UMA NEGRA	17	"Esta altitude caiu, porém, bruscamente, relaxou de repente o grande impeto. Havia na morte de Gabriel Syvcton, que queriam transformar em martyr, uma negra tragedia e dia a dia, interrogatorio por interrogatorio, se foi descobrindo a alma erotica d'aquelle que se julgava um dos defensores da patria. E infelizmente não foi só a delle a se desnudar — a calunnia investigou da mulher, a da enteada, a do cunhado, poluindo e sujando as cousas mais sagradas."	OUTROS		O termo "uma negra" é utilizado no sentido figurado, referindo-se a "uma negra tragédia", e não a uma pessoa.
1905	UMA NEGRA	177	"O meu guia, porém, abandonara-me. A' porta estacara uma negra parelha de cavallos normandos e entrava no campo, com a face escanhoada e uma perfeita elegancia brumeliana, o vice-presidente.	NÃO REFERE MULHER	SE A	O termo "uma negra" é usado para descrever uma "parelha de cavallos normandos", sem qualquer relação com a representação de uma mulher.
1905	UMA NEGRA	223	"O DIABO NO CORPO Personagens. — Comendador Anatolio do Espirito Santo, fazendeiro no Estado do Rio; Alfredo Silva; Octavio, affiliado do vigario; Ramos, o vigario Bonifacio, Peixoto; Dr. Liborio, candidato; Francisco Mesquita; Marçal, administrador da fazenda; Bragança; Sá-Palo, fazendeiro; Louro; Pedro, pagem de Anatolio; João de Deus; Thomé, criado de Octavio; Figueiredo; Valentina, filha de Anatolio; Pepa Delgado; Nhá-Rita, curandeira; Celia; Margarida, mulher de Anatolio; Maria-Augusta; Gertrudes, mulher do Sá-Palo; Maria Santos; Sabina, criada da pensão; Estefania Louro; Valeria, hospede da pensão;	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "		O termo "Uma negra, Carola" aparece listado como personagem de uma narrativa fictícia ou teatral.

			Anna Silva; A cozinheira, Virginia; Uma negra, Carola. O inspector; hospedes da pensão; negros, negras e policcias etc.		
1905	UMA NEGRA	225	"O DIABO NO CORPO Personagens. — Comendador Anatolio do Espirito Santo, fazendeiro no Estado do Rio; Alfredo Silva; Octavio, affiliado do vigario; Ramos, O vigario Bonifacio, Peixoto; Dr. Liborio, candidato; Francisco Mesquita; Marçal, administrador da fazenda; Bragança; Sá-Palo, fazendeiro; Louro; Pedro, pagem de Anatolio; João de Deus; Thomé, criado de Octavio; Figueiredo; Valentina, filha de Anatolio; Pepa Delgado; Nhá-Rita, curandeira; Celia; Margarida, mulher de Anatolio; Maria-Augusta; Gertrudes, mulher do Sá-Palo; Maria Santos; Sabina, criada da pensão; Estefania Louro; Valeria, hospede da pensão; Anna Silva; A cozinheira, Virginia; Uma negra, Carola. O inspector; hospedes da pensão; negros, negras e policcias etc.	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	O termo "Uma negra, Carola" está inserido no contexto de personagens de uma peça ou narrativa fictícia.
1905	UMA NEGRA	240	"Neste momento traziam uma negra roliça, de dentes afiados, com um sorriso alvar a illuminar-lhe a cara. Era a Herculana, a auctora de um crime célebre. Matára o amante enquanto este dormia, accendera todas as velas que encontrara e começara a cantar. O amante tinha vinte e tres annos."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	O texto apresenta "uma negra" como Herculana, uma personagem fictícia envolvida em uma narrativa de crime.
1905	UMA NEGRA	287	Colligação, uma negra cortina de casacas interpoz-se impertérrita entre S. Ex. e... o resto do mundo.	NÃO SE REFERE À MULHER	O termo "uma negra" é utilizado para descrever "uma negra cortina de casacas", sem referência a uma pessoa.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro (1900-1905).

Tabela 2 - Ocorrências do item lexical “umas negras” no Jornal Gazeta de Notícias

Ano	Item Lexical	Edição	Transcrição	Categoria	Justificativa Da Classificação
1900	UMAS NEGRAS	74	"— A curiosidade tem limites, disse a Antonio que desaparecera havia dias para levar ao subúrbio umas negras. Se eu dissesse metade do que vi, com as provas que tenho!... Continuar é descer o mesmo abysmo vendo a mesma cidade mysteriosamente rojar-se diante do Feiticeiro... Basta!"	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	O uso do item lexical em questão, implica um contexto de deslocamento ou exploração, sugerindo subserviência.

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados coletados no Jornal Gazeta de Notícias (1900-1905).

Tabela 3 - Ocorrências do item lexical “uma preta” no Jornal Gazeta de Notícias

Ano	Item Lexical	Edição	Transcrição	Categoria	Justificativa Da Classificação
1900	UMA PRETA	103	"Rondava uma patrulha a ladeira do Seminário, à 1 hora da manhã de ontem, quando viu a dormida encostada à porta de uma casa, uma preta, de nome Antonia Joanna. Como tivesse ella sobre as pernas um embrulho, na ocasião em que foram despi-la, naturalmente procuraram saber o que nelle havia. Aberto o pacote que, à primeira vista, parecia de roupa, encontrou-se uma criança de um mez, do sexo masculino. Esse facto naturalmente fez com que os soldados desconfiassem da preta, que foi conduzida à 6ª delegacia para dar explicações. Antonia Joanna disse ao inspector que a interrogou que não sabia como aquillo foi. Bebeu um pouco e encostara-se à porta junto da qual fôra presa, como se encostaria a qualquer outra, pois não estava em condições de deliberar. — Com certeza, disse ella,	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	O texto apresenta a mulher negra em uma situação de subjugação.

			<p>alguem que tinha interesse em desfazer-se da criança aproveitou-se do meu somno e poz a criança no meu collo...</p> <p>Apesar de não ser inverosimil o que contou a mulher, ficou ella detida para averiguações.</p> <p>O pobre entezinho encontrou uma familia da mesma ladeira que a recebeu com todo o carinho. Estava a criança vestida com um lindo vestido branco, com guarnições de fitas azues e brancas. Calçava sapatinhos de lã igualmente brancos.</p> <p>Foi aberto rigoroso inquerito pelo Dr. Vital de Mello."</p>			
1900	UMA PRETA	105	<p>A fera foi colocada sobre uma carreta e conduzida até à porta do governador, a quem a ofereceram. Soube-se depois que não a tinham morto. Tinha femea e filhos. Foi esta última, uma preta, quem, mais tarde, matou o leão. Por aí se soube da prole que deixara. Ainda queriam dar-lhe caça, mas tinha desaparecido."</p>	NÃO REFERE MULHER	SE À	<p>O termo "uma preta" é utilizado metaforicamente ou em referência a uma leoa, não a uma pessoa.</p>
1900	UMA PRETA	117	<p>"PRECISA-SE de uma preta, de meia idade, para lavar e engommar roupa miúda; na rua do Hospício n. 150."</p>	MULHER NEGRA POSIÇÃO SERVIDÃO SERVIÇO	EM DE	<p>O contexto deixa claro que a mulher negra é requisitada para realizar trabalhos domésticos (lavar e engomar roupas), o que implica uma relação hierárquica de dependência econômica e cultural.</p>
1900	UMA PRETA	134	<p>"Vosso admirador (um sol...) — Pero de Albuquerque, filho de um portuguez com uma preta mina."</p>	OUTROS		<p>O trecho apresenta uma preta no contexto de uma narrativa genealógica, referindo-se à mãe de "Pero de Albuquerque". O texto não explora diretamente aspectos de servidão ou trabalho, mas é importante destacar a ausência de um nome próprio para a mulher negra e sua caracterização apenas por sua raça.</p>

1900	UMA PRETA	193	Dentro do tal pardieiro vê-se em imunda confusão toda a sorte de objectos que podem ferir a imaginação da clientela timorata e predisposta a aceitar o jugo imposto pelos farsistas que a exploram. Esses objectos constituem o laboratório de uma preta velha, a feiticeira, que tem para se fazer respeitar toda uma coleção de penas de galinhas, chifres, missangas, etc., etc.	OUTROS	Uma preta velha é apresentada em um contexto de misticismo e feitiçaria.
1900	UMA PRETA	263	O offendido foi submetido a corpo de delicto na repartição central da policia. — Queixou-se ao delegado da 18ª circumscrição José Vicente Moreira, morador no campo de S. Christovão, de que fôra agredido e ferido por uma preta, de nome Marianna.	OUTROS	O trecho descreve um relato policial, no qual uma mulher negra identificada como "Marianna" é acusada de agredir e ferir um homem. A menção a "uma preta" acompanha o nome próprio, mas a narrativa foca na descrição do evento, situado no contexto policial e jurídico da época.
1901	UMA PRETA	27	"ROMA: Causou profunda sensação nesta capital a notícia de que o Negus Menelik foi atacado de uma crise nervosa, perdendo completamente os sentidos e ficando em estado cataleptico por espaço de três dias. Todos pensavam que o imperador ia morrer; felizmente veio Gagula, uma preta, que com três galhosinhos de arruda e pronunciando algumas palavras cabalísticas, ao mesmo tempo que tragava certos sinais, conseguiu fazer voltar a si o Negus, que, apenas abriu os olhos, perguntou com voz quase sumida: já foi solto o repórter Mendes do Jornal do Brasil? Prisão arbitrária? Que é feito do Castro Soromenho?"	OUTROS	Uma preta, identificada como Gagula, em um contexto místico e sobrenatural, atuando como curandeira. Ela é descrita de forma funcional dentro da narrativa, sendo creditada por salvar o imperador de uma crise, utilizando elementos associados a práticas mágicas e cabalísticas, como galhos de arruda e sinais místicos.

1901	UMA PRETA	45	"Os transeuntes estão vestidos de preto ou de cores escuras, e não se encontra uma gravata de côr. As mulheres, que não têm vestidos pretos, trazem luvas de luto ou crepe. Os cocheiros de casas particulares ou de ônibus têm atado no chicote um pedaço de fumo. Em um restaurante, os menus estavam tarjados de preto e os criados tinham substituído a gravata branca por uma preta."	NÃO SE REFERE À MULHER	A menção a "uma preta" refere-se à gravata substituída no traje dos criados e não a uma pessoa.
1901	UMA PRETA	78	Das Varias: «Em Catas Altas vive uma preta de nome Maria Pereira com 130 anos que está no gozo de suas faculdades e ainda trabalha.»	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	Uma nota sobre Maria Pereira, identificada como "uma preta", destacando sua idade avançada (130 anos) e sua continuidade no trabalho.
1901	UMA PRETA	107	"O menor de 13 anos Edgard José Corrêa, aprendiz de carpinteiro e residente à rua da Alfândega n. 168, é devedor de 240 réis a uma preta vendedora de laranjas."	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	Associação com a atividade de venda de laranjas, caracterizando uma posição de trabalho dentro de uma economia de subsistência.
1901	UMA PRETA	266	"Nisto reparei num vulto recolhido num portal mais largo: uma mulher que soluçava. — Que é isso? Saiu para a rua. Era uma preta. Explicou-me o caso numa linguagem de trapos, para mais ajuda, entaramelada. Quasi duas horas, iam fechar tudo, não tinha dinheiro para pagar o quarto, chegava a polícia e levava-a para a esquadra. E chorava que mettia dó. Deus me perdoe se não andava alli um copinho a mais de maruto. Caíram uns primeiros pingos muito grossos. — Mettem-me dó a pobrezinha. — E quanto custa o quarto? — Três vintens, só. — Tinha uma cédula de tostão."	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	Situação de dependência e à exposição de condições de pobreza extrema.

1902	UMA PRETA	26	"Ha entre as asyladas uma preta da Costa da Africa,—a velha Ursulina, cega de ambos os olhos, que passa os ultimos dias de vida a rir, como uma criança innocente: o seu unico trabalho é moer o café."	MULHER NEGRA EM DE POSIÇÃO SERVIDÃO SERVIÇO	Apesar de sua condição física e idade avançada, é destacado que ela realiza um pequeno trabalho — moer café.
1902	UMA PRETA	80	"De passagem, disse do heroísmo inexcédível de uma preta, de nome Anna, cujos desvelos em um combate, excederam a todos recolhidos, nas paginas da historia militar do mundo."	MULHER NEGRA EM DE POSIÇÃO SERVIDÃO SERVIÇO	Apesar do reconhecimento de seu heroísmo, ela é mencionada em um contexto de subordinação e esforço físico associado ao combate, ligado ao trabalho e sacrificio em prol de terceiros.
1902	UMA PRETA	86	"Edwiges é uma preta que vagueia pelas ruas da Fábrica das Chitas, em completo estado de embriaguez, servindo de escárneo aos moleques."	OUTROS	O contexto retrata uma situação de degradação social sem uma associação explícita à servidão ou sexualidade.
1902	UMA PRETA	99	José Domingos Furtado, sócio da empresa da remoção do lixo, dirigindo-se ontem à delegacia de polícia, reclamou duas galinhas que foram remetidas pela guarda noturna do 1º distrito. Segundo suas declarações, as aves foram aprehendidas na rua Visconde do Rio Branco, ante-hontem, à 1 hora da manhã, por terem sido atiradas ao chão por uma preta, quando chamada por um rondele. O furtado, que reside à rua Barão do Amazonas n. 157, disse também que o roubo foi de 7 galinhas.	OUTROS	Embora exista um contexto de conflito, não há associação direta a servidão, sexualidade ou representações artísticas.
1902	UMA PRETA	245	clima de insultos de uma preta que fez grande aranzel à porta de sua casa. Como por ali não há policiam ôvo, o insultado dirigiu-se à delegacia, afim de pedir providencias. Teve a infelicidade de encontrar o inspector Magalhães, que não julgou que o caso merecesse incômodo e exigiu-lhe queixa por escripto e provas, com testemunhas de que fôra insultado. E como o queixoso estranhasse...	OUTROS	O episódio não se relaciona com servidão, contextos sensuais/sexuais ou representação artística, mas descreve um incidente de desordem social.

1902	UMA PRETA	327	"de S. Vicente de Paulo, contra uma preta gorda, que traz as famílias em sobressalto. Tal mulher diariamente insulta os moradores, proferindo o mais obscuro vocabulário. Para ela chamamos a atenção da polícia."	OUTROS	Uma denúncia direcionada a uma mulher negra, identificada como "uma preta gorda", acusada de perturbar a ordem e insultar os moradores locais com linguagem considerada obscena.
1903	UMA PRETA	95	Se a espécie mudasse, a hybridação seria seguramente o meio mais directo e o mais eficaz de operar tal mudança. Nada disso; a hybridação é o meio que põe em maior evidência a fixidez da espécie. Este argumento é temível para o Sr. Medeiros e o seu evolucionismo; mas tenha paciência, porque d'elle John Muller conclue o seguinte: «Se o branco fosse de espécie diferente de uma preta, o mestiço filho dos dois não seria fecundo e toda a gente sabe que se dá exactamente o contrario.»	OUTROS	O termo "uma preta" é empregado em um contexto comparativo que implica uma hierarquização entre brancos e negros.
1903	UMA PRETA	210	"velho, pagava dez mil réis. A comida fazia-lhe uma preta velha sua conhecida, e todo dia aquelle maldito feijão e carne secca, e quando chegava o fim do mez tinha de brunir os vinte e cinco bagarotes."	MULHER NEGRA EM POSICÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	O texto descreve um papel directamente associado ao trabalho doméstico e de provisão alimentar.
1903	UMA PRETA	215	"Os moradores da travessa do Comércio chamam a atenção de V. S. para uma preta vendedora de quilanda e doces que estaciona sobre o passeio, logo à entrada da mesma travessa, e que, além de impedir o transito público, está sujeita a ficar debaixo de uma das muitas carroças que por alli transitam."	MULHER NEGRA EM POSICÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	O texto retrata sua ocupação no comércio ambulante e destaca a relação de trabalho ligada à sobrevivência económica.

1903	UMA PRETA	302	<p>AGENCIA DA PREFEITURA DO 19º DISTRITO — INHAÚMA</p> <p>De ordem do Sr. Agente, faço público que, no dia 3 de novembro do corrente anno, ao meio-dia, serão vendidas em hasta pública, às portas desta Agência, à rua Dr. Manuel Victorino n. 125, duas cabras sendo uma preta e outra malhada que foram apprehendidas por infração de posturas.</p> <p>Distrito Federal, 28 de outubro de 1903. — João José Felix Machado, escrivão.</p>	NÃO REFERE MULHER SE À	O termo "uma preta" não diz respeito a uma mulher negra, mas sim a uma cabra descrita pela sua cor.
1904	UMA PRETA	29	<p>A forte ventania que precedeu a chuva desfechou muitas casas e derrubou outras.</p> <p>No alto do Fabrício, onde foram muitos os estragos causados pela tempestade, registrou-se também um desastre do qual foi vítima uma preta: a pobre mulher correu a salvar um espelho quando, de repente, a parede, que era de adobes, desabou sobre ela ferindo-a bastante.</p>	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	O contexto de submissão e a relação com o trabalho ou os ambientes domésticos, implícita na ação de proteger um objeto da casa.
1904	UMA PRETA	40	<p>"Angélica, que é, aliás, uma preta de 60 anos de idade, foi viver numa casinha da rua do Quartel, provendo às suas necessidades com o producto de algum trabalho a que se podia entregar."</p>	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	Menção ao trabalho realizado para suprir as necessidades da personagem.
1904	UMA PRETA	69	<p>"de uma preta baiana que vendia empadinhas quentes e pés de moleque e um copo de caldo de canna gelado fazia esquecer a sede que eu tinha do calor da festa."</p>	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	O texto apresenta trabalho informal e ao papel de fornecedora de serviços.
1904	UMA PRETA	95	<p>"Mas a animação real, toda em favor dos índios, exceptuava os individuos de côr preta. Por isso, em 1771, o vice-rei do Brasil mandou dar baixa a um índio 'porque—diz Teixeira de Mello—sem atenção às distinctas mercês com que pelo alvará acima citado o havia honrado el-rei, se mostrara de tão baixos sentimentos, que</p>	OUTROS	Um índio foi rebaixado de sua posição por casar com uma mulher negra, referida no texto como "uma preta", o trecho apresenta o casamento com uma pessoa negra como algo desonroso, suficiente para justificar a perda de status e reputação.

			casara com uma preta, manchando o seu sangue com esta aliança e tornando-se assim indigno de exercer o referido posto."		
1904	UMA PRETA	223	"três cabras, sendo uma de cor branca, uma preta e outra baia."	NÃO REFERE MULHER	SE À Não faz menção a uma mulher negra, mas sim a um animal.
1904	UMA PRETA	262	"Muitas foram os brindes recebidos pelo Dr. Frontin, sobresaindo entre elles um seu retrato em grande formato, feito a crayon pela Exma. Sra. D. Leonor G. Royle, e um meio alfinete com tres perolas, uma preta, outra amarella e cor de cinza, offerta do Club de Engenharia."	NÃO REFERE MULHER	SE À Refere-se a uma das pérolas, e não a uma mulher negra.
1905	UMA PRETA	12	"Olha, Icaro, é simplesmente um sonho de Beaulaisie, e exotismo de uma preta bem como outra qualquer que se imita pela scena."	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	A frase é construída em tom de exotismo e atribui à mulher negra características que se misturam à ideia de espetáculo.
1905	UMA PRETA	198	"Irmã Maria Rosa continua as apresentações. A Juliana, uma preta da África, com 79 annos. A Helena, que foi escrava da familia Costa Bastos Fonseca, com 85. Africana. Anna Maria de Carvalho Sobral, portugueza, com 80. Marthiliana de Azevedo, 90 annos, brazileira."	OUTROS	Este contexto é meramente descritiva e parte de uma lista informativa sobre os residentes do asilo.
1905	UMA PRETA	223	"Ahi nos foi mostrada pelo interno que atenciosamente nos acompanhou uma preta, idiota profunda. É um monstro de carne, sem acção; come tudo que se lhe dá, em qualquer porção, e fica no logar em que a collocarem, completamente prostrada."	OUTROS	A figura da mulher negra é descrita de forma profundamente desumanizadora, utilizando termos como "idiota profunda" e "monstro de carne", evidenciando a desvalorização extrema de sua humanidade.
1905	UMA PRETA	303	"Tia Juslina. É uma preta velha que tem a sua quilanda de fructas na Praça e é o ultimo vestigio dos africanos naquelle mercado que, desde o começo do seculo passado, resume a vida mysteriosa do Rio. Quando veiu para alli? Ha um ror de annos."	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIÇÃO	O contexto do mercado e da venda de frutas reforça a posição de trabalho.

1905	UMA PRETA	309	"A garôa augmentava. Alguns cães, tiritando, magros, de cauda encolhida, farejavam a grama. Uma preta velha, de carapinha alva, veio recolher à pressa uma roupa esfrangalhada que estendera junto ao morro do Collegio...."	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	Ação de recolher roupas em um contexto de trabalhos domésticos.
1905	UMA PRETA	309	"2 vaccas, sendo uma preta e branca, e outra vermelha e branca."	NÃO REFERE MULHER	SE À Não apresenta nenhuma referência a mulheres negras.
1905	UMA PRETA	349	"A thesoureira tinha uma cara impicante, de poucos amigos. A presidente era uma preta immensa, de uns seios colossaes. Estava de branco, decotada, de luva, e, como as outras, com um laço de fita verde e roxa ao peito. O laço era o distinctivo da sociedade."	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	O adjetivo "immensa" e a menção aos "seios colossaes" destacam uma percepção marcada pela fisicalidade, reduzindo a personagem a características corporais.

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados coletados no Jornal Gazeta de Notícias (1900-1905).

Tabela 4 - Ocorrências do item lexical “mulata” no Jornal Gazeta de Notícias

ANO	ITEM LEXICAL	EDIÇÃO	TRANSCRIÇÃO	CATEGORIA	JUSTIFICATIVA DA CLASSIFICAÇÃO
1900	MULATA	14	"Escreveu depois o romance Trapos al sol, que causou admiração pelo vigor com que ataca uma época de política e jornalismo madrileno, e um drama La mulata, que foi mais tarde representado em Cuba com grande êxito; foi também representado com igual aceitação em Buenos Ayres e Montevidéu, onde chamam Eva Canel a autora de La mulata."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	A menção ao drama La mulata refere-se a uma obra de Eva Canel (1891). Após consulta à própria obra, verificamos que La mulata inclui a personagem "Patria", descrita como uma mulher mulata. Assim, o termo no contexto do print remete à representação artística de uma mulher negra no cenário teatral e literário.
1900	MULATA	48	"Outra atriz de valor indiscutível, natural, cuidadosa e engraçadíssima, é a Sra. Adelaide Lacerda, que acrescentou à sua série de boas criações o excelente tipo da mulata Eulalia. A Sra. Mathilde Nunes aproveitou bem o papel do menino Joaquim e as Sras. Lucinda Novas e Julia Pinto deram	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	O trecho menciona a personagem "mulata Eulalia", interpretada por uma atriz em contexto teatral. Assim, o termo remete à representação de uma mulher negra como personagem em uma peça teatral

			bastante graça a pequeninos papéis. O mesmo diremos das Sras. Folcini e Carmella."		
1900	MULATA	59	"O homem deu o capadocio, typo rudimentar; a mulher deu essa Venus de alambre—a mulata. A imaginação é nelles activa, o sangue estuante, a carne abraçada. O homem tem o lyrismo ardente de Anacreonte, a mulher tem a mollicie fagueira da sunamita."	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	O trecho destaca características sensuais e eróticas associadas à "mulata," representando-a como objeto de desejo por meio de expressões como "a carne abraçada" e "a mollicie fagueira."
1900	MULATA	61	"No amor é feroz como as gitanas peninsulares, disse eu referindo-me à mulata. Põe toda a sua alma incendiada no amor que é, para ela, como uma servidão infalível. Pelo homem que a conseguiu vencer..."	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	A descrição da "mulata" associa diretamente a personagem a atributos de paixão intensa e entrega amorosa
1900	MULATA	106	Caramba! No logar denominado S. João Mirim, Rio Grande do Sul, a mulata Eva Barbosa deu à luz quatro creanças, que vieram a fallecer depois do parto. Essa mulher já teve dois partos de tres filhos cada um e um de dous. (Do Jornal do Brasil.) Parece até, em verdade, Que essa Eva de S. João É a Eva mulher de Adão, Mãe de toda a Humanidade!	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	A referência à "mulata Eva Barbosa" insere a personagem em um discurso que explora a sua capacidade reprodutiva de forma extraordinária e potencialmente hipersexualizada.
1900	MULATA	132	"Henrique seu filho de 6 annos; Orlando; Evangelina, filha de Saint Clair; Julieta Pinto; Maria Bird, mulher do senador; Dorothea; Clarinda, mulher de Thomaz; Antonietta; Uma mulata velha, Hortencia;"	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	A categorização considera que o trecho se refere a parte de um elenco de personagens, possivelmente de uma peça ou livro ambientado nos Estados Unidos
1900	MULATA	132	"Uma mulata moça, Francisca. — Escravos de ambos os sexos. A acção passa-se nos Estados-Unidos."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	A categorização considera que o trecho se refere a parte de um elenco de personagens, possivelmente de uma peça ou livro ambientado nos Estados Unidos
1900	MULATA	155	"Lembro, passou-se há dois annos no mez de novembro; Se muito te adoro; A mulata; O philosoph... Foi philanthropo	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	O termo "A mulata" é utilizado no contexto do texto para se referir a uma personagem do livro de que se fala.

			decidido; O ceo reclama-se de nuvens roidas — outro..."		
1900	MULATA	156	"Lembro, passou-se há dois annos no mez de novembro; Se muito te adoro; A mulata; O philosoph... Foi philanthropo decidido; O ceo reclama-se de nuvens roidas — outro..."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	O termo "A mulata" é utilizado no contexto do texto para se referir a uma personagem do livro de que se fala.
1900	MULATA	224	TIRO AO ALVO CONCURSO DE AGOSTO DECIFRAÇÕES DOS DIAS 3 E 4 Problemas ns. 5, charada de Zezé; MA-TACÃO; 6, enigma de Nonôca, AMOROSA; 7, charada do Dr. Bilú, CASAMATA; 8, enigma de Nenê, MULATA. Decifreadores: Antoinquimho, Edmundo, Azulilno, Menelik, Zé Broide e Nhanhã. Cabo Roque decifrou os ns. 6, 7 e 8.	OUTROS	A palavra "mulata" aparece no contexto de um enigma do concurso "Tiro ao Alvo". Não se trata de uma referência direta a uma pessoa ou personagem negra
1900	MULATA	286	"PRECISA-SE de uma ama secca, de 15 annos, branca ou mulata clara, para cuidar de duas crianças e mais serviços leves; na rua Barão de Loreto n. 22, Santa Thereza."	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	A referência à "mulata clara" no anúncio está inserida no contexto da busca por uma ama de leite para realizar serviços domésticos e cuidar de crianças.
1900	MULATA	309	Annuncio: «Uma moça de côr deseja encontrar um senhor viuvo ou solteiro que a proteja.» Para que tanta bravata, Se não aguentia repuxo? Ora, deixe-se do luxo, Diga logo que é mulata!	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	O anúncio faz uma referência direta a uma "moça de cor" e, no contexto do poema satírico, associa-se implicitamente ao estereótipo da mulher mulata em busca de proteção masculina
1901	MULATA	21	"A Sra. Olympia Amoedo, entre outros papéis, fez o de mulata, com muita verdade, alcançando grandes applausos."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	O trecho evidencia a figura da mulher negra ou mestiça como um personagem da peça.
1901	MULATA	21	HOJE Segunda-feira 21 de janeiro de 1901 GRANDIOSO ESPECTACULO! Enorme successo do novo repertorio da companhia A caminnha do O' e Mulata faceira	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	O trecho destaca o título da peça "Mulata Faceira", que evidencia a representação de uma personagem de peça teatral. No entanto, é importante destacar que o adjetivo "faceira" sugere uma conotação sensual associada à personagem

1901	MULATA	107	DO MESMO AUCTOR A MULATA DA BAHIA CANÇONETA	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	O trecho identifica "A Mulata da Bahia" como o título de uma cançoneta. Isso sugere a construção de uma personagem dentro do contexto musical
1901	MULATA	114	"Era laborioso, franco e enquanto estivesse desempregado em, pouco amasiava-se com a mulata Rita de Oliveira, muito boa pessoa, muito trabalhadeira, de quem conta hoje 5 filhos."	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	A menção à "mulata Rita de Oliveira" descreve-a como uma pessoa trabalhadeira, destacando suas qualidades associadas ao trabalho e à manutenção familiar. Embora o termo "amasiava-se" envolva relações pessoais, o foco em sua "boa pessoa" e "trabalhadeira" reforça a relação da personagem com atividades laborais
1901	MULATA	139	"Convidou-os o outro a jogar largamente e a gastar em superfluidades quantias extraordinárias sem reparo, comprando, (por exemplo), um negro trombeteiro por mil cruzados e uma mulata de mão trato por dobrado preço para multiplicar com ella continuos e escandalosos peccados. Os vadios que vão ás minas, não pecaram mais dos..."	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	A "mulata de mão trato" é mencionada em um contexto que relaciona sua aquisição a práticas consideradas escandalosas e pecaminosas
1901	MULATA	220	E Sebastião de Carvalho indicava a porta por onde entraram Manuel Bento. Do lado de dentro uma rapariga mulata alumiaíva com um candieiro de três bicos.	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	O trecho apresenta a figura de uma "rapariga mulata" desempenhando um trabalho doméstico ao iluminar o ambiente com um candieiro.
1901	MULATA	242	"Irmão de el-rei andou mais por baixo nos seus amores com a Isabel Mulata da Graça e com a Marianna de Souza, do convento de Sant'Anna!"	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	A menção a Isabel "Mulata da Graça" está associada a uma narrativa de relacionamentos amorosos, sugerindo um contexto sensual ou sexual.
1901	MULATA	245	"— Oh! Benta, olha o morrão d'aquelle candieiro. Demonio da mulata, que é preciso andar sempre a aguilhoar nella! Faz isso com geito, desazada! Puxa essa torcida; deita o morrão no baldezinho do candieiro. T'arrenego! É preciso dizer-se-lhe tudo!"	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	O trecho descreve a "mulata" em um contexto de trabalho doméstico

1901	MULATA	270	"— Já hontem a Rosa, a serva mulata, que me dá as vezes uns pedacitos de mariquinha para o meu netinho, me contou mêdo para o meu netinho..."	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	A referência a "Rosa, a serva mulata" coloca a personagem em um contexto explícito de servidão.
1901	MULATA	284	"— Quem está aqui a altercar? — perguntou muito baixo a mulher velada à mulata. — A madre e Elle. — E além a tocar no cravo? — A madre Luz. Está hoje com uma pancada muito atrevida."	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	A personagem "mulata" está desempenhando um papel de responder prontamente a questionamentos de outra personagem, o que sugere uma relação de subordinação ou serviço dentro do contexto narrativo.
1901	MULATA	318	"A MULATA é um romance de scenas ao vivo, descriptas com calor e com verdade, nada passando de fantasia. É escripto em linguagem fluente, sem receios, contando as cousas como ellas são, nuas e cruas, empregando seus verdadeiros nomes, de forma que o leitor vê desenrolarem-se ante seus olhos scenas verdadeiramente luxuriosas."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	O trecho descreve o romance A Mulata, posicionando-a como personagem principal da narrativa. Embora categorizada como personagem, o texto enfatiza fortemente a sensualidade, utilizando palavras como "luxuriosas" e destacando uma abordagem explícita e sem reservas na descrição das cenas.
1901	MULATA	322	Trovador Moderno, collecção de modinhas brasileiras, organizada por Francisco Affonso dos Santos; este volume contém escolhido repertorio de bellissimas modinhas, destacando-se: O desprezo; Os olhos azues; O ciumento; Um dia louco; Elvira, quizera amar-te, mas não posso ainda, porque gelado trago o peito meu; Na meiga lyra; A mulata; Mostraram-me um dia na roça dançando; e muitissimas outras. Um volume 1\$000.	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	A menção à modinha A mulata posiciona-a como personagem de uma composição musical incluída na coletânea Trovador Moderno.
1901	MULATA	352	"...Pelo 1º actor Ferreira de Souza, Idade e Justiça. Pelo 1º actor comico Peixoto, Minha sogra. Pelo distincto actor João Barbosa, Uma poesia. Pela beneficiada, o tango da mulata da comedia Tim Tim Mirim, musica e versos de Assis Pacheco. Uma excellente banda de musica do exercito, graciosamente cedida pelo	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	A menção ao "tango da mulata da comédia Tim Tim Mirim" associa o termo mulata a uma personagem específica representada na comédia, destacando-a como parte de uma obra teatral ou musical.

			Exm. Sr. Coronel Thaumaturgo de Azevedo abrilhantaré este espectáculo. A beneficiada agradece penhoradíssima a todos que contribuíram para a realização da sua festa."		
1902	MULATA	12	"VII. A Mulata vaidosa, por Jocylyna Bandeira; VIII. cinematographo – A Paixão de Christo."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	O trecho refere-se ao título "A Mulata vaidosa", que parece indicar a negra como personagem em peça ou apresentação teatral realizada por Jocylyna Bandeira.
1902	MULATA	22	"...sim capa colorida, 3\$; A Mulata, romance de fogo e de leitura reservada. 1 grosso volume de 500 paginas 6\$; Um favo de goso..."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	O trecho descreve a mulata como personagem de livro mas é importante salientar o teor sexual em "romance de fogo"
1902	MULATA	90	"Naquella occasião, uma velha mulata, que servia como criada no hotel, entrou..."	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	O trecho destaca a mulata descrita como "criada no hotel", o que se enquadra na categoria de servidão/serviço.
1902	MULATA	125	"Entre as criticas mais cheias de verve e que mais applausos obtiveram da platéa estão as coplas do reporter, do empregado publico do Estado do Rio, do bond electrico, da mulata, das costureiras, do padre Vigo, do alferes da guarda nacional..."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	A menção à "mulata" entre elementos destacados em uma performance artística (coplas e applausos da plateia) sugere que ela é apresentada como uma personagem em um contexto performático.
1902	MULATA	146	"Trovador Moderno, colleção de modinhas brasileiras, organizada por Francisco Affonso dos Santos; este volume contém escolhido repertório de bellissimas modinhas, destacando-se: O desprezo; Os olhos azues; O ciume; Um dia louco; Elvira, quizera amar-te, mas não posso ainda, porque gelado trago o peito meu; Na meiga lyra, A mulata, Mostraram-me um dia na roça dançando, e muitissimas outras."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	O trecho faz referência à "A mulata" como parte do repertório de modinhas brasileiras
1902	MULATA	146	"A Mulata, romance de fogo e de leitura escaldante, 1 grosso vol. 63."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	O trecho apresenta "A Mulata" como um romance literário, enfatizando características sensuais com termos como "romance de fogo" e "leitura escaldante."

1902	MULATA	185	"Na parte musical traz a cançoneta de Ernesto de Souza Mulata da Roça. O texto é bem variado, como de costume."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	A menção à "Mulata da Roça" indica um contexto de personagem, mas o título também sugere uma associação à vida rural, vinculando implicitamente a personagem a um papel servil, reforçado pelo termo "da Roça".
1902	MULATA	312	Bella cançoneta de Ernesto de Souza, intitulada Quem inventou a mulata?	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO "	A cançoneta "Quem inventou a mulata?" apresenta a figura da mulata como personagem de uma composição artística.
1902	MULATA	359	"Ocasionalmente o crime amores com a amante do assassinado, a mulata Idalina Candida. Dormiam os três na mesma sala, havendo..."	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	O trecho associa a figura da "mulata Idalina Candida" a um contexto amoroso e possivelmente conflituoso, envolvendo relações íntimas que resultaram em um crime.
1903	MULATA	55	"C. C. Yayá tenha Paciência. Umás baianas sacudidas, que são como a pimenta da mulata velha formam este vitorioso grupo. Quebrando-se e requebrando-se nuns maxixes dolentes, as baianas do Yayá tenha Paciência deram sorte a valer."	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	O trecho associa a figura da "mulata velha" a elementos de dança e movimentos corporais sugestivos, descritos como "quebrando-se e requebrando-se". A comparação com "pimenta" reforça a ideia de sensualidade e vivacidade atribuída à personagem.
1903	MULATA	150	"Os velhos mineiros, argutos e práticos, foram logo buscar o chavão pelo qual a Bahia é chamada «ninho de águias», e arrumaram para o ventre da fecunda mulata velha a gestação do alado assombro que para allí se foi provavelmente por via Bahia e Minas!..."	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	O trecho utiliza metáforas como "fecunda mulata velha" e "gestação do alado assombro", sugerindo uma sensualização da figura da mulher negra idosa, enfatizando seu corpo de forma imaginativa e simbólica.
1903	MULATA	166	A Mulata, romance de fogo e de leitura escaldante; 1 grosso vol.	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO	O trecho apresenta "A Mulata" como título de um romance, evidenciando que a personagem está inserida em um contexto literário. O uso das expressões "romance de fogo" e "leitura escaldante", entretanto, sugere um teor sensual.

1903	MULATA	166	"Trovador Moderno — Collecção de modinhas brasileiras, organizada por Francisco Affonso dos Santos; este volume contém escolhido repertorio de bellissimas modinhas, destacando-se: O desprezo, Os olhos azues, O ciume, Um dia louco, Elvira, quizera amar-te, mas não posso ainda, porque gelado trago o peito meu; Na meiga lyra, A mulata, mostraram-me um dia na roça dançando; e muitissimas outras."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO	O trecho menciona "A mulata" como título de uma modinha brasileira, indicando sua inclusão como personagem em um repertório artístico.
1903	MULATA	176	32 NUMEROS DE MUSICA. — Tango do Fagundes, Maxixe da Mulata, Munguzá e LUNDÚ FINAL.	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO	O trecho faz referência ao "Maxixe da Mulata," uma peça musical.
1903	MULATA	222	COUSAS RIMADAS Com sete dias serenos, e morna como uma empada, nem merece um verso ao menos esta semana passada. Mas desculpas não se dão a um chroniqueiro por isso; e o pobre sensaborão tem de escrever, que é serviço! Tem de dar trabalho ao besunto, que, enquanto o mundo repousa, da propria falta de assumpto tem-se feito muita cousa: e a musa ardente de um poeta ou de um trovador de esquina não pode ficar pateta por falta tão pequenina. A musa, embora barata, que vive a pinotear, é tal qual como a mulata: parece que quer voar!	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO	No trecho, a "mulata" é associada a uma figura de musa, utilizando uma metáfora sensual que a descreve como "ardente" e "parece que quer voar".
1903	MULATA	326	Estão assim distribuidos os personagens do 3º acto da revista O esfollado, a representar-se definitivamente na proxima quinta-feira no teatro Apollo. O esfollado, Brandão; Janeiro, Porto, Campos; A novidade, Rio Gran: A genorala, A moça, Liz Zazá Della Guardia, Zé Leiteiro, O Zazá Rejane. A mulata gorda. Natelle de Souza.	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO	A "mulata" é citada como uma personagem na peça O esfollado.

1904	MULATA	45	<p>Ahi! mulata! Correndo voam pelo espaço immenço O amor, o somno, a alma do poeta Montões de fumo, perfumando incenso Balsamo santo que o ideal completa. Irrrompe a luz dourada da esperança N'um relógio santo eu juro só almejo Hora bendita em que tudo abalança Ao terno olhar da amante, a um só beijo.</p>	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	O trecho apresenta a mulata em um contexto sensual, que usa uma linguagem poética para exaltar sua figura de forma intensa e romantizada.
1904	MULATA	48	<p>"panos da costa e balangandans custosos completavam os vestuários das ágeis filhas da mulata velha, que durante toda a tarde e noite não descansarão um minuto colhendo aplausos sem conta."</p>	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	O contexto carnavalesco descrito no trecho, com as "ágeis filhas" e a ideia de movimentação constante para "colher aplausos" sugere sensualidade.
1904	MULATA	55	<p>— Quem foi? — faz a portuguesa uma voz de medo. — Uma mulata escura que gosta do seu homem. Elle vai ficar bom. Dê-lhe o re-</p>	OUTROS	O trecho envolve um contexto religioso ou místico, mencionado pela associação de "desgraça" e "bruxedo". A "mulata escura" é inserida nessa narrativa como figura associada a uma prática ritual ou espiritual.
1904	MULATA	79	<p>"Amanhã, pelos jornaes, o joalheiro Michel, estabelecido à rua de S. Bento, desmente que tenha comprado as joias pertencentes à casa de pensão de Augusta Mulata, dahi, conforme noticiaram as folhas da tarde. Parece porém certo, que a auctoridade que dahi veio conseguiu descobrir as referidas joias."</p>	OUTROS	O contexto não permite determinar claramente se a figura de "Augusta Mulata" é uma referência direta a um estereótipo ou a um papel específico como serviçal ou sensual. No entanto, o uso do termo associa um nome próprio ao adjetivo "mulata", indicando possivelmente uma referência identitária ou estigmatizada.
1904	MULATA	109	<p>"ex-tísico, um vendedor de bilhetes de loteria, o Carnaval, o Entrudo, o Paschoal, a cançoneta, a mulata do mindubi, borboletas, impostos, capadocios, commissarios, [...]"</p>	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO	O termo "mulata do mindubi" é utilizado no contexto de uma "cançoneta", caracterizando-a como personagem de um elemento artístico ou cultural.

1904	MULATA	213	<p>"A officina é uma larga sala onde as doidas trabalham sob a direcção de uma contra mestra. Parecem todas attentas, mas subitamente caem prostradas ou arrebataem em ataques furiosos. Quando entramos o atelier tinha uma calma de paraizo mas minutos depois uma hysterica ergueu-se, agarrou a machina de mão, atirou-a ao ar e deu um grito.</p> <p>— Olha a outra fingindo de doida! bradou uma mulata rasgando o tecido que cosia."</p>	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	O contexto do trecho posiciona a "mulata" como uma trabalhadora em um ambiente de oficina.
1904	MULATA	225	"Uma velhinha activa, de olhos vivos como os de um camondongo, toda enrugada e crestada como uma mulata, concertava redes à entrada."	NÃO SE REFERE À MULHER	O trecho utiliza o termo "mulata" em um sentido comparativo para descrever características físicas de uma velhinha, sem atribuir diretamente o termo a uma mulher negra específica.
1904	MULATA	252	"confiança do patrão. Além disso, ela ficaria livre da lingua dos maldizentes. Na villa era voz geral que a rapariga, em noites de sexta-feira, por ser caseira do reverendo, vinha para a porta da igreja virar cavallacanga, dando esturros infornaes. Havia quem garantisse: a Janoca Lavadeira e a Germana do Felix juravam que certa vez a viram transmutada em mula sem cabeça, espinoteando aos coices no pateo da matriz. Na manhã seguinte a mulata recebeu-o em casa. Um dia, entrando inesperadamente o padre pela meia-noite, encontrou-o esparramado na rede. O vigario foi às"	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	O contexto do trecho sugere a relação íntima e possivelmente clandestina entre a "mulata" e o "vigário."
1904	MULATA	313	Theatros c... Apollo. — O Badalo, continua triumphalmente a sua carreira para o centenário. A Maria Lino na Mulata de Icarahy, Carmen Ruiz, Balbina Maia, Brandão, Peixoto, fazem dos tres actos da revista, tres actos impagaveis.	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	A "mulata de Icarahy" é personagem de uma peça teatral, indicando que é um papel desempenhado por Maria Lino.

1904	MULATA	326	Theatros c... Apollo. — Ulltimas representações d'O Badalo, o successo de Maria Lino na Mulata e no CakeWalk. Esta semana ainda teremos uma reprise do Pé de Cabra e talvez a 1. ^a do Mambembe.	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO	A menção à "Mulata" no contexto teatral evidencia que é uma personagem interpretada por Maria Lino.
1904	MULATA	339	"9.º A alfacinha, cançoneta pela menina Alice Braga; 10.º A mulata vaidosa, cançoneta característica pela menina Lamare Garcia."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO	O trecho destaca mulata como personagem da cançoneta.
1905	MULATA	22	Em vez, porém, de emoldurarem-se as columnas trepadeiras de jasmins, esta apenas tinha em linhas de listas verdes e amarellas pequenas palmeiras. O chão da varanda era todo forrado de ladrilhos claros e reluzia ao sol que começava a descambar. A mulata que espiara à janella veiu abrir o portão pressurosa, com um ar alegre e ruidoso que demonstrava que Ivonne já não apparecia alli havia muito. — Boa tarde, nhanha.	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	A descrição da "mulata" como alguém que abre o portão "pressurosa" e interage de forma subalterna com outro personagem remete à sua função em um contexto de serviço ou subserviência.
1905	MULATA	23	"O jantar não foi servido dentro da casa: Ivonne mandara transportar para um bosque do fundo do jardim, numa mesinha, e ali a mulata, auxiliada por um molecote, serviu a refeição."	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	A "mulata" é representada realizando atividades de serviço doméstico, como transportar e servir a refeição.
1905	MULATA	28	"É justo assignalar que a senhorita Constança Teixeira no papel de Maria, mulata, foi perfeitamente, demonstrando, possuir para o canto vocação e dispor de bella voz educada."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO	A menção à "mulata" se refere a um papel interpretado pela senhorita Constança Teixeira em uma peça teatral.
1905	MULATA	78	"O livro conta a historia dos cinco, o encontro com um naturalista, o Curventius. Tem capítulos sobre a Mulata velha, o Forrobodó, e depois de tudo isso faz embarcar o Marcos para a Europa."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO	A "mulata velha" é mencionada como um dos capítulos do livro, indicando sua inclusão como personagem em uma narrativa literária.
1905	MULATA	99	"houve o maxixe da mulata"	MULHER NEGRA PERSONAGEM	O trecho refere-se ao "maxixe da mulata", indicando um número artístico que evoca a figura

				DE PEÇA OU LIVRO	da mulata em contexto cultural ou performático.
1905	MULATA	99	"as coplas da mulata"	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO	Menciona as "coplas da mulata", reforçando-a como uma personagem no número.
1905	MULATA	99	"a Sra. Cecília de mulata só tem a ardência..."	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	O trecho associa a "mulata" à "ardência" o que sugere sensualidade.
1905	MULATA	166	Ai! quem me dera, ó Chiquinha Ver a teu lado a pardinha Sempre, sempre engraçadinha Imitar um amigo meu Virando os olhos p'ra o céu Cantando trovas singellas: Mulata do Ribeirão – você viu Fita preta no chão – percebeu?	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO	A mulata é representada em um contexto artístico, possivelmente musical ou poético.
1905	MULATA	198	Aqui está, diz a secretária, a pessoa mais alegre desta casa. É uma velhita esperta, ridente, com os cabelos cortados à escovinha. Bahiana, mulata clara. Chama-se Margarida. Tem 76 annos. Passa a vida a brincar que nem creança. É a poetisa do asylo. Recita versos a todo instante.	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	Apesar de ser descrita como alegre e poetisa, o contexto do "asylo" e a referência à sua velhice sugerem uma figura que se encontra em uma posição de dependência ou institucionalização, características associadas à servidão.
1905	MULATA	204	"Da parte musical destaca-se, dentre os 20 numeros de que consta a peça, o trelcelto de Gertrudes (a mulata), Tiburcio e Fagundes, no 2º acto."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO	O trecho refere-se a Gertrudes, uma personagem descrita como "a mulata", no contexto de uma peça teatral.
1905	MULATA	226	"Uma mulata, de boa no pescoço e de chapéo, veio entrando, espaventosa como um escandalo. E foi varando, sala a dentro, bravia e fula, roçando pelas cadeiras, dando tombos na gente."	OUTROS	No relato, a "mulata" aparece de forma caricata e exagerada, causando impacto e escândalo em sua entrada. A descrição "espaventosa" e os movimentos desordenados, "dando tombos na gente", sugerem que ela é representada como uma figura cômica ou estereotipada, reforçando imagens que provocam reações no público.

1905	MULATA	264	<p>POLITICA BAHIANA</p> <p>Uma carta vinda da Bahia e a chegada do ultimo pacote agitaram os politicos da Mulata velha.</p> <p>É um confabular sem conta. Um dialogo que ouvimos traz agua no bico:</p> <p>— Então, a chapa já está organizada?</p> <p>— Mais ou menos.</p> <p>— Desembuche, diz o que sabes.</p> <p>— As paredes têm ouvidos.</p> <p>— Caraminholas.</p> <p>— Então lá vai. Pelo 1º distrito, entram Severino, Domingos Guimarães, Leovigildo Filgueiras, dous secretários do José Marcellino e o Leão Velloso Filho.</p> <p>— O Gil Vidal? O do Correio da Manhã?</p> <p>(...)</p>	OUTROS	O termo "Mulata velha" no contexto é utilizado como uma expressão metafórica ou apelido para se referir à política da Bahia.
1905	MULATA	305	"Vestia roupa clara de casemira, bonet da mesma fazenda e gravata de fustão branco. Ao lado a sua esposa, vestida de preto e junto a creada, uma mulata, de encarnado, com uma criança nos braços."	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	O texto descreve uma mulher identificada como "mulata" na posição de criada, reforçando a associação à servidão. A presença da criança nos braços também aponta para atividades relacionadas ao cuidado doméstico, típicas da posição de ama de leite ou babá.
1905	MULATA	323	"A Mulata da Roça, Ernesto de Souza."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO	O título "A Mulata da Roça" faz referência a uma cançoneta, indicando que a "mulata" é uma personagem em um contexto musical.

1905	MULATA	349	<p>"— A Bahia... Estas cousas a gente não deve dizer, mas enfim... A Bahia parece que imitará francamente o exemplo do Estado do Rio. Não affirmo; mas são as notícias que correm pelo mundo político. E agora ellas se têm fundamentado mais, principalmente depois de uma consulta telegraphica que o governo da terra de Ruy Barbosa fez ao Estado de Minas. Dahi dizem os entendidos no vatapá — que o deputado Neiva será excluído da chapa official, mas se apresentará extra chapa e será reeleito pelo 1º distrito da mulata velha. Dizem também que essa reeleição é certa, como também é certissima na verificação dos poderes. São os entendidos que fallam; póde ser que nada disso seja verdade."</p>	NÃO SE REFERE À MULHER	<p>O termo "mulata velha" é utilizado no contexto político e geográfico, provavelmente como uma referência simbólica ou figurativa à região.</p>
1905	MULATA	338	<p>— Na mesma casa. — Mas não é mais ama secca? — Sou copeira. Atrás um preto conversava com uma mulata carregada; — Creia Vossa Excellencia que a arte de cozinheiro não dá mais nada hoje.</p>	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	<p>O trecho apresenta a figura de uma "mulata carregada" em interação com outro personagem, dentro de um contexto doméstico.</p>
1905	MULATA	358	<p>E o Chiquinho, assanhando a viola versejou para a Florinda: — Nosso Senhor que hoje nasce Fez o peccado acabar, Mas se elle olhasse teus olhos Gostava bem de peccar.</p> <p>A Florinda sorria. Era a cabeça mais estouvada do povoado, os olhos mais bonitos da redondeza. Onde repinicava a viola e o 'baião' rompia rimado e quente, la estava ella com a sua saia de barra, a cabeça florida, os hombros armando por entre rendas e a chinellinha pequena nos dedinhos do pé faceiro.</p>	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	<p>O trecho descreve Florinda em uma cena carregada de elementos de sensualidade. A menção ao "pé faceiro", aos "olhos mais bonitos da redondeza", e aos "ombros armando por entre rendas" reforça a caracterização de um contexto que exalta sua aparência e postura de maneira sensual.</p>

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados coletados no Jornal Gazeta de Notícias (1900-1905).

Tabela 5 - Ocorrências do item lexical “mulatas” no Jornal Gazeta de Notícias

ANO	ITEM LEXICAL	EDIÇÃO	CONTEXTO	CATEGORIA	EXPLICAÇÃO DA CATEGORIA
1900	MULATAS	57	"Mulatas de saia de gregas e bicos, trunfa branca, baragandans à cinta, collares e pulseiras de ouro e coral, camisas de crivo, em decote, os braços nus, côr de canella e lisos, o pano da Costa atravessando em diagonal o busto, rebolindo-se dengosas, a baterem a calçada com as chinelinhas de bico fino e salto de chapim e toda essa graça..."	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	O trecho descreve as "mulatas" de forma que enfatiza características corporais, como "os braços nus" e "côr de canella", e gestos que remetem a sensualidade, como "rebolindo-se dengosas".
1900	MULATAS	68	"Capadócios seguiam o preslito com as suas violas ennastradas de fitas e zangarreavam e cantavam; nos collos de sandalo das mulatas rebrilhavam os ouros, os mais ricos pannos da Costa encerravam as espaduas negras e de ambar e, de todas as..."	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	O texto enfatiza adornos preciosos, como "rebrilhavam os ouros" e "pannos da Costa", e atribui às "mulatas" características físicas e estéticas que ressaltam aspectos sensuais, como os "collos de sandalo" e "espaduas negras e de ambar"
1900	MULATAS	111	"Personagens— Domingos, mulato, D. Braga, José, preto, por alcunha Pai cassua, Alfredo Silva, Roberto, eslanceiro, Manuel caixeiro, Marques da Silva, Lúcio, mulato, Mário d'Ávila, Tionaz, Carvalho, Antonio, Torres, Joaquim Cardoso; Emília, D. Maria Damasceno; Martha, velha tapuia, D. Dorothea Coutinho. Negros, negras, mulatas, mulatos, etc., etc."	MULHER NEGRA PERSONAGEM DE PEÇA OU LIVRO	O termo "mulatas" é citado no contexto de uma lista de personagens de uma peça.
1901	MULATAS	283	"Nos primeiros, requintadamente produzidos, só ella entrará, alguma das suas nove criadas, tres das quaes eram mulatas, e a pessoa que regia os destinos de Portugal."	MULHER NEGRA EM POSIÇÃO DE SERVIDÃO SERVIÇO	O trecho faz referência a "criadas", três das quais eram mulatas, em um contexto que destaca a posição de serviço dessas mulheres.

1902	MULATAS	26	<p>"Acabou agora mesmo a refeição da manhã. Nas claras salas, em que o ar e a luz circulam à vontade, e nas largas varandas que olham para as arvores sempre moças da chacara e para as aguas sempre inquietas da bahia, cochilam, sentadas nos bancos, ou passeiam, arrastando as pernas tropegas, as velhas, trêmulas, pequeninas, curvadas, com as gengivas sem dentes mastigando palavras que ninguém entende, e tendo nas faces enrugadas uma serenidade que é mais do céu que da terra.</p> <p>Umás são brancas, outras mulatas, outras pretas; ha alli brasileiras, polacas, francezas, africanas; cada uma dellas tem a sua religião, cada uma dellas as suas crenças e os seus habitos. O manto cari-"</p>	OUTROS	<p>O trecho descreve uma cena no Asilo S. Luiz na Ponta do Cajú, onde se encontram mulheres de diversas origens, incluindo "mulatas". O contexto é neutro e descritivo, focando nas características das mulheres e no ambiente do asilo.</p>
1903	MULATAS	181	<p>"— O que é certo, — disse o velho marinho, alegrete com o vinho de Chypre, que circulava entre os convivas durante a conversação, — o que é certo é que, segundo a mudança de estação, nós também deixávamos as mulatas de Martinica pelas pescadoras de S. Pedro-Miquelon ou da Terra Nova."</p>	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	<p>O trecho utiliza o termo "mulatas" dentro de um contexto que sugere relações afetivas ou sexuais associadas à troca sazonal de parceiras, evidenciando uma objetificação das mulheres com base na raça e geografia.</p>

1904	MULATAS	89	<p>"E havia por alli captivos claros, moços de pelle finissima e cabello liso, verdadeiros brancos escravizados, descendentes do longo cruzamento das mulatas com os senhores e em raros o apuramento do sangue era tão perfeito, que, por pilheria se contava, terem viageiros adiantes, os acariciado quando pequenos, suppondo o objecto de seus mimos algum filho legítimo do dono da escravatura."</p>	<p>MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS</p>	<p>O texto aborda o "cruzamento das mulatas com os senhores" como uma prática recorrente e valorizada pela "perfeição" dos descendentes, o que destaca a exploração sexual das mulheres negras no contexto escravocrata.</p>
1904	MULATAS	98	<p>A atmospheria, impregnada de cheiros máos de pó de arroz e de suor, suffocava. Encostei-me ao portal indeciso. Remexia e gania entre aquellas quatro paredes o mundo estercorario do Rio. Velhos viciados à procura de emoções novas, fusias hystericas e nymphomaniacas, mulatas perdidas, a ralé da prostituição, typos ambiguos de calças largas e meneios de quadris, caras lividas de rodeurs das praças, homens desbriados, toda essa massa heteroclita cacarejava impaciente para que começasse a orgia. Os velhos tinham olhá</p>	<p>MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS</p>	<p>O texto descreve as "mulatas" como parte de um cenário urbano decadente e carregado de elementos sensuais e sociais específicos. As "mulatas perdidas" aparecem associadas à "ralé da prostituição", compondo um ambiente descrito como opressivo, com cheiros fortes e uma atmospheria pesada. As referências às "fusias hystericas e nymphomaniacas" e à "ralé" sugerem uma tentativa de pintar uma cena vívida, onde essas figuras femininas são colocadas como parte de um grupo marginalizado e envolto em práticas noturnas e ilícitas.</p>

1904	MULATAS	101	<p>"Essa gente cura, salva, desfaz as desgraças, ergue o véo da fortuna, faz esperar, faz crer, vive em prédios lindos, em tapeçarias, em castiçolas – é o conjunto das pithonisas modernas, as distribuidoras de oráculos. Em meio tão variado ha de haver ignorantes – a maioria – cartomantes que vêm nas cartas caminhos estreitos e caminhos largos e não sabem nem distribuir o baralho, somnambulas falsificadas, portuguezas e mulatas que se aproprião as propriedades dos africanos, e mulheres inteligentes que conversam e discutem."</p>	OUTROS	<p>O trecho menciona as "mulatas" em um contexto que descreve um grupo de personagens variadas ligadas às práticas religiosas e espirituais no Rio de Janeiro. A passagem, retirada de um texto intitulado "As sacerdotizas do futuro", apresenta as mulatas como parte de um conjunto mais amplo, onde são retratadas como figuras que "se aproprião as propriedades dos africanos". A menção parece fazer referência a uma suposta relação entre as práticas religiosas de matriz africana e as figuras citadas, misturando descrições de exotismo com uma crítica implícita.</p>
1905	MULATAS	226	<p>"E desabafei, numa philosophia zangada, todo o ódio dos homens e do mundo, que me estava azedando o juizo. Por onde andava esse Deus de barbas brancas, que não entrava nos chopes para catar a miseria, que cantava nos estrados para não morrer de fome? E esses homens e essa justiça e esse Sr. juiz de orphãos por que não vinham alli buscar aquelles tristes corpos virgens, que enchafurdavam a alma por entre aquellas mesas, ouvindo ciúmadadas de quantas mulatas de bóa no pescoço houvesse por essas ruas? E aquella pobre criança, ainda por aquella sala com o arredondado do seio branco, trepada no estrado, cantando bregueirices, forçada a fazer tregeitos para chamar a freguezia e o patrão vender bebidas. E tudo isso por uns duzentos réis de gorgeta, para sustentar uma pobre velha querida, que não se levantava da cama e umas magras irmãs pequenas, que não trabalhavam ainda."</p>	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	<p>O trecho descreve um cenário de exploração e miséria, onde as "mulatas de bóa no pescoço" são mencionadas de forma sugestiva, associando-as a práticas de sedução e sensualidade no ambiente das ruas.</p>

1905	MULATAS	247	"Ha actualmente cinquenta e oito, divididas por tres salas, uma das quaes é enfermaria. A falta de logares, a promiscuidade é ignobil nesses compartimentos transformados em cubiculos. A maioria das detentas, mulatas ou negras, fusas da ultima classe, são reincidentes, alcoolicas e desordeiras. Olho as duas salas com..."	OUTROS	O trecho descreve a situação de mulheres detentas em condições precárias, destacando "mulatas ou negras" como pertencentes à "última classe" e associadas a comportamentos negativos como reincidência, alcoolismo e desordem.
------	---------	-----	---	--------	--

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados coletados no Jornal Gazeta de Notícias (1900-1905).

Tabela 6 - Ocorrências do item lexical “mulatinhas” no Jornal Gazeta de Notícias

ANO	ITEM LEXICAL	EDIÇÃO	CONTEXTO	CATEGORIA	EXPLICAÇÃO DA CATEGORIA
1904	MULATINHAS	55	"No morro do Pinto a feitiçaria impera. Numa sala baixa, iluminada a kerosene, assentam-se os ais: mulheres desgrenhadas, mulatinhas bamboleantes, negras de lenço na cabeça com o olhar alcoólico..."	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	O uso do termo "bamboleantes" sugere uma movimentação sensual e rítmica, frequentemente associada a atributos corporais que chamam atenção. Nesse contexto, as "mulatinhas bamboleantes" são descritas de maneira que remete à sensualidade, ainda que inseridas em um cenário de marginalidade e feitiçaria.
1905	MULATINHAS	247	"Ha caras vivas de mulatinhas com os olhos libidinosos dos macacos, ha olhos amortecidos de bode em faces balofas de agua ardente, ha perfis esqueléticos de antigas bellezas de calçada, sorrisos estúpidos navalhando boccas	MULHER NEGRA EM CONTEXTOS SENSUAIS OS SEXUAIS	O trecho descreve as "mulatinhas" com olhos "libidinosos", remetendo diretamente a uma

			desdentadas..."		hipersexualização das personagens. A escolha de palavras, como "caras vivas" e "libidinosos", associa uma vivacidade corporal e uma sensualidade explícita às mulheres mencionadas, mesmo em um contexto de decadência e marginalização.
--	--	--	-----------------	--	--

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados coletados no Jornal Gazeta de Notícias (1900-1905).